



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Património religioso da cidade Templária - diversidade
tipológica e espacial.O conjunto edificado de Tomar.**

Daniela Sofia Almeida Pereira

Orientador(es) | Maria do Céu Tereno

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

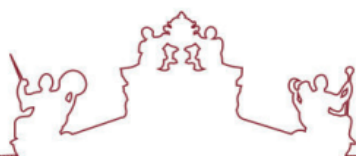
Dissertação

**Património religioso da cidade Templária - diversidade
tipológica e espacial.O conjunto edificado de Tomar.**

Daniela Sofia Almeida Pereira

Orientador(es) | Maria do Céu Tereno

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | João Gabriel Soares (Universidade de Évora)

Vogais | Manuel Francisco Patrocínio (Universidade de Évora) (Arguente)
Maria do Céu Tereno (Universidade de Évora) (Orientador)





Aos meus pais, irmã e amigos.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria do Céu Simões Tereno pelo apoio, disponibilidade constante, motivação quando esta faltava, e pela orientação que me deu ao longo da realização deste trabalho.

Ao Arquivo Municipal de Tomar pelos desenhos e informações disponibilizadas.

A todos os que de alguma forma me motivaram e auxiliaram no desenvolvimento desta Dissertação de Mestrado.

Índice

Agradecimentos	5
Resumo / Abstract	9
Introdução	10
• Objeto e objetivos/ Motivações	10
• Metodologia	11
• Estado da arte	11
Cap 1-Enquadramento histórico e geográfico da cidade de estudo	15
Cap 2-Conceitos de Património e Monumento	35
Cap 3- Os vários Estilos Arquitetónicos	39
Cap 4-Tópicos sobre as Ordens Religiosas	48
4.1-Ordem Beneditina	50
4.2-Ordem Franciscana	51
4.2.1-Ordem Franciscana Secular	52
Cap 5-Tipologias religiosas cristãs	
• 5.1-Ermida	54
5.1.1-Nossa Sra. da Conceição	56
5.1.2-Nossa Sra. da Piedade	68
• 5.2-Capela	80
5.2.1-Santo António	81
5.2.2-São Gregório	90
5.2.3-São Lourenço	92
• 5.3-Igrejas	93
5.3.1-Misericórdia/de Nossa Sra. da Graça	94
5.3.2-São João Baptista	96
5.3.3-Santa Maria do Olival	112
• 5.4-Convento	139
5.4.1-São Francisco	140
5.4.2-Santa Iria	152

Cap 6-Outras tipologias religiosas	177
• 6.1-Sinagoga	177
• 6.1-Sinagoga Tomarense	179
Cap 7-Proposta de percurso pelo património religioso de Tomar	192
Cap 8-Conclusão	205
Índice de imagens	208
• Imagens	208
• Esquema	215
• Fotografias	215
• Desenhos	216
Bibliografia e bibliotecas consultadas	219
• Livros	219
• Websites	222
Anexos	224

Resumo

A cidade de Tomar possui várias tipologias de edifícios religiosos Cristãos, desde Ermidas a Conventos, sem contar com o maior Convento do país já vastamente estudado, o Convento de Cristo, e ainda a única Sinagoga proto-renascentista do país, que refletem a história da cidade e da sua sociedade, do século XIII ao século XX, nas suas características e relações com a malha urbana.

Com este trabalho pretende-se fazer um estudo dos Templos existentes, ainda em uso e dos encerrados, suas características e estado de conservação, possibilitando um melhor conhecimento destes e promovendo, tanto quanto possível, a sua dinamização, em especial dos que se encontram actualmente encerrados, através de alguns programas culturais e de um percurso histórico-arquitetónico.

Abstract

Religious heritage of the Templar city - typological and spatial diversity. The built complex of Tomar.

The city of Tomar has several types of Christian religious buildings, from hermitages to convents, not counting the largest convent in the country already vastly studied, the Convent of Christ, and also the only proto-Renaissance synagogue in the country, which reflect the history of the city and its society, from the thirteenth century to the twentieth century, in its characteristics and relationships with the urban structure.

This work intends to study the existing temples, both open and closed, their characteristics and state of conservation, in order to get to know them better and to promote, as much as possible, their revitalization, especially those that are currently closed, through some cultural programs and a historical-architectural tour.

Introdução

- Objeto e objetivos/motivações

O objeto de estudo desta dissertação são as várias tipologias de edifícios religiosos Cristãos existentes no perímetro urbano da cidade de Tomar, das Ermidas aos Conventos, bem como a Sinagoga da mesma, pois este conjunto desenhou a história da cidade e reflete a sociedade que hoje a constitui.

Como é do conhecimento geral a imagem da cidade Nabantina é um Convento, o Convento de Cristo, já vastamente estudado, pelo que no presente trabalho se optou por abordar algum do restante património religioso da cidade, numa vertente histórico-arquitetónica e incluir a Sinagoga pois considera-se que esta, para além de ser a única sinagoga proto-renascentista do país, reflete também algumas das fases que a cidade onde se implanta atravessou.

Primeiramente pretendem estudar-se as Ordens Religiosas às quais pertencem os Templos da cidade a fim de se entender a organização espacial e a composição arquitetónica dos mesmos.

Seguidamente tentar-se-á compreender como as distintas épocas de construção, ou possíveis intervenções, marcaram as várias tipologias de arquitetura religiosa Cristã, acrescentando-se posteriormente o edifício de cariz religioso judaico.

E, por fim efetuar-se-á um levantamento histórico-arquitetónico do objeto de estudo a fim de se assinalar a evolução que pode ter sofrido ao longo do tempo, registando assim características que podem não mais existir bem como outras que não façam parte dos edificadados originais, sendo consequência do avançar dos tempos e reflexo dos gostos ou variações económicas que o país certamente atravessou, propondo-se ainda um percurso pelos mesmos a fim de se dar a conhecer tão rico património e podendo contribuir para intervenções futuras.

- Metodologia

A dissertação apresentada consiste num estudo do património religioso da cidade de Tomar com a intenção de promover um melhor conhecimento do mesmo e poder auxiliar futuras intervenções tendo assente, inicialmente, numa recolha bibliográfica relativa às Ordens Religiosas, estilos, e edifícios em causa, a que seguirá um tratamento da informação recolhida e um levantamento topográfico, histórico, arquitetónico, e fotográfico dos mesmos.

- Estado da Arte

Como mencionado em “DE TOMAR” da autoria de Amorim Rosa, a cidade de Tomar, denominada Naba pelos Lusitanos e Sellium pelos romanos, foi casa de várias comunidades e em 653 possuía já dois Conventos de Ordem Beneditina, um masculino no local da atual Igreja de Santa Maria do Olival e um feminino, à altura denominado de Santa Clara, onde se encontra o atual Convento de Santa Iria, restaurado entre 1467 e 1536 e cuja Capela-mor foi reconstruída em 1610.

Mais tarde esta terá sofrido várias invasões e apropriações, até ser abandonada durante a reconquista Cristã, e quando se construíram e reconstruíram vários castelos para defesa do Tejo, de Santarém à sua junção com o Zêzere, D. Gualdim Pais achou de toda a utilidade edificar um Castelo, iniciado a 1 de Março de 1160, num monte junto à arruinada Sellium e utilizando pedras provenientes desta.

Por esta altura ter-se-á reconstruído a Igreja de Santa Maria e edificado a sua torre, havendo já registo de uma Capela onde hoje se encontra a Igreja de São João, intervencionada no tempo de D. Manuel e de D. Fernando.

Segundo “A Arquitectura Manuelina” de Pedro Dias, este estilo começou por se manifestar no território nacional “no claustro da Sé Velha de Coimbra”(Dias:25) e, no que diz respeito à arquitetura do século XIII, “A Arquitectura Gótica em Portugal”, de Mário Chicó, menciona que “é na época brilhante de D. Manuel I (1495-1481) que é maior a variedade de correntes arquitectónicas”(Chicó:16) e mais vincada a “popularização dos motivos eruditos”(Chicó:16), enquadrando-se nesta altura as Igrejas com cinco Capelas, com Capela-mor iluminada por finas frestas e fachada principal marcada por grandes rosáceas de que é exemplo a Igreja de Santa Maria do Olival em estudo, e em 1510 um excelente exemplo do Gótico flamejante, segundo “HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL” de M. Chicó, M. J. Mendonça, F. de Pamplona e D. Peres (vol.2 cap.V), é a Igreja de São João Baptista fortemente marcada pelo seu portal ornamentado, sendo que neste ano D. Manuel fundou também, no Hospital de Santa Maria da Graça fundado por D. Henrique, a Misericórdia da cidade.

Um pouco mais tarde, como mencionado em “A ARQUITECTURA PORTUGUESA CHÃ Entre as Especiarias e os Diamantes” da autoria de George Kubler, as preferências artísticas no país sofreram uma recessão, entre 1520 e 1530, abandonando-se a ornamentação Manuelina para dar lugar a uma arquitetura mais “tradicional”, implementando-se a construção das chamadas “igreja-salão” ou Hallenkirche, de que é exemplo a Capela de Nossa Senhora da Conceição datada de 1572 e da autoria de Torralva, e voltando a grande decoração aproximadamente em 1700.

A igreja da padroeira da cidade, Santa Iria, data de 1536 e incorporava o Convento do mesmo nome fundado em 1467 sobre as ruínas do que inicialmente seria um Recolhimento de devotas, convertido num Convento fundado em 1523, cujas obras da Igreja terão começado sob liderança de Castilho e contado com a participação de João de Ruão no portal, na janela da fachada principal e na Capela dos Vales cujo acesso é enquadrado por “colunas-balaústres, com frontão triangular armoriado e medalhões nas cantoneiras”, como mencionado em “João de Ruão: escultor da Renascença Coimbrã”, datado de 1980.

Passando despercebida, no meio de todo este patrinónio, a Sinagoga que, segundo Paulo Pereira em “Arte Portuguesa. HISTÓRIA ESSENCIAL”, publicado em 2011, foi o primeiro exemplar “de espaço unificado” do país, que embora não possuísse uma sala de estudo avançado/midrash, ou uma de ensino infantil, já tinha uma dimensão considerável.

1 - Enquadramento histórico e geográfico da cidade de estudo

A origem toponímica de Tomar é uma questão nada consensual entre os historiadores, podendo relacionar-se com a devoção do seu fundador, D. Gualdim Pais, a São Tomás que foi Arcebispo de Cantuária, provir da palavra árabe *Tamarman* numa menção ao rio Nabão, posteriormente adaptada para Thomar, ou da palavra “Tomo” ou “Tumo” que provém da palavra árabe *Thymus*, que significava tomilho, à qual se anexou o prefixo “ar”, e ainda, segundo a “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, ter origem germânica, tendo nascido da palavra *Theodemari*, datando de 1135 a primeira menção de Tomar já com este nome, altura na qual os cristãos aqui foram derrotados pelos muçulmanos na sua tentativa de estender o seu domínio até ao Tejo, tendo esta cidade libertado-se dos muçulmanos após a conquista de Santarém em 1147.

Outro ponto que não reúne consenso é a origem da cidade, que a maioria defende ter os seus primórdios numa povoação romano-visigótica de bases lusitanas que terá existido à beira-rio até às Invasões Árabes, enquanto outros, entre os quais Garcez Teixeira, defendem a pré-existência de uma villa romana denominada Sellium.



Img. 1-Torre do castelo Templário.



Img. 2-Muralha do castelo Templário.

De facto, encontraram-se vestígios arqueológicos que comprovam a existência de uma comunidade romana à qual se sucedeu um povoado godo, cujos Paços ficariam junto à Igreja de Santa Maria do Olival que, segundo Fr. Agostinho, terá sido a única a sobreviver à Invasão Muçulmana.

O território de 40.000 hectares que abrangia o antigo Termo tomarense, é marcado por terrenos acidentados e xísticos, calcários menos acidentados, e alguns mais férteis e baixos, argilosos, arenosos ou argilo-calcários e no período Jurássico esta zona fazia parte de um “mar interior”¹ constituído por uma sequência de lagos que vinha de Sintra até aqui, e mais tarde deu lugar às Lezírias do Tejo e Sado bem como “às várzeas do Nabão”¹.

Esta região, principalmente à beira-rio, terá sido ocupada, pelo menos, desde o Paleolítico, devido à fertilidade dos solos e abundância de água, como comprovam alguns achados descobertos nas margens do rio Nabão, Ribeira da Beselga, e em algumas quintas e outeiros nas proximidades, e tendo-se encontrado vestígios de uma povoação indígena dos séculos IV a I a. C. na zona da Alameda 1 de Março, protegida por um fosso e uma paliçada, e com a sua necrópole onde se veio a edificar o Fórum romano.

1 PINTO, Ricardo Santos - Tomar- Na Terra dos Templários, Hestia editores, 2004. ISBN 972-8741-10-3, p. 8



Img. 3-Muralha do castelo Templário.

Descobriu-se ainda uma outra povoação pré-romana na colina onde se implanta o castelo, vindo o nome da região do Deus da água dos lusitanos denominado *Nava* ou *Navia*, e o nome do rio Nabão da sua variante *Nabaniis*, lusitanos estes que mais tarde se adaptaram à organização romana e o conceito de Castro pré-céltico foi substituído pelo *Opiddum* como o que compreendida a área entre a Igreja de Santa Maria do Olival, a Ponte D. Manuel, e a Praceta Raul Lopes.

A *Naba* dos celtiberos foi então denominada de *Sellium* pelos romanos, que aqui se implantaram no séc. I d. C. e cujo plano urbanístico remonta à época de Augusto.

Com os romanos os pequenos e antigos castros dispersos deram lugar a comunidades mais consolidadas em terrenos férteis e de mais fácil acesso, constituídas por várias *villae* responsáveis por variadas culturas e produções, desde azeite a lacticínios, passando por moagem, tecelagem ou metalurgia, que permitiam o sustento próprio das suas comunidades e abasteciam a cidade principal, mantendo-se mesmo até à Idade Média, como era o caso de Cardais, localizada na margem esquerda do Nabão, a 2km de *Sellium*, desenvolvida em torno de uma vivenda abastada de 4020m².



Img. 4-Vista urbana do Castelo Templário.



Img. 5-Pormenor da Charola.

Tomar, na época romana denominada *Saelium*, depois *Seiliume*, por fim, *Sellium* foi fundada pelo Imperador Augusto e chegou a ser “capital do município” e até “uma das 77 civitate estipendiárias”² numa área que era delimitada pela Rua Carlos Campeão, pela Manuel de Matos, a da Cascaqueira e a de Santa Iria, cujo *Decumanus Maximus* se localizaria aproximadamente no alinhamento da Alameda 1 de Março que por sua vez está praticamente em linha com a antiga ponte romana.

Dessa altura restam vestígios do que seriam as termas, do *Fórum* visível na parte posterior do corpo de bombeiros, do *Decummanusa* Sul do Fórum, de um *Decummanus* secundário a Sul da Alameda 1 de Março, e do *Cardo* “a poente da Curia”³ entretanto sacrificado em detrimento de novas construções.

Esta era uma *villa* localizada a meio da via *Olispo-Bracara*, integrada no “*conventus scallabitanus*”⁴, também denominada Nabância, um nome que revela uma grande importância desde a era sueva.

2 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p. 23

3 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p. 24

4 DIAS, Pedro - Manuelino, À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I, Lisboa: Electa (Grupo Editorial Random House Mondadori, S. L.), 2002. ISBN:972-26-2098-3, p. 79



Img. 6-Claustro do Convento de Cristo e Charola.

Com a Invasão Bárbara em 460-470 e disputas entre visigodos e suevos o território entre Coimbra e Santarém sofreu várias mutações não tendo, no entanto, estas invasões destruído, a então Nabância pois acabou por ocorrer uma fusão entre romanos e celtiberos.

O primeiro documento em que se menciona “Nava”, mais tarde denominada Nabância e que deu origem ao nome Nabão, data de 672-680.

Nabância era à altura marcada ao centro pela Igreja de São Pedro Fins, mais a Sul por um Mosteiro beneditino que se erguia onde hoje conhecemos a Igreja de Santa Maria do Olival e a Noroeste pelo Convento de clarissas localizado onde hoje se eleva o Convento de Santa Iria assim nomeado em memória da Santa Mártir que aqui passou parte de sua vida.

Quando os romanos tentaram conquistar a Lusitânia já esta era povoada por um misto de iberos, celtas, gregos e cartaginenses, e embora a zona de Tomar já devesse ser ocupada desde tempos remotos, só a partir da povoação romana de Nabância se pode comprovar a sua ocupação, sendo *Sellium*, de limites por definir e forte importância, devido a fertilidade dos terrenos e existência de minas de ouro e prata nas proximidades, que os romanos exploravam.



Img. 7-Açude do rio Nabão.



Img. 8-Ponte de origem romana.

Esta foi substituída por uma nova distribuição Diocesana visigótica que valorizaria o espírito rural em detrimento do urbano dos romanos, da época de Santa Iria.

Comunidade que embora tenha decrescido consideravelmente a nível populacional terá sido ocupada até ao séc. VIII, determinando as Invasões Árabes algum abandono de Nabância, pois se os cristãos optaram pelos terrenos a Sul do Mondego os árabes elegeram a área a Norte do Tejo, fazendo desaparecer dos documentos os nomes das vilas romanas mencionadas.

Embora se localizasse numa zona do país, entre o Douro e o Tejo, onde havia muçulmanos e cristãos nos séculos VIII e IX destacava-se o domínio muçulmano cujos *qurans* territórios se dividiam em *kuwas* distritos entre os quais *Qulumriyya* ao qual pertenceria *Selio-Namba* Tomar.

Com a ocupação de *Quluriyya* por parte dos cristãos *Selio-Namba* terá passado para o território de *Santarín*, mas como os muçulmanos permitiam que os cristãos mantivessem os seus costumes e instituições desde que respeitassem “a autoridade muçulmana”⁵ e pagassem os seus impostos, deve ter havido um convívio pacífico até aos confrontos entre árabes e cristãos no séc. XI, ganha pelos cristãos dirigidos por Afonso Henriques, “a partir do chamado Condado Portucalense”⁶ que conquistou castelos e cedeu forais com vista a proteger a cidade de Coimbra de possíveis investidas muçulmanas, tendo para isto contado com ajuda Templária.

5 CONDE, Manuel Sílvio Alves - TOMAR MEDIEVAL, o espaço e os Homens (séculos XIV-XV). Lisboa, 1988, p. 21

6 CONDE, Manuel Sílvio Alves [et. al.] - cit. 5, p. 24



Img. 9-Roda hidráulica do rio Nabão.

Em 1147 D. Afonso Henriques, doou estas terras aos Templários, embora em outubro do mesmo ano o recém-nomeado Bispo de Lisboa, D. Gilberto, tenha impugnado tal ação, o que resultou num litígio só resolvido em 1156, atribuindo o domínio de Santarém a Fr. Gilberto à exceção da Igreja de Santiago e terras pertencentes ao castelo de Cêras.

O abandono atrás mencionado é apenas resolvido quando os Templários receberam o castelo de Cêras em 1159, e no ano seguinte D. Gualdim Pais é eleito Mestre da Ordem Templária e inicia a construção do castelo de Tomar com pedras provenientes da cidade romana arruinada, que se tornaria a sua sede e foi o maior impulsionador dos Descobrimentos na era de quatrocentos, e fundou a vila, para além de reedificar a Igreja de Nossa Senhora do Olival.

Mais tarde a vila é estruturada a partir da Corredora que articula os dois bairros iniciais, da Rua do Pé da Costa e, à beira-rio, o da Ribeira, com a subida para o castelo.

A Corredora, hoje Rua Serpa Pinto, possuía já em 1178 uma Capela de São João, visto já existir a Rua de São João e estes nomes aparecerem, por norma, devido a Templos nela existentes, que veio a dar lugar à Igreja de São João da Praça hoje denominada de São João Baptista.



Img. 10-Aqueduto dos Pegões Altos.



Img. 11-Junção do Aqueduto ao Convento de Cristo.

A ocupação do lado oposto do rio fez-se a partir da Igreja de Santa Maria do Olival, Santa Maria de Tomar na era de D. Gualdim Pais, ou também de Santa Maria de Selho, cujo exemplar hoje observado não corresponde ao Templo por este mestre erguido, mas provirá de intervenções datadas do reinado de D. João III.

Esta estaria numa zona marcada por mais cinco Capelas e teve importância tal que foi elevada a Paróquia da vila, juntando-se a Santa Maria do castelo.

Esta vila terá sofrido múltiplos danos com a Invasão Árabe de 25 de junho de 1190, levada a cabo pelo rei *Almohada Aben Josef*, que não conseguiu tomar o castelo, mas destruiu a vila que D. Gualdim Pais logo reconstruiu e poderia considerar-se concluída, assim como o castelo, em 1204.

A Ordem Templária foi fundada pelos fidalgos franceses Hugo de *Payens* e *Godofroy de Saint'Omer*, em 1118, com o intuito de proteger os crentes nas suas peregrinações a Jerusalém e instalou-se no “antigo templo de Salomão”⁷ da cidade, no reinado de Balduino II que mais tarde fez redigir as regras da Ordem baseadas na Ordem de São Agostinho.



Img. 12-Antigo Hospital militar anexo ao Convento de Cristo.

Esta expandiu-se por quinze províncias de entre as quais Portugal, tendo o seu primeiro castelo em terras lusitanas sido o castelo de Soure, sediado-se em 1136 na cidade bracarense que em 1147 recebeu “os rendimentos eclesiásticos de Santarém”⁸, possuindo estes no final do séc. XII todo o território entre os Tejo e o Mondego acima de Santarém, tendo chegado a Tomar em 1158 e começado a erigir o seu castelo dois anos depois, mantendo aqui a sua sede até à data da sua extinção, em 1312.

D. Gualdim Pais e D. Afonso Henriques decidiram proteger a estrada romana *Scalabis-Aeminium* pelo vale de Tomar pois o perigo de invasão de *Aeminium* (Coimbra) ocorria entre *Scalabis* (Santarém) e a confluência do *Zêzere* e era necessário criar uma linha de defesa da qual fariam parte os castelos de *Almourol*, Cardiga, Praia do Ribatejo, Pombal, Rendinha, Ega e Cêras substituído pelo de Tomar em 1160, tendo o rei concedido Foral a Tomar dois anos depois.



Img. 13-Calçada de Santiago para o Castelo.



Img. 14-Antigo Hospital militar e topo da Charola (vista parcial).

Apesar deste território ser pouco ocupado, não estaria deserto já que os visigodos viviam muito da terra e possuíam por aqui várias quintas, e que os árabes haviam permitido aos povos vencidos continuar a exploração agrícola que mantinham, aplicar as suas leis e até preservarem as suas instituições, vindo esta comunidade moçárabe, aliada aos Templários, a fundar o primeiro núcleo populacional de Tomar.

Núcleo este que começou por se instalar no interior da segunda cinta muralhada a Nascente do castelo, saindo depois de muralhas, mas mantendo-se junto destas, até descer à denominada vila de baixo composta pelas Ruas do Pé da Costa de Baixo e de Cima, Rua da Graça, Alto da Piçarra, pela Rua dos Moinhos, e ao núcleo da Ribeira à beira-rio, zona pantanosa, mas propícia à colocação de rodas, moinhos e lagares movidos pela força da água, até à Corredora, centro mercantil e comercial à altura denominado Campo da Lide e onde passava a Calçada de São Tiago que levava ao castelo.

Estendendo-se mais tarde até onde hoje se encontra a rotunda da vulgarmente denominada “Ponte Nova”, num misto de cavaleiros Templários, “cavaleiros vilãos, peões herdadões”⁹, mouros, escravos e outros povos, que viviam essencialmente da agricultura, até em 1314 ser extinta a Ordem, originando um declínio da vila a todos os níveis.

9 COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto -TOMAR- Perspectivas. Tomar, 1991. D.L. nº49084/91, p.45



Img. 15-Praça com Igreja de S. João Baptista ao fundo.

Mas a sua importância para o país levou a que D. Dinis conseguisse a criação de uma nova Ordem, unicamente lusa, fundada em 1319 com os bens da anterior e sediada em Castro Marim, denominada Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e que em 1356 se voltou a sediar-se em Tomar e contribuiu para o renascer da vila.

A Ordem de Cristo regulava-se pela Regra de São Bento e o seu último mestre foi D. Lopo Dias de Sousa, sucedido pelo Infante D. Henrique que foi administrador e governador da mesma e em muito contribuiu para o desenvolvimento urbano, industrial, comercial e populacional de Tomar, desenvolvimento este também marcado por obras como a da Sinagoga, da Ermida de Nossa Senhora da Conceição, da Capela de São Gregório, e pela reconstrução de São João Baptista.

No total, a Ordem dos Templários permaneceu na cidade por 152 anos e a Ordem de Cristo por 510 marcando, necessariamente, a mesma.

Geralmente as cidades medievais organizavam-se por zonas habitacionais definidas pelas profissões de quem aí vivia, e embora em Tomar não houvesse grande severidade notaram-se as divisões por questões “morais”, por exemplo, haveria uma mancebia, a zona muralhada foi transformada “em bairro eclesiástico”¹⁰ de onde os Freires só saíam com ordem superior, e ainda existia a Judiaria datada do séc. XIV.



Img. 16-Capela de S. Gregório.



Img. 17-Ermida de N. Sra. da Conceição.

O facto da população se desenvolver com base na Ordem Templária terá originado uma estrutura urbana inicial em leque convergente no sopé do castelo para fácil controlo a partir deste.

Só após a “tomada de Santarém” de 1447, foi possível a implantação na zona banhada pelo Nabão e pelo Zêzere, Nabão que há altura era denominado Tomar, nome que deriva de “tomo ou tumo” ¹¹, ou da palavra árabe *tamaramá* que significa “rio doce”.

As “igrejas fundadas pelos Templários no Ocidente” ¹² seguiram a referência do Santo Sepulcro, como acontece com a Charola do Convento de Cristo, tendo esta Ordem contribuído fortemente para a evolução da vila.

A maior evolução da vila Templária ocorreu no séc. XV, altura na qual D. Henrique assume a administração da Ordem, se traça a estrutura da vila, e se procede a várias construções nesta, desde claustros no Convento a saboarias, corrigindo-se também o curso do rio.

No Tempo de Infante D. Henrique como administrador da Ordem este iniciou a construção do Estaus que nunca terá sido finalizada, e promoveu fortemente a implantação dos comerciantes que por aqui passavam, incluindo os judeus, cuja importante comunidade fez crescer exponencialmente o número de comerciantes e banqueiros em Tomar, e destinando-lhes mesmo a antiga Rua Gil Vicente, então denominada Rua da Judiaria.

11 ROSA, Amorim - História de Tomar, p.34

12 AZEVEDO, José Correia de - Portugal Monumental, Inventário Ilustrado. Tomo VI, Ribatejo. Algés, 1993, p.204



Img. 18-Aqueduto dos Pegões Altos.

A estrutura da hoje denominada Zona Histórica datará da sua época, e serviu até de base à construção pombalina, tendo antes disso sido área de várias construções erguidas pela comunidade sem qualquer planificação, tratando-se à altura de Infante D. Henrique, D. Manuel e Marquês de Pombal, de uma vila de casas humildes, algumas alpendradas ou com quintais, numa malha de quarteirões retangulares e de zonas com limites pouco claros, e no reino de D. Fernando ter-se-á continuado a intervenção em São João Baptista, iniciada pelo Navegador, e iniciado a reedificação do Mosteiro de Santa Iria, terminada em 1536.

Antes de falecer este doou ao Convento as “boticas” cujos rendimentos financiariam os hospitais de São João e São Tiago o Velho, numa altura de grande desenvolvimento económico que chamou a Tomar grande número de mercadores, artesãos e judeus.

E já na altura dos Templários, Tomar possuía várias albergarias, gafarias e hospitais, instituições geralmente assistidas pelas Igrejas e neste caso pela Ordem, chegando a haver catorze, o de São João, os de São Brás e de São Paulo, o de Santa Maria da Cadeira, o de Santa Maria a Velha, o de São Paulo na Rua Direita dos Moinhos, uma outra no cruzamento desta com a Rua de São João, uma na Rua da Graça, e ainda o “Hospital dos Gafos de Santo André”¹³ de frente à atual Praça de Touros, o de Santa Maria a Nova, os de Santiago o Novo e o Velho, entre outros, todos eles concentrados no Hospital de Nossa Senhora da Graça por ordem do Infante.



Img. 19-Vista sobre a cidade.



Img. 20-Destaque da Igreja de São João na malha urbana.

É, no entanto, no domínio de D. Manuel, também governador e administrador da Ordem, que ocorre o apogeu marcado pela construção dos Paços de D. Manuel, actual Câmara Municipal, e da Igreja de São João, conversão do Hospital de Nossa Senhora da Graça em Santa Casa da Misericórdia e ampliação do Convento.

No que a edifícios de realce diz respeito, no interior da muralha existiria a Igreja de Santa Maria do castelo, paróquia original “do primeiro núcleo urbano”¹⁴ denominado Vila de cima, datada da fundação do mesmo e reerguida em 1459 e em 1510, que passou a Capela de Santa Catarina no “reinado de D. João III”¹⁵ e desapareceu já no séc. XIX, sendo após a sua última modificação um Templo pétreo e ameadado, de nave única, rebocado e caiado, e com teto revestido a madeira pintada, com alpendre à entrada e campanário.

Após 1530 passou a haver na “Freguesia da Sede” os Conventos de Santa. Maria do Castelo, de São João Baptista, e de Santa. Iria, as Igrejas de Santa. Maria da Graça, onde em 1510 D. Manuel fundou a Confraria da Santa Casa da Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora do Monte ou de Nossa Senhora da Piedade, a de Sto. André que ficava frente à Praça de Touros, e a de Nossa Senhora dos Anjos.

14 DA PONTE, Salete - INERFACES CULTURAIS EM TOMARCIDADE, Imp. Tipografia Central do Entroncamento, 2012, p.39

15 CONDE, Manuel Sílvio Alves. [et. al.] - cit. 5 p.134



Img. 21-Vista sobre a cidade.

D. Manuel tinha o seu palácio na cidade, mas após cedê-lo ao município mudou-se para os antigos Paços do Infante, e após o casamento com a Infanta Isabel de Castela decretou, por imposição desta e de seus pais, a expulsão dos judeus e mouros que não aceitassem a conversão posteriormente imposta, e no seu reinado terminaram as intervenções na Igreja de São João Baptista, à altura Capela Real.

Sucedeu-lhe D. João III que, a 30 de dezembro de 1551, agrega à coroa a Ordem e seu património, impondo ainda uma reforma na mesma à responsabilidade de Fr. António de Lisboa que leva à perda, em 1530, do estatuto de Freires por parte dos cavaleiros que passam a meros Monges de clausura.

No seu domínio a Igreja de Santa Maria do Olival passou a mera Capela dedicada a Santa Catarina, ganhando o seu terreiro o nome desta Santa, e a antiga Sinagoga foi transformada em prisão masculina, substituindo a que havia no castelo e mais tarde ocupou parte do edifício dos Paços do Concelho. Ainda se levou o relógio da Porta do Sol para a Igreja de São João Baptista em 1523, reconstruiu a Igreja de Santa Iria em 1536, e a Igreja de Santa. Maria do Olival, que foi também restaurada em 1550.

Em 1567 D. Sebastião edifica a Igreja da Misericórdia e após a morte de D. João III a Ordem ficou sem Grão-mestre o que afetou a vila, bem como a conquista espanhola em 1581, e conseqüente tomada de posse da Ordem por Filipe II de Espanha que continua as obras iniciadas por D. João III e começa o Aqueduto dos Pegões.



Img. 22-Vista da muralha Templária.



Img. 23-Vista urbana do castelo Templário.

A 7 de setembro de 1625, em pleno reinado de Felipe IV, iniciou-se a edificação do Convento de São Francisco, cuja construção na Várzea Grande data de 20 de julho de 1635.

Em 1732 a população no denominado Bairro de Além da Ponte era já superior ao da “Vila de Baixo” embora apresentasse uma malha irregular, e só no reinado de D. João V, entre 1689 e 1750, a vila recupera economicamente devido à melhoria das estradas entre Coimbra e Lisboa, mas no reinado de D. Maria I volta a decair pois Tomar desaparece desta ligação rodoviária e ocorrem as Invasões Francesas que saquearam e danificaram vasto património.

Depois destas, em 1840, implanta-se no adro da Igreja de Santa Maria do Olival o cemitério da vila, esta última vai recuperando gradualmente sendo mesmo elevada a cidade no dia 13 de fevereiro do ano de 1844 por parte de D. Maria tendo-se, ainda neste século, demolido a Capela de Nossa Senhora do Anjo, a Capela visigótica de São Pedro Fins e a de São Brás, em 1862 terminado a escadaria de Nossa Senhora da Piedade iniciada dezasseis anos antes, e embora tenha sido fortemente abalada pela Invasão de Almansor em 1190 e pela extinção da Ordem Templária alguns anos depois, a expansão urbana de grande qualidade na época de Infante D. Henrique muito contribuiu para tal destaque, tendo continuado no reinado de D. Manuel e ainda no período joanino e filipino.



Img. 24-Início inferior da escadaria de Nossa Sra da Piedade.

A nível urbano, a Corredoura foi delineada como ligação da ponte de origem romana à Porta de Santiago, a Rua da Graça como ligação à Porta da Almedina, a Rua dos Moinhos como ligação aos edifícios de produções variadas, e a Rua Direita da Várzea Grande para cruzamento da vila, correspondendo a atual Praça da República ao inverso de um quarteirão, e entre 1875 e 1885 a Igreja de São João Baptista foi intervencionada.

Sabe-se, porém, que muito património se perdeu no decorrer da história, incluindo algum religioso como a Capela de São Brás, a de Santo André, a da Senhora dos Anjos, a de São Pedro Fins erigida junto ao Cemitério velho, a de São Sebastião adjacente à Várzea Grande, e as de Santa Maria Madalena e de São Miguel.

O concelho de Tomar, pertence ao Médio Tejo e incorpora a antiga província da Estremadura, entre a Lezíria ribatejana e a Montanha beirã, podendo dizer-se que se localiza no Alto Ribatejo, limitado a Norte por Ferreira do Zêzere e Ourém, este último que o ladeia também a Poente juntamente com o concelho de Torres Novas, por Vila Nova da Barquinha, Constância e Chamusca a Sul, e Abrantes a Nascente, e possui 350,47km² que dizem respeito à união de freguesias de Tomar e mais dez freguesias e uniões de freguesias.



Img. 25-Rua Serpa Pinto (Corredoura).



Img, 26-Praça da República.

Uma campanha de prospeção realizada entre 1981 e 1984 confirmou a ocupação deste território desde o tempo dos autóctones, que viveram entre o séc. V a. C. e o séc. I d. C., dando ainda a conhecer o que terá sido o Fórum romano do início do séc. I, acessível por meio de umas “galerias ou pórticos que atravessavam a ocidente e a oriente a Basílica e a Praça”¹⁶, e cuja Basílica e Cúria se localizavam a Sul da Praça Pública, as *Tabernae* a Poente, e o Templo a Norte, e do qual restam pequenos alvéolos, numa área hoje limitada por inúmeras edificações e arruamentos que impossibilitam mais aprofundado conhecimento, conhecendo-se no entanto a existência de alguns bairros habitacionais em torno deste.

A Basílica era uma sala retangular de 2420m², com 11,87m de cota, pórtico interno composto por vinte colunas, e parede Norte marcada por oito pilares com pedestais honoríficos voltados para o Templo, “das quais se conservam 5”¹⁷, tribuna a Poente, uma porta de aproximadamente 2,5m de largura a Sul e que se articulava com a praça por meio das suas galerias a Poente e Nascente.

A Cúria de aproximadamente 116m² e com uma pequena sala quadrangular de aproximadamente 20,25m², assim como as duas salas a si adjacentes, eram alcançadas por meio da “nave central da Basílica”¹⁸.

16 DA PONTE, Salete - SELLIUM, Tomar romana. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da E. S. T. T. Imp. A Gráfica de Tomar, 1989. D.L. nº 27379/89, p.14

17 DA PONTE, Salete. [et. al.] - cit. 16, p.13

18 DA PONTE, Salete. [et. al.] - cit. 16, p.14



Img. 27-Alameda 1 de Março.

Das *insulae* que ladeavam o Fórum a Norte e Nordeste encontraram-se vestígios das *tabernae* que estariam originalmente “resguardadas por pórticos, suportando balcões”¹⁹, que ocupavam os pisos térreos e abriam-se, regra geral, para largas ruas, como aconteceria na zona da atual Alameda 1 de Março, tendo-se ainda em conta que os pisos térreos das *insulae* eram abastecidos pelo aqueduto, dependendo os seus pisos superiores de um fontanário público.

O plano da cidade data de 1942 é da autoria de Carlos Ramos e Emídio Abrantes, e estrutura-se a partir de dois eixos perpendiculares dos quais um se encontra na direção da denominada Ponte Velha e outro no alinhamento da Igreja de Santa Iria, formando os seus limites um losango.

Mas o que hoje efetivamente se observa pouco tem deste plano, restando praticamente a perpendicularidade.



Img. 28-Eixo da “Ponte Velha”.



Img. 29-Eixo da “Ponte Velha”.

2 - Conceitos de Património, Monumento, Salvaguarda e Conservação

O termo “Património”, provém da palavra *patrimonium* que significa herança paterna e refere-se a qualquer bem de valor social e cultural.

Enquanto para definir Património Arquitetónico é necessário entender como a herança constituiu uma identidade social e cultural, e que embora o património não se restrinja a monumentos estes fazem parte do conceito, e “Património cultural” são os monumentos, conjuntos arquitetónicos, e sítios de valor patrimonial que compõem “a envolvente histórica ou construída”²⁰.

A palavra “monumento” do latim *monumentum*, significa “lembrar”, referindo-se ao construído para recordar acontecimentos ou pessoas importantes, incluindo-se qualquer construção que possa considerar-se imagem característica de um período, ou edifício notável pela sua beleza e antiguidade, e a “nossa Lei nº13/85, de 6 de Julho, no Título I (Princípios fundamentais), Artigo 8º”²¹ define monumento como sendo as obras arquitetónicas de realce pelo “interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, técnico ou social”²².

20 TERENO, Maria do Céu - SALVAGUARDA DE MONUMENTOS ARQUITETÓNICOS DE CARÁCTER RELIGIOSO – A SÉ DE ÉVORA

21 TERENO, Maria do Céu, [et. al.] -cit. 20

22 TERENO, Maria do Céu, [et. al.] -cit. 20



Img. 30-Aqueduto dos Pegões Altos.

Um Monumento histórico é um edifício, ou vestígio do passado de importante manutenção pelas memórias ou valor artístico, não construído para o ser, mas posteriormente considerado como tal, segundo a Carta de Atenas de 1933, para a qual os valores arquitetónicos devem proteger-se se expressarem uma cultura passada e forem de interesse geral, enquanto para a Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios, (Veneza, 1964), Monumento histórico é uma obra arquitetónica ou sítio “testemunho de uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico”²³.

A salvaguarda do património arquitetónico pode considerar-se a origem das preocupações de defesa dos bens culturais, defendendo a UNESCO que salvaguarda consiste na identificação, proteção, conservação, restauro, e renovação ou manutenção dos conjuntos históricos e tradicionais, e respetiva envolvente (Nairobi, 1976), podendo considerar-se que é o ato de salvar da degradação a fim de transmitir às futuras gerações.



Img. 31-Levada que direcionava a água para as moagens, lagares, e central elétrica.



Img. 32-Coreto presente num dos jardins da cidade.

“O Congresso sobre o Património Arquitectónico Europeu” (1975), menciona “conservação arquitectónica” como sendo o mesmo que “salvaguarda”, e a Lei portuguesa “nº 13/85, de 6 de Julho, no seu Título III (...) no nº 1 do Artigo 44º” define que “A protecção, conservação, valorização e revitalização do património cultural”²⁴ devem ser impostas no ordenamento territorial.

A Carta de Veneza (1964) definiu conservação e restauro de monumentos como sendo as ciências e técnicas que auxiliam o seu estudo e salvaguarda, devendo a primeira assentar na manutenção permanente, e o segundo ser uma ação excecional que respeite o antigo e os documentos originais e se apoie num estudo histórico-arqueológico.

Resumindo, enquanto “conservação” provém do latim conservativo, consistindo em conservar ou preservar, “restauro” provém da palavra latina *restitutio* que significa restituir ou reparar, participando o arquiteto na conservação, restauro e, em alguns casos, até na renovação de patrimónios sob salvaguarda.



Img. 33-Palácio D. Manuel, atual Câmara Municipal.



Img. 34-Vãos do edifício em que Castilho permaneceu na sua passagem pela cidade.

3 - Os vários Estilos Arquitetónicos

Em 711 Portugal foi invadido por muçulmanos, mas da sua arquitetura pouco restou, pois, os cristãos destruíram quase todos os locais de oração, muralhas, e outros elementos arquitetónicos, tendo os denominados moçárabes criado um estilo, particularmente visível em Igrejas e manuscritos, devendo ter-se em conta que os edifícios religiosos acompanharam o evoluir dos tempos, adaptando-se aos diferentes estilos que refletiam os conhecimentos acumulados, como se evidencia seguidamente.

O Românico tardio dos séculos XII-XIV foi influenciado pelas Ordens de Cluny e de Cister, no Norte do país, disseminando-se o Gótico, já no séc. XIV, pelo resto do país.

Este estilo, em Portugal, era marcado pela reduzida ornamentação, construção essencialmente granítica, ostentando normalmente apenas capitéis, colunas, portais com arquivoltas, mísulas e tímpanos simples, e podendo dividir-se nos grupos geográficos do Alto-Minho ao Lima, da Sé de Braga, da Sé do Porto, dos Mosteiros de Ferreira e Paço de Sousa, e das Igrejas focadas em Coimbra.



Img. 35-Vista exterior do coro-alto do Convento de Cristo.



Img. 36-Fonte do Claustro principal do Convento de Cristo.

Já o Gótico fez-se sentir em Portugal principalmente entre o reinado de D. Afonso III e o de D. João II, altura na qual o país atravessou uma renovação artística refletida por exemplo na Igreja de Santa Maria do Olival edificada pelos Templários no séc. XII e reconstruída no séc. seguinte.

Este foi um estilo inicialmente marcado por abóbadas “sobre cruzaria de ogivas”²⁵ e nervuradas, e pelos arcos do reinado de D. Afonso III.

As Igrejas Mendicantes vieram impor a edificação de Templos de traçado e estrutura simples, numa transição do maciço para o estrutural marcado por finas paredes e arcobotantes, cujos Templos, normalmente de três naves de cobertura de madeira separadas por arcos ogivais assentes em estreitos pilares e das quais a central era mais alta, ostentavam Capela-mor semicircular e Capelas colaterais menores, sem tribuna nem trifório, e eram iluminados por vitrais e vãos da fachada principal que refletia as diferenças de cota das naves e era marcada por portal e rosácea ao centro, numa conjugação de luz e verticalidade marcantes na Europa do séc. XII ao XV.

O Ribatejo era, já nesta altura, das regiões mais ricas do país e Tomar a sede da Ordem de Cristo, possuindo a Igreja de Santa Maria, claramente gótica e que serviu de exemplo a muitas outras.



25 ALMEIDA, José António Ferreira - Tesouros Artísticos de Portugal. Lisboa, 1976, pg.22

Img. 37-Igreja Românica do Convento de Cristo (Charola).

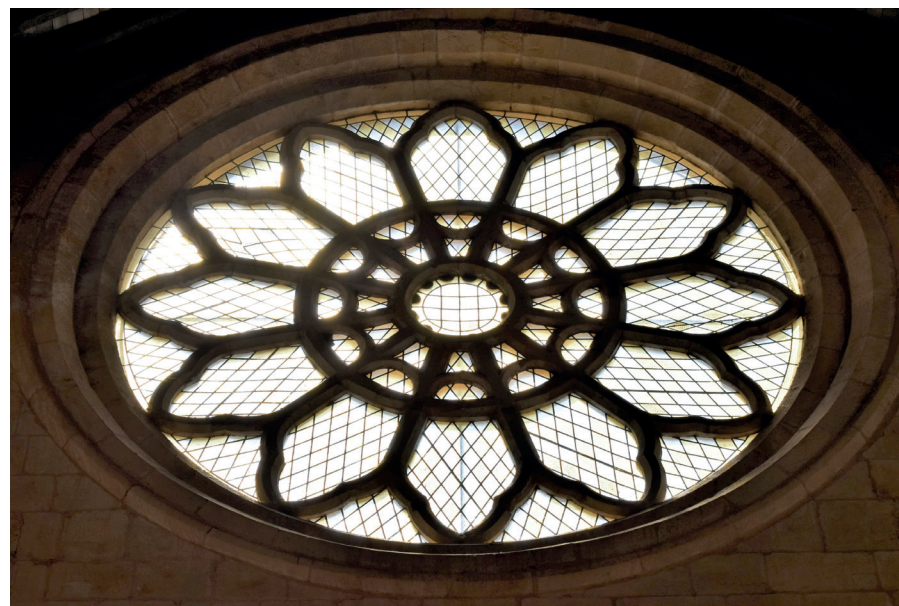
Edificada pelos Templários no séc. XII, desapareceu no reinado de D. Afonso III e foi reconstruída no séc. XIII seguindo ideais góticos, destacava-se da arquitetura do Norte por ser da autoria de mestres provenientes do estaleiro de Alcobaça, e marcada por pilastras cruciformes sem capitéis, sendo de Gótico evidente na iluminação e finos pilares.

Exteriormente evidencia-se a rosácea da fachada principal, um portal de gablete com arquivoltas assentes em colunelos de capitéis naturalistas, neste Templo de estrutura gótica com planta retangular de três naves de cobertura de madeira, divididas em cinco tramos, com Capela-mor abobadada e semicircular, nervurada e iluminada por finas frestas de um lume, e duas Capelas laterais menores, retangulares e também abobadadas.

No reinado de D. João II concluiu-se essencialmente os edifícios já iniciados e no reinado seguinte, de D. Manuel, estes foram marcados por uma forte ornamentação mantendo-se o esquema, mas implantando pilares cilíndricos nas Igrejas de média dimensão.



Img. 38-Fachada principal da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival.



Img. 39-Vista interior da rosácea da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival.

Na prática a arquitetura Manuelina inspirava-se na hispano-flamenca sendo, no fundo, um Gótico que evoluiu principalmente na arquitetura religiosa de D. Afonso V a D. Manuel, e se estendeu até ao séc. XIX, existindo edifícios de estrutura, planta, alçado e articulação volumétrica gótica, mas características espaciais e decorativas renascentistas, e elementos mudéjares.

Dominando a nível decorativo os elementos marítimos e heráldicos, as folhagens nos capitéis góticos, as mísulas, arquivoltas, e arcos “de carena, de asa de cesto, segmentares, tri e polilobados, de ferradura, redondos”²⁶ ou mistos, que apareceram com as complexas abóbadas nervuradas.

As Igrejas da transição para este estilo datam do séc. XV e mantiveram a estrutura gótica mendicante, mas alcançaram outras dimensões e apresentaram novas ornamentações, sendo interiormente constituídas por “uma ou três naves de cinco tramos, com arcadas quebradas ou de volta inteira”²⁷ apoiadas em colunas circulares ou octogonais, sem transepto e de cabeceira plana, como acontece na Igreja de São João Baptista da cidade em estudo.

26 ALMEIDA, José António Ferreira. [et. al.] - cit. 25, p.25

27 ALMEIDA, José António Ferreira. [et. al.] - cit. 25, p.25



Img. 40-Janela Manuelina do Capítulo.

Nesta altura existiam, pelo menos, três tipos de Igrejas, as Sés e Igrejas Conventuais, as Igrejas Paroquiais ricas, e as Igrejas Paroquiais mais simples e Capelas, dispoendo as Catedrais de amplos transeptos e Capela-mor, para além das outras Capelas e altares que compunham um conjunto estrutural complexo.

Nos Conventos e Mosteiros dependia se eram masculinos ou femininos e da sua dimensão. Os edifícios cruciformes ou Basilicais possuíam, vulgarmente, coro-alto de pedra ou madeira, e três portas, duas laterais e uma axial, dando uma lateral para o exterior e outra para o claustro nos Mosteiros masculinos, e havendo um coro no lugar da porta axial dos Mosteiros femininos.

As fachadas principais tinham grandes rosáceas e sobrepujando o cruzeiro havia um óculo como em Santa Maria do Olival.

As sacristias eram corpos anexos geralmente ligados à Capela-mor ou a uma colateral, e observavam-se torres avançadas em relação à fachada principal.



Img. 41-Rosácea da fachada principal da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival.



Img. 42-Óculo na fachada posterior da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival.

Quanto ao Renascimento, a sua decoração apareceu antes da arquitetura, tendo estado a mudança da ornamentação gótico-manuelina a cargo de Castilho e Nicolau Chaterenne, e sido influenciada, pelas quebras na economia do país.

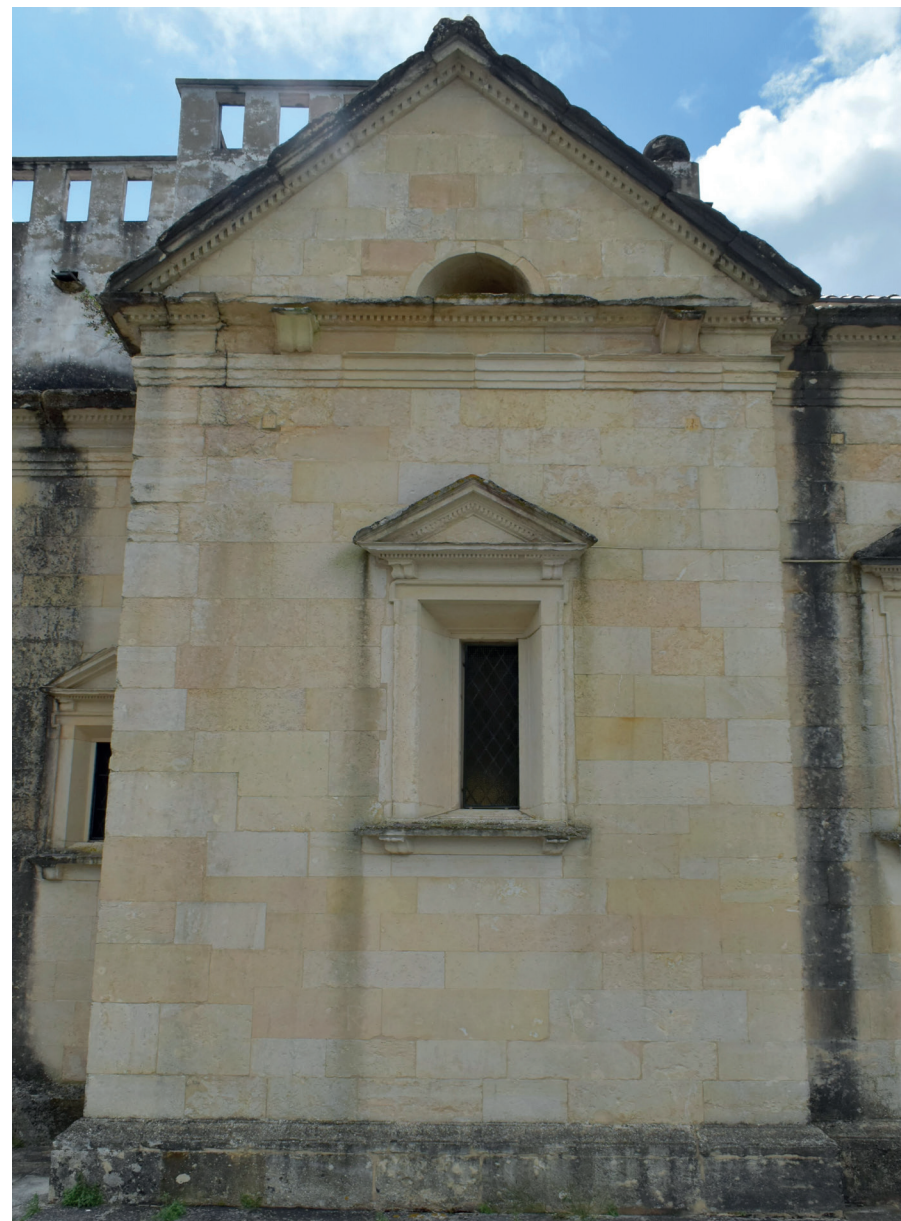
A Companhia de Jesus optou por edifícios austeros e pouco ornamentados que originaram Corrente Nacional, e só no séc. XVIII introduziu alguma decoração marcada pela “talha barroca”²⁸ sendo os seus edifícios excelentes exemplos da Arquitetura chã.

No reinado de D. João III evidencia-se a preferência por linhas simples e austeras, associadas à arquitetura greco-romana, que refletia um grande sentido de proporcionalidade, embora a arquitetura quase vernácula já existisse há muito no país.

O Renascimento português foi então marcado pelos frontões, colunas toscanas, capitéis dóricos, jónicos e coríntios, frisos, pilastras e entablamentos clássicos, tendo-se dividido em três grupos, as Igrejas de três naves e arcadas assentes em “colunas toscanas de capitéis dóricos ou jónicos”²⁹, com cabeceiras planas e coberturas de madeira ou masseira pintada, as de estrutura simples com nervuras decorativas, abóbadas, arcadas redondas, pilares cruciformes e contrafortes reduzidos a pilastras, e os Templos de abóbada de arco redondo, colunas e entablamentos romanos, e estrutura e decoração geométrica.

28 SARAIVA, José Hermano - História de Portugal 1245-1640, vol. 2. Lisboa: Publicações Alfa, 1987, p.715

29 ALMEIDA, José António Ferreira. [et. al.] - cit. 25, p.27



Img. 43-Frontão em fachada lateral da Ermida Renascentista de Nossa Senhora da Conceição. 38

Esta última vertente do Renascimento, mais simples e funcional favoreceu a adesão ao denominado Estilo-chão.

Do final do séc. XV à morte de D. Manuel em 1521 a arquitetura nacional passou por várias fases desde o reflexo Medieval ao Românico e ao Gótico presente, essencialmente, nas fachadas.

Entre 1498 e 1504 surgiu o conceito das Igrejas-salão e entre 1530 e 1540 Castilho terá edificado a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, uma pequena Igreja-salão, cujo conceito é atenuado pela articulação das abóbadas, que interiormente lembra as Basílicas cristãs, segundo Kubler, e cujas molduras salientes das janelas remetem para os palácios romanos.

Posteriormente apareceu o Maneirismo, marcado por “superfícies planas e sem profundidade”³⁰ fortemente impulsionado pela Companhia de Jesus e caracterizado por Templos de nave única com altar-mor e púlpito vistos de todo o interior daquela que era como uma sala ampla inspirada na contrarreforma.

Poderiam apresentar ornamentação plana e colorida, revestimentos a mármore e quadros, Capela-mor em abóbada de berço redondo, nave com abóbada de berço ou de caixotões, cruzeiro em cúpula e Capelas laterais comunicantes.



Img. 44-Interior da Ermida Renascentista de N. Sra. da Conceição.



Img. 45-Letreiro na Ermida Renascentista de N. Sra. da Conceição. 39

Os beneditinos também construíram nesta época, optando por Igrejas com grandes vãos na fachada e galilé antecedendo o portal- Em 1620 aparecem as fachadas com muitas janelas e um só portal- Em 1620 aparecem as fachadas com muitas janelas e um só portal, e alguns Templos apresentavam fachadas com volutas e acantos nas molduras das janelas, nichos, lápides e uma só nave retangular, sendo a estrutura oculta por ornamentação.

Já o Barroco português foi marcado pela talha dourada e pelo azulejo e, embora já existisse em 1652 uma Igreja Barroca em Lisboa com “planos ondulados até às cúpulas”³¹, tendo sido João Frederico Ludovice a introduzir o Barroco no país, estilo que no Norte tinha características diferentes.

Este estilo foi ainda marcado pelas edificações cenográficas do final do séc. XVI, motivadas pela contrarreforma e pelo absolutismo. Em meados do séc. XVIII instalava-se a última fase deste, denominada Rococó, obrigando o terramoto de 1755 a uma produção em série dos componentes das reconstruções que impôs uma uniformidade arquitetónica e originou o Pombalino.

Constatando-se assim a vastidão do património religioso no geral, e como alguns exemplos em particular o refletem.



Img. 46-Interior da Igreja Barroca de S. Francisco.



Img. 47-Capela da Igreja Barroca de S. Francisco.

4 - Tópicos sobre as Ordens Religiosas

Passados quase 2000 anos “de história de religião cristã”³² era inevitável que esta se tivesse aproveitado de “fenómenos” não cristãos que deram origem às diversas Ordens, compostas por comunidades religiosas que promoviam a reforma, recriação e purificação da fé, com conceitos que assentavam, em parte, no afastamento do meio urbano para alcançar o espiritual.

Os primeiros registos de vida Monástica em Portugal remontam ao século VI, tendo sido introduzida por São Martinho de Dume. Mas já deveria existir antes, num registo severo e religioso, aparecendo só por volta do séc. X, movimentos que proporcionariam uma unidade espiritual e arquitetónica à vida Monástica Ocidental, através da Ordem de Cluny que originaria as Ordens Franciscana, Dominicana e Jesuíta, e à qual se viria a opor a Ordem de Cister que defendia uma vida mais simples, mas rígida.

Após a Primeira Cruzada (1096-1099) surgiam na Terra Santa as Ordens Militares que protegiam os locais santos ou os peregrinos que aí se dirigiam, como a Ordem do Templo.



Img. 48-Ruínas do Castelo Templário.



Img. 49-Ruínas do Castelo Templário.

32 FRANCO, José Eduardo - Dicionário Histórico das Ordens: Institutos Religiosos e outras formas de vida Consagrada Católica em Portugal, p.27

Mais tarde as Ordens Mendicantes, como a Franciscana e a Dominicana, deram preferência ao meio urbano, juntando-se posteriormente Ordens como os Carmelitas ou os Loios que eram apoiados pelo trono e pelo Clero, que tentaram uma reforma das Ordens assente na transformação dos Conventos em Igrejas ou até na sua extinção.

Estes e outros aspetos levariam ao Concílio de Trento que conduziu à expansão de Ordens como a Franciscana, numa multiplicação de Conventos e Mosteiros, que se opôs à estagnação de algumas das instituições, numa crise acentuada por fatores económicos e pelas Invasões Francesas, a que se seguiu, em 1834, a extinção das Ordens masculinas e desvanecer das femininas.

Regressando estas gradualmente, em 1848, a começar pelos Jesuítas, passando pelos Franciscanos em 1861, pelos Beneditinos em 1865, e pelos Salesianos em 1894. Em 1910 as Ordens seriam novamente extintas, e os seus bens entregues ao Estado, embora algumas se tenham mantido clandestinas até 1940.

Os Templos em estudo não abrangem todas as Ordens que pelo país passaram, mas duas das mais conhecidas e marcantes para a história do país e respetiva arquitetura, passando-se a enunciá-las.



Img. 50-Entrada do Castelo Templário.

4.1 - Ordem Beneditina

A Ordem de São Bento, ou Beneditina, resulta da junção de comunidades monásticas que seguem a Regra de São Bento de Núrsia, que promove a vida espiritual baseada no “ora e labora”, cuja missão se iniciou em Bretanha, manifestando-se a adesão a esta com a gradual “internalização de prescrições da Regra em Regras pré-existentes (...) e a multiplicação de fundações a ela obedientes”³³ difundidas por Gregório Magno, começando pela edificação de Mosteiros regidos pela Regra, e culminou com o triunfo de Cluny no séc. X.

No país, os monges Cluniacenses terão iniciado no Mosteiro de Tibães, e com o Concílio de Trento a Ordem adotou “o sistema de congregações”³⁴ de província que entregou os Mosteiros aos Bispos, tendo sido os que não aceitaram as novas Regras intitulados Velhos Beneditinos.

Em 1821 foi proibida a aceitação de Noviços nas Ordens Monacais e no ano seguinte extinguíram-se vários Conventos. Em 1823 D. João VI reverteu a situação e em 1834 as Ordens eram novamente extintas.



Img. 51-Igreja de Sta. Maria do Olival, construída sobre Mosteiro Beneditino.



Img. 52-Convento de Sta. Iria, construído sobre Mosteiro Beneditino.

33 FRANCO, José Eduardo. [et. al.] - cit. 32, p.63

34 FRANCO, José Eduardo. [et. al.] - cit. 32, p.67

4.2 - Ordem Franciscana

A Ordem Franciscana, dos Frades Menores ou Menoritas, Seráfica, dos Capuchos, Capuchinhos, Conventuais ou Recoletos, tratava-se de uma Ordem Mendicante focada nos desfavorecidos e marginalizados, que se ocupava da pregação, possuindo desde Hospitais a abrigos, e implantando-se geralmente nas envolventes das cidades.

Esta possuía um ramo feminino, as Clarissas, que seguia a Regra inspirada na fundadora irmã de S. Francisco de Assis, e as Ordens Terceiras que aceitavam casados e viúvos e pretendiam “cristianizar” os modos de vida.

Em Portugal implantaram-se por volta de 1216, na cidade de Guimarães, embora dois anos antes já existisse um Convento denominado de São Francisco em Bragança. Começando por construir Eremitérios que cresceram com o apoio da coroa, e desde o séc. XIV confrontavam-se a Clausura, ou Conventualismo, e a Observância, instalando-se a segunda no país em 1392.

Em 1517 a Ordem dividiu-se em Frades Menores da Regular Observância e Frades Menores Conventuais, os primeiros com vinte e sete casas e sediado em São Francisco de Lisboa e o segundo com vinte e duas casas e sediado em São Francisco do Porto.

Nas ilhas as três casas do arquipélago da Madeira eram Observantes e as cinco dos Açores Conventuais, tendo-se em 1833 suprimindo os Conventos abandonados ou pouco ocupados até, em 1834, se extinguirem as Ordens masculinas, só voltando a Ordem Franciscana ao país em 1861.

Os Conventos dos Franciscanos Conventuais normalmente implantavam-se em centros urbanos, mas esta Ordem foi extinta em 1568, regressando só em 1978.



Img. 53-Vista da Igreja de S. Francisco.

4.2.1 - Ordem Franciscana Secular

A Ordem Franciscana Secular foi fundada em 1215 e nesta terá professado D. Sancho II, D. Afonso IV, D. Fernando, D. João I, D. Duarte, e D. Afonso V, havendo já em 1232 seis Conventos em Portugal continental.

Do séc. XII ao XV existiu a “fraternidade da Santa Sita”³⁵ já referida em 1392, que possuía “todas as imunidades, isenções e privilégios”³⁶ e seria sede de uma província Terceira Secular.

Estes facultaram a sua Capela aos Franciscanos Menores da Província de Portugal em 1423, mas os privilégios cedidos aos Franciscanos Seculares, acabariam por os arruinar no séc. XVI, tendo a recuperação da Ordem Secular ocorrido no séc. XVII.



Img. 54-Vista da Igreja de S. Francisco.



Img. 55-Vista do Convento de S. Francisco.

35 FRANCO, José Eduardo. [et. al.] - cit. 32, p.247

36 FRANCO, José Eduardo. [et. al.] - cit. 32, p.243

5 - Tipologias religiosas cristãs

5.1 - Ermida

Cada lugar tem a sua identidade, em parte definida pelos elementos que o constituem, tendo estes elementos as suas características próprias, como nos edifícios religiosos, que se adaptam às funções neles desempenhadas.

No caso das Ermidas, normalmente, possuem estruturas retangulares compostas por nave e cabeceira, e são pouco iluminadas, podendo a nave e a cabeceira pertencer ao mesmo conjunto ou ter dimensões distintas aparecendo, excepcionalmente, Ermidas de planta centralizada.

Estas, geralmente possuem uma só nave, podendo apresentar duas quando se trata de uma junção de dois edifícios, ou três maioritariamente quando foram ampliadas ou adaptadas a outro tipo de Templo.

Estes pequenos Templos consistem apenas em altar e retábulo-mor, apresentando coberturas de duas águas ou em cúpula, numa simplicidade e carácter esporádico que levava a que, normalmente, tivesse uma só entrada, oposta ao altar, e por vezes precedida de nártex, sendo as Ermidas mais complexas resultado de sucessivas adaptações e podendo ter uma ou mais Capelas incorporadas, sacristia, e outras dependências.



Img. 56-Ermida de N. Sra. da Conceição.



Img. 57-Ermida de N. Sra. da Piedade.

Existe alguma semelhança destas com os edifícios civis no que toca à sua escala, resumindo-se ao estritamente necessário à sua função e sendo normalmente pouco ornamentadas.

Tratam-se, sucintamente, de edifícios culturais semelhantes mesmo que em locais distintos, que apresentam geralmente as seguintes tipologias:

- Planta longitudinal de nave única sem Capela-mor destacada;
- Planta longitudinal de nave única com Capela-mor destacada;
- Planta centralizada.

O espaço envolvente a este tipo de Templo e a sua atmosfera interior ajudam a definir o seu carácter, para além de cada elemento que o constitui.

Determinante na definição de carácter interior é a luz, que possui um papel essencial para evidenciar as massas e a volumetria do espaço, focando-se normalmente a pouca iluminação destas na imagem/reliquia do altar-mor, geralmente símbolo da sua sacralização.



Img. 58-Fachada posterior da Ermida de N. Sra. da Conceição.

5.1.1_ Nossa Senhora da Conceição

A arquitetura portuguesa sofreu várias alterações no fim do domínio de D. João III, acompanhando a entrada no denominado Período Sebástico, e sendo fortemente marcada pelo “maneirismo italiano”, de simplicidade, austeridade, clareza e funcionalidade bem vincadas.

Um estilo chão que entre 1498 e 1504 deu origem ao conceito das Igrejas-salão e evoluiu até ao final do século XVII.

A adaptação portuguesa a este estilo foi posta em prática com o desaparecimento de parte da ornamentação para dar lugar a algo quase uniformizado, e adotando-se novas proporções e tipos arquitetónicos como reflete a Ermida de Nossa Senhora da Conceição.

Maioritariamente coríntia, construída entre 1530 e 1540 por João de Castilho, e outros que lhe sucederam, sob ordem de Fr. António de Lisboa e que, segundo Kubler, interiormente lembra as Basílicas cristãs ou os Templos românicos do Sudoeste gaulês, e cujas molduras salientes das janelas e respetivos elementos remetem para os palácios romanos, tendo referências mais espanholas que italianas na ornamentação plateresca, na planta e nos frontões do transepto.



Img. 59-Fachada principal da Ermida de N. Sra. da Conceição.



Img. 60-Vista da Ermida de N. Sra. da Conceição.

Foi considerada Monumento Nacional em 1910 e é tida como sendo dos mais importantes monumentos “da arquitetura do Humanismo”³⁷ nacional. Implanta-se no morro do castelo, destacando-se da cidade, numa construção calcária que exteriormente aparenta ser de uma nave, mas possui três naves, e embora apresente um traçado austero os seus vãos ritmados sabiamente emoldurados, e as mísulas trabalhadas das janelas contrariam tal aparência.

Ainda hoje se questiona se o autor da Ermida é realmente João de Castilho, Diogo de Torralva, o até mesmo Francisco de Holanda, hipótese última levantada por Jorge Segurado nos anos 70 do século passado.

Francisco de Holanda pode ter tido mão na ousia, na “porta-janela da nave Sul”³⁸ ou na ornamentação dos panos interiores com referências a Miguel Ângelo, mas não terá sido o autor principal, e Diogo de Torralva poderá ter participado na construção desta, como se pode presumir após leitura de alguns manuscritos, mas também não será o seu autor.



37 COELHO, Maria de Conceição Pires - A Igreja de Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar, Santarém, 1987. D.L. nº 14375/86, p.113

38 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.265

Img. 61-Vista da Ermida de N. Sra. da Conceição.

Em suma, embora Francisco de Holanda possa ter tido participação teórica na obra, e Torralva e Terzi possam ter participado na sua materialização, será Castilho, tal como defender Kubler, o autor do projeto, tendo Torralva participado nesta obra após desentendimentos entre Castilho e Fr. António de Lisboa.

A lápide presente nesta, confirma que Castilho não terá acompanhado todo o processo pois menciona que esta terá sido terminada em 1572 e o arquiteto terá morrido por volta de 1551.

Estilisticamente esta é um exemplar de aparência clássica, mas já com elementos maneiristas de projeto original de Castilho cujos capitéis das pilstras revelam uma riqueza com vastos elementos frequentemente usados por este, mas cujos vários componentes de suporte da abóbada de berço revelam alguma estranheza para uma obra de um arquiteto que dominava a estrutura de Igreja-salão.

Já na segunda metade do séc. XX procedeu-se ao embelezamento do espaço que a envolve.



Img. 62-Teto da Ermida de N. Sra da Conceição.



Img. 63- Vista da Ermida de N. Sra da Conceição.

Trata-se de um pequeno Templo basilical de planta retangular datado do séc. XVI construído para ser Capela funerária de D. João III, semelhante a um Templo grego nas proporções harmoniosas, com “ligeira sacada de dois corpos laterais”³⁹, cruzeiro na verdade inexistente, e cabeceira em cruz grega que é a maior referencia greco-romana na Península Ibérica da autoria de Castilho, que a iniciou, vindo esta a ser concluída por Diogo de Torralva que será autor da relação exterior da abside e da cúpula com o seu coroamento.

Esta terá sido restaurada em 1848 e um ensaio que não se repetiu, mas pretendia mudar a tendência manuelina economicamente insustentável, ao ser como uma caixa desenhada e coroada por frontão, um Templo com as naves em abóbada reproduzidas nas Igrejas-salão nacionais após 1550 que merece destaque pela sua implantação urbana e proporções, pelos vãos perspeticados segundo o percurso solar e articulação espacial do interior sabiamente iluminado, pelos capitéis de ornamentação coríntia, pilastras com cruzetas e cúpula com caixotões quadrangulares despojados de nervuras.

É exteriormente marcado pelas formas geométricas, frontões lisos, e vãos com modilhões perspeticados, sendo a fachada principal orientada a Poente marcada a toda a largura por um frontão triangular com óculo semicircular na base e rematado superiormente por uma cruz, bem como pelo portal principal rematado por verga reta e ladeado por dois vãos.

39 Ermida da Conceição = Chapelle de l’Immaculée Conception = Chapel of the Conception; Comissão de Iniciativa de Turismo do concelho de Tomar, Tomar, pg.3



Img. 64-Falso cruzeiro da Ermida de N. Sra. da Conceição.

Os cunhais desta fachada são rematados por capitéis jónicos com volutas, e o topo exterior das fachadas marcado por um entablamento em arquivado interrompido por gárgulas, e com cornija denticulada, apoiando-se o Templo sobre “moldura de papo de rola”⁴⁰.

A Sul encontram-se seis vãos, dos quais três iluminam a nave central, dois de dimensões mais reduzidas a ousia e outro o transepto, bem como uma porta com frontão marcado por óculo semicircular “de “voussure” côncava e oblíqua”⁴¹, segundo as referências de Miguel Ângelo ao eixo da nave.

O lado oposto é marcado por aberturas semelhantes, embora não ostente porta alguma e apresente um óculo no lugar do último vão da ousia.

A fachada Nascente apresenta apenas uma simples porta ladeada por frestas horizontais na ousia, bem posteriores à construção da Ermida.

As portas Poente e Sul são acessíveis por meio de três degraus curvos, e as janelas apresentam frontão triangular denticulado e mísula em voluta com ranhura profunda.



Img. 65-Alçado direito da Ermida de N. Sra. da Conceição.



Img. 66-Alçado esquerdo da Ermida de N. Sra. da Conceição.

40 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.213

41 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.212

As naves possuem cobertura de duas águas em telha verde e o transepto é centralmente rematado “por calote semi-esférica”⁴² enquadrada num plinto quadrangular, e é um Templo acessível por duas portas de linhas retas, com cunhais de pilastras jónicas e cimalha denticulada, e apresenta ainda doze vãos perspetivados e coroados por frontões sobre mísulas perspetivadas.

Todo o edifício é em cantaria à exceção da parte superior da ousia que, desde o entablamento, é em alvenaria o que levanta a hipótese de terem existido duas fases de construção, e um dos principais elementos para a qualidade espacial desta Ermida é a luz, que equilibra as estreitas e altas naves e articula a luminosidade dos espaços centrais com as sombras das abóbadas, contrastando a sua iluminação, formas e proporções interiores com a austeridade exterior.

Possui um altar-mor de cobertura em abóbada de berço almofadada, ladoado por compartimentos também abobadados, e que ostenta frontões com espelhos cortados pela cimalha, um falso transepto que cria uma diversidade de coberturas maioritariamente de linhas coríntias, mas com os capitéis das pilastras do arco triunfal de diferentes decorações.



Img. 67-Interior da Ermida de N. Sra. da Conceição.

Este falso transepto é indicado pela mudança de direção da abóbada, e no cruzeiro possui pilastras jónicas suportando um entablamento coríntio denticulado e abóbada de florões.

A restante cobertura é de duas águas interrompidas pelo terraço, pela cúpula do transepto, e pelo corpo da escada em caracol que liga ao terraço.

A sua nave central é separada das laterais por conjuntos de três colunas coríntias ornamentadas, não possui cruzeiro, mas ostenta uma ousia de dois compartimentos “nos topos das naves laterais”⁴³, e transversais a estas formando quase um falso cruzeiro.

As naves laterais são ainda marcadas pelos tímpanos das janelas e pelas pilastras coríntias que sustentam o entablamento que rodeia o Templo, apresentando a abóbada da nave central nos seus tramos uma ornamentação de retângulos formando cruzes gregas, losangos, páteras elipsoidais, e no “rectângulo central do segundo tramo” e no “primeiro do terceiro tramo”⁴⁴ figuras diabólicas nos cantos.

Este edifício possui “ousia prismática reentrante relativamente às naves laterais e ao transepto”⁴⁵ marcando a sua volumetria exterior e mede 18.12x8.85m no total, possuindo a nave central possui 2.83m de largura e as duas laterais aproximadamente 1.98m cada, sendo estas separadas por duas filas de três colunas estruturais e decorativas, e contando-se 5.35m do pavimento à arquitrave.

43 Comissão de Iniciativa de Turismo do concelho de Tomar. [et. al.] -cit. 31 Comissão de Iniciativa de Turismo do concelho de Tomar, p.3

44 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.221

45 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 39, p.212



Img. 68-Destaque da abóbada na cobertura.



Img. 69-Destaque do terraço na cobertura.

As pilastras “comuns às naves laterais e ao transepto sobrepõem-no com um desnível de”⁴⁶ 0.32m, e as lajes do pavimento terão pertencido à Capela de Santa Catarina, em tempos parte integrante do castelo, encontrando-se algumas em forma de losango na área da cúpula.

Os braços do transepto e os vãos da abside, assim como as naves, são cobertos por abóbadas de berço, enquanto arcos torais “com três filetes chanfrados molduram o berço da abóbada principal”⁴⁷ e caixotões preenchem as abóbadas da ousia do transepto.

O cruzeiro, por sua vez, é rematado em abóbada de barrete de clérigo assente em pendentis apoiados nos quatro arcos que se elevam em planta quadrangular a cima do entablamento e ornamentados por caixotões menores.

A cúpula do cruzeiro é revestida com caixotões almofadados com páteras circulares inscritas em losangos e uma pátera elipsoidal no fecho, e a Capela-mor é em forma de nicho semicilíndrico encimado por uma concha com filetes rematados “por florão semi-circular”⁴⁸.

Sobre a ousia edificou-se um terraço com um elemento semelhante a uma guarita em cúpula coroando a escadaria em caracol que inicia na abside, cúpula esta que, assim como o eirado e a guarita, é envolta de guarda prismática com rasgos retangulares.

46 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.214

47 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.214

48 COELHO, Maria de Conceição Pires. [et. al.] - cit. 37, p.214



Img. 70-Escadaria para o terraço.

As colunas deste templo, assentam em plinto subjacente a um toro separado por uma escócia de outro toro semicircular, limitado por filetes e possuem fustes troncocónicos.

Os capitéis “*prima faciè*” são coríntios, mas as volutas são desproporcionalmente grandes como é característico do compósito, e não possuem “óvalos no equino”⁴⁹ podendo ser classificados como “compósitos alterados”, sendo ainda ornamentados.

A riqueza decorativa dos capitéis contrasta com o aspeto sóbrio da Ermida, mas a cúpula do transepto, o berço da nave central, as bases das colunas ou as mísulas das janelas já demonstram uma decoração mais contida.

A iconografia é variada, vendo-se elementos antropomórficos, geométricos e fito-zoomórficos, num conjunto pouco ortodoxo para a época.



Img. 71 -Pormenor da entrada.



Img. 72-Pormenor do frontão.

Os capitéis das pilastras que enquadram interiormente a porta principal possuem o centro em pirâmide invertida e ornamentada aludindo ao bem e ao mal, os dois pares de capitéis das naves laterais são semelhantes e apresentam dois anjos focados visualmente na entrada do Templo, o par de capitéis comum às naves e aos braços do transepto apresentam uma mulher com trajas do séc. XVI e o que parece uma serpente “cravada na cabeça de”⁵⁰, e outra de barrete semelhante ao dos peregrinos Medievais, nas pilastras dos altares do transepto apenas metade dos capitéis apresenta decoração, e o sexto par apresenta duplos capitéis de grande complexidade e riqueza iconográfica, onde se incluem Crochets feuillagés, ornamentação muito vista em capitéis Góticos, ostentando o capitel orientado para a Capela-mor um busto de um homem olhando o exterior e os capitéis Sudeste aludem à morte e imortalidade.

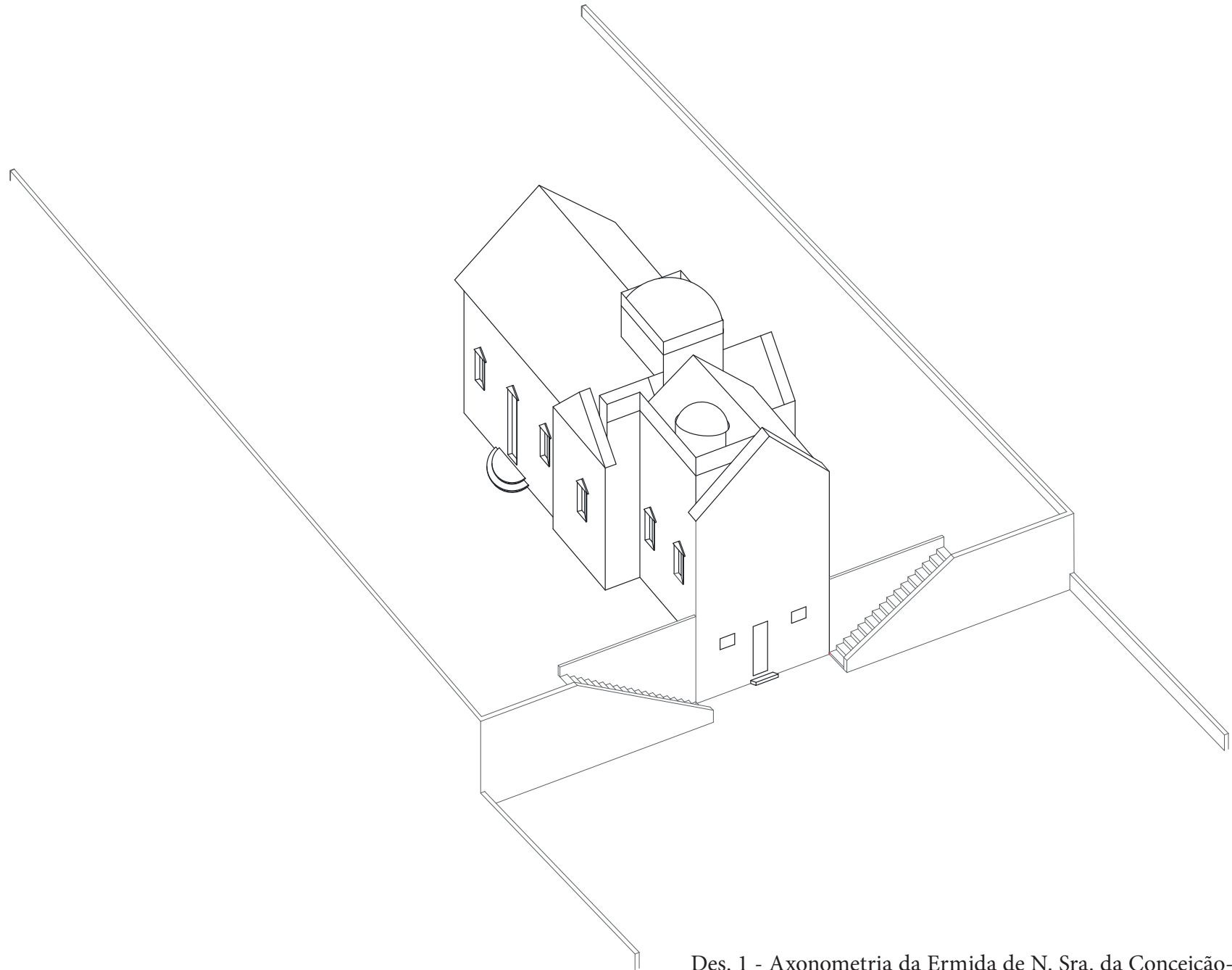
Nos capitéis das pilastras de articulação do coro e da ousia, observam-se novamente anjos, sendo impossível decifrar o que estaria nos capitéis dos vãos laterais ao coro tal o estado de degradação em que se encontra.

A decoração geométrica e o reticulado das faces das pilastras da Capela-mor e dos arcos do transepto são imagens características da obra de Castilho, principalmente o losango.

A Capela lateral Norte conduz à sacristia e a Sul culmina na escadaria para o terraço, tendo esta Ermida sido profanada nas Invasões Francesas e recuperada em 1848, como menciona uma inscrição na parede interior esquerda, à qual se seguiu a execução de três altares em estuque.



Img. 73-Vista interior do portal principal de N. Sra. da Conceição.



Des. 1 - Axonometria da Ermida de N. Sra. da Conceição- Feito pela autora com base em axonometria do SIPA.

5.1.2 - Nossa Senhora da Piedade

A Ermida de Nossa Senhora da Piedade, também conhecida como de Nossa Senhora do Monte, foi mandada edificar pelo Alcaide de Óbidos, Martim Vasques Vilela no século XIV.

Possuía no séc. XVI três portais dos quais o principal se voltava a Poente e os outros a Norte e Sul, as paredes eram compostas por pedra e cal, e possuía um campanário com um sino e um alpendre a Poente e Sul assente em colunas pétreas e indicando os cães presentes a Norte que também se pensava construir alpendre deste lado, sendo o portal ogival antecedido por este mesmo alpendre.

Foi reconstruída e restaurada no reinado de Filipe II e, segundo uma inscrição presente no lado direito do portal, novamente restaurada e modificada em 1613 pelo juiz Bernardo Ortiz Ochoa, tendo-se deslocado o campanário para o canto Nordeste e construído o alpendre Norte.



Img. 74-Fachada principal da Ermida de N. Sra. da Piedade.



Img. 75-Entrada da Ermida de N. Sra. da Piedade.

Possui planta longitudinal de nave única, e fachada frontal marcada por um óculo e pelo portal ogival com capitéis fitomórficos ladeado por duas janelas de cantaria com frontões arquitravados, tendo-se mais tarde edificado muros de suporte, alargado o adro e recebido, este Templo, a sua marcante escadaria, iluminada somente em 1957.

Apresenta teto de madeira e púlpito de cantaria, dois altares de madeira dourada e polícroma, Capela-mor em abóbada de berço com artesões de cantaria, azulejo de ponta “de diamante e rosetas”⁵¹ e altar-mor com “retábulo marmoreado e dourado”⁵² ostentando ainda azulejos setecentistas a azul e branco e a imagem da Santa que dá nome à Ermida.

Segundo uma lenda esta foi ainda, outrora, interiormente revestida de pele de cobra.



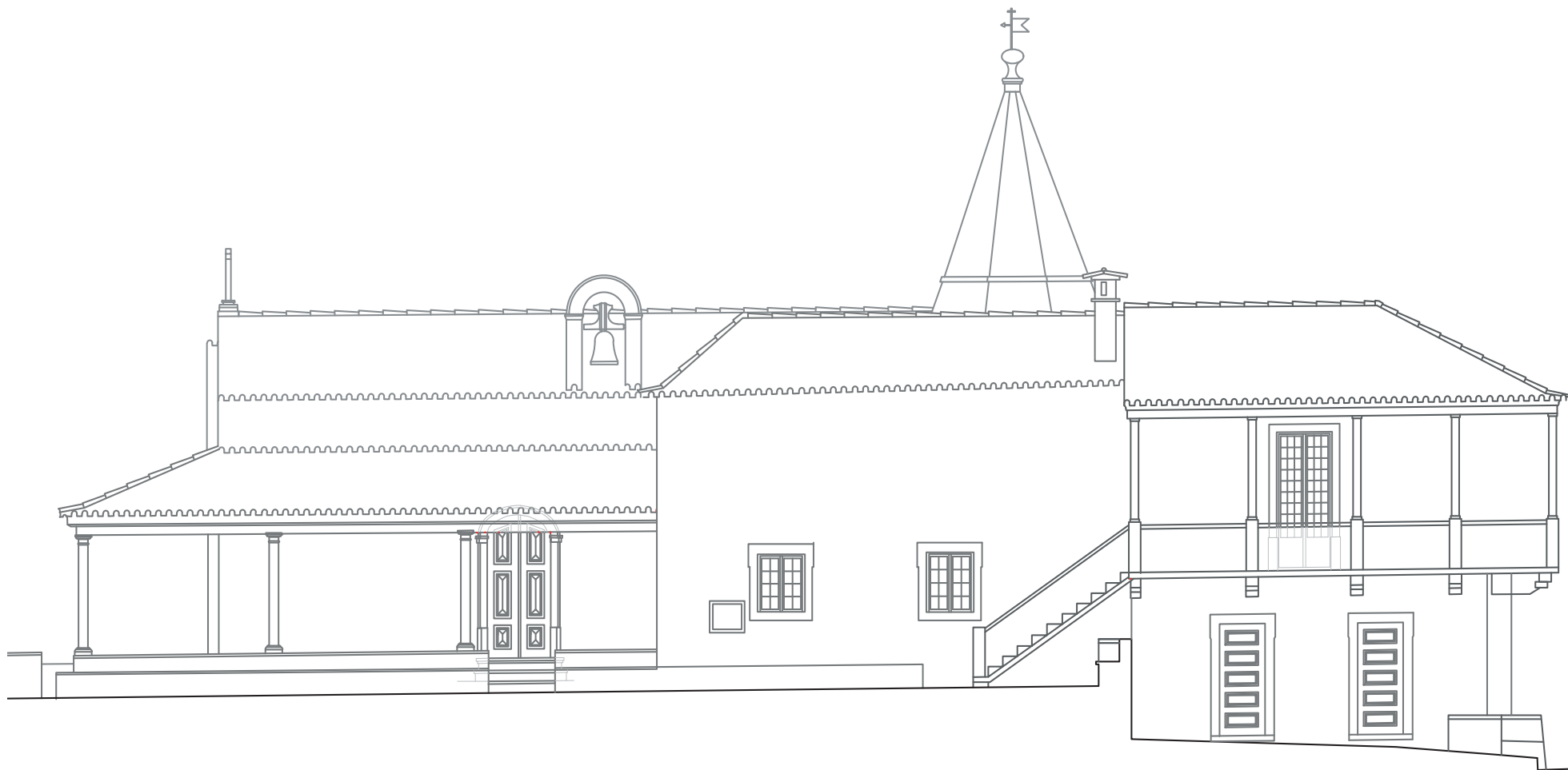
51 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p.67

52 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p.67

Img. 76-Púlpito da Ermida de N. Sra. da Piedade.



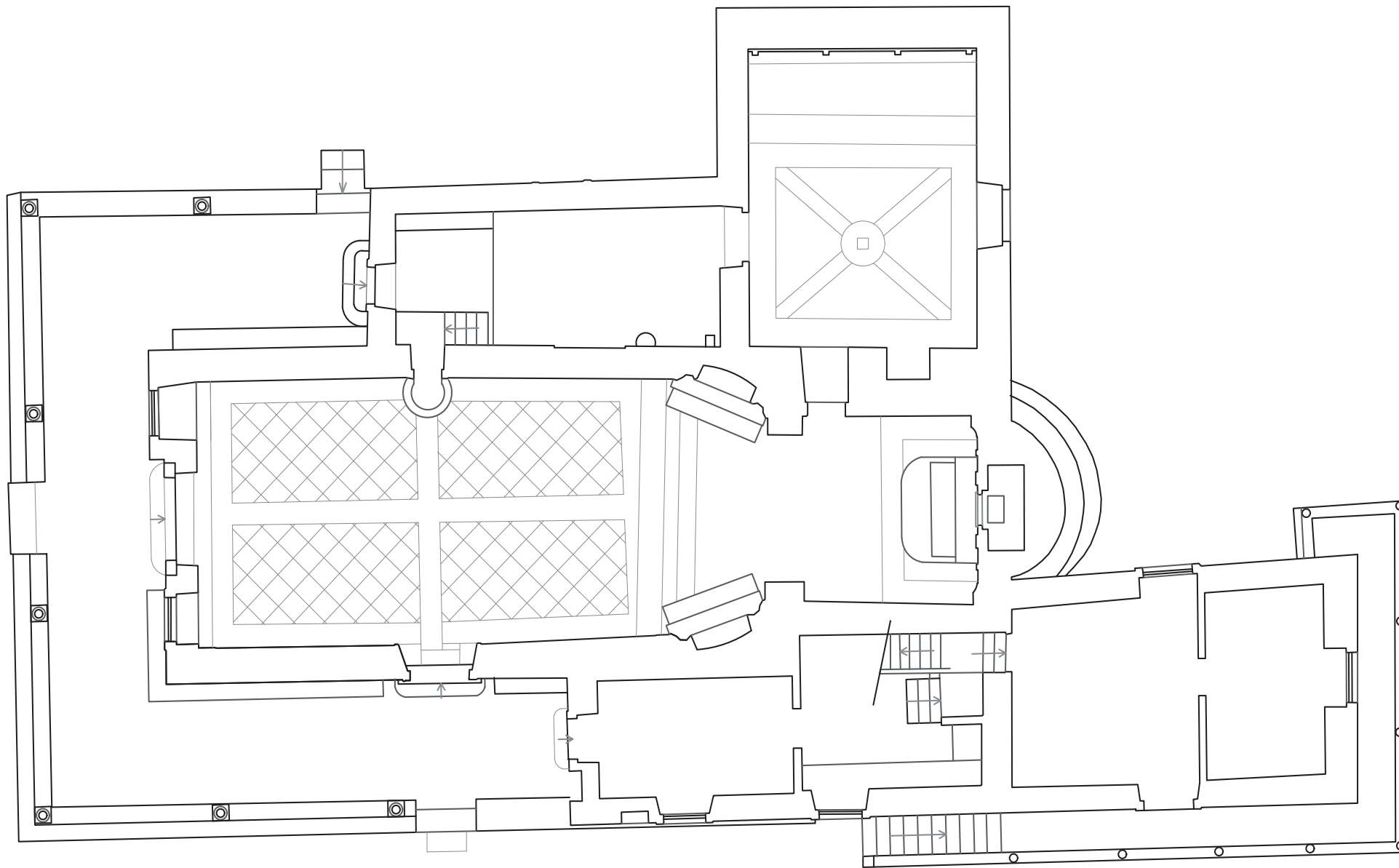
Des. 2 - Alçado frontal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar



Des. 3 - Alçado lateral direito da Ermita de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

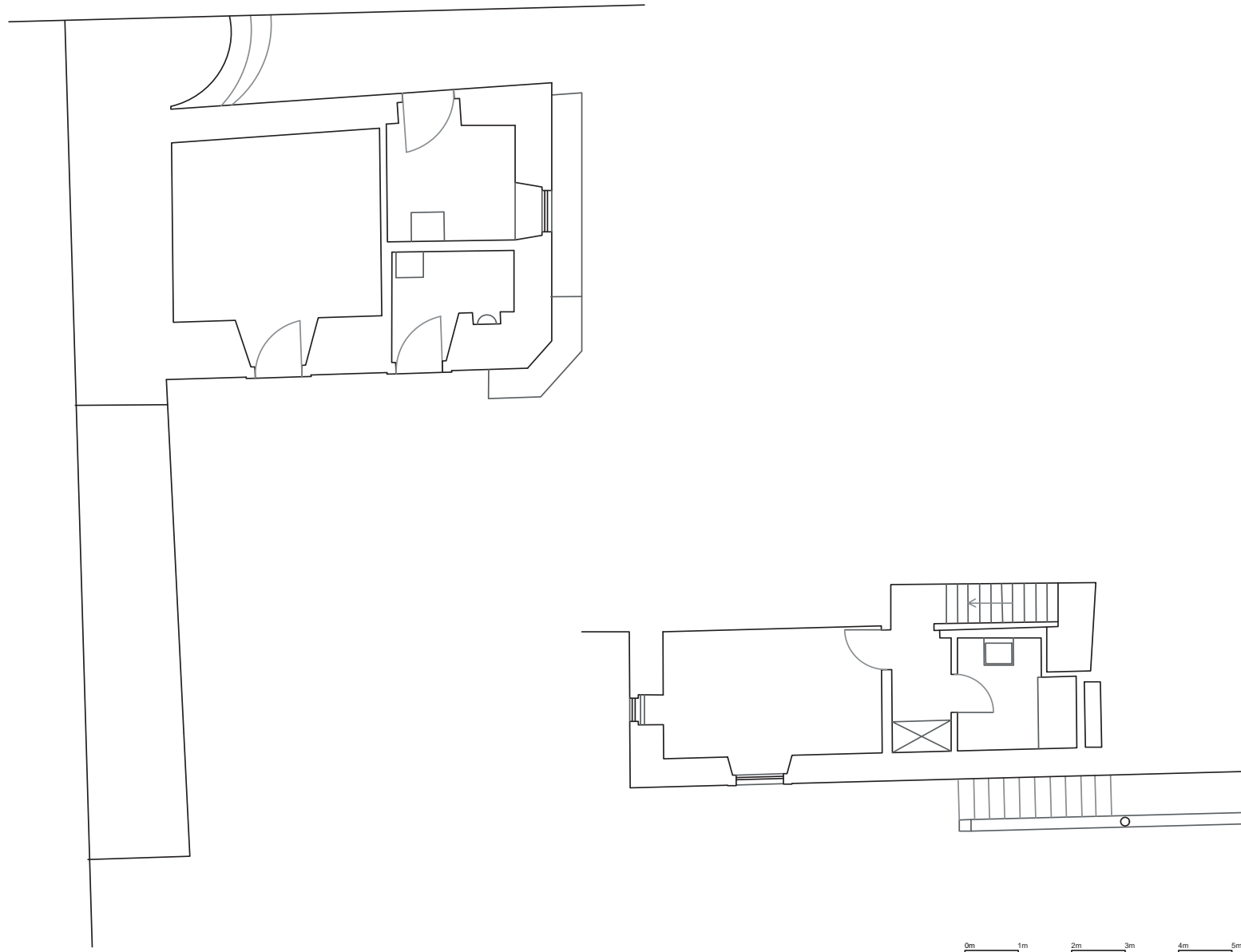


Des. 4 - Corte transversal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar



0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 5 - Planta principal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar



Des. 6 e 7 - Planta inferior e superior da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

5.2-Capela

O conceito de Capela pode referir-se a uma pequena Igreja particular, ou que só abre em alguns dias do ano, mas também às partes da Igreja que formam vão e possuem altar.



Img. 77-Coberturas da Capela de S. Gregório.



Img. 78-Vista da Capela de S. Lourenço.

5.2.1 - Santo António

Foi construída entre 1953 e 1955, mas contém elementos arquitetónicos de uma Ermida renascentista cinco séculos mais antiga, denominada Capela do Casal de Santo António, provavelmente datada de 1459 e que se localizaria perto do Aqueduto dos Pegões.

Em 1924, sob a égide da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, procedeu-se ao desmantelamento controlado das cantarias desta segunda Capela e em 1953, com a construção do Bairro hoje denominado de 1º de Maio, edificou-se o Templo atual com o portal principal renascentista e a Capela-mor nervurada provenientes da original, sendo a ousia em arco Gótico datado do século XV e ostentando abóbada de artesões.

Mais tarde o grupo mencionado cedeu alguns elementos oriundos de outras edificações demolidas, para enriquecer esta Capela como a rosácea, as vergas das portas, as cantarias renascentistas da porta de serviço e os azulejos hispano-árabes do altar provenientes da chaminé de um antigo imóvel da Praça da República.



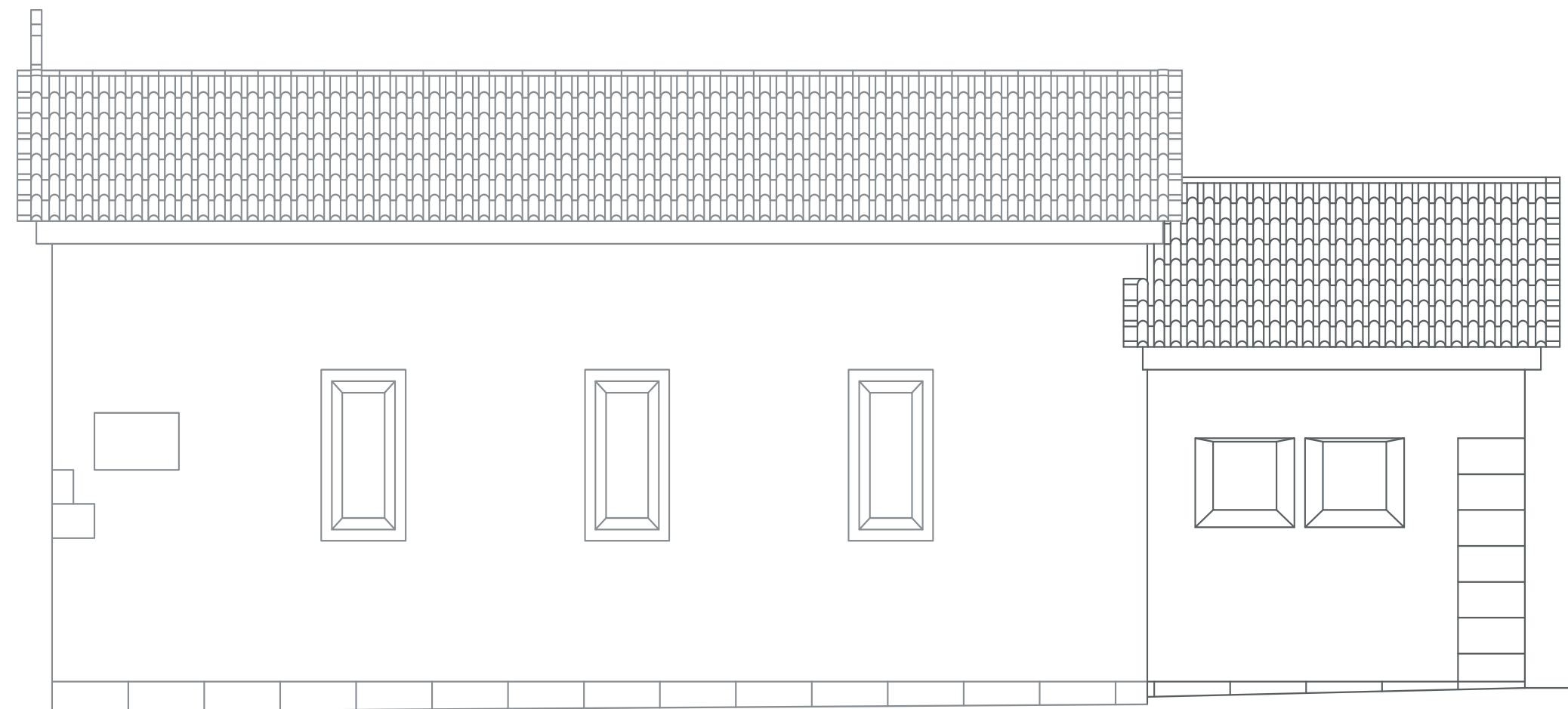
Img. 79-Fachada principal e esquerda da Capela de Sto. António.



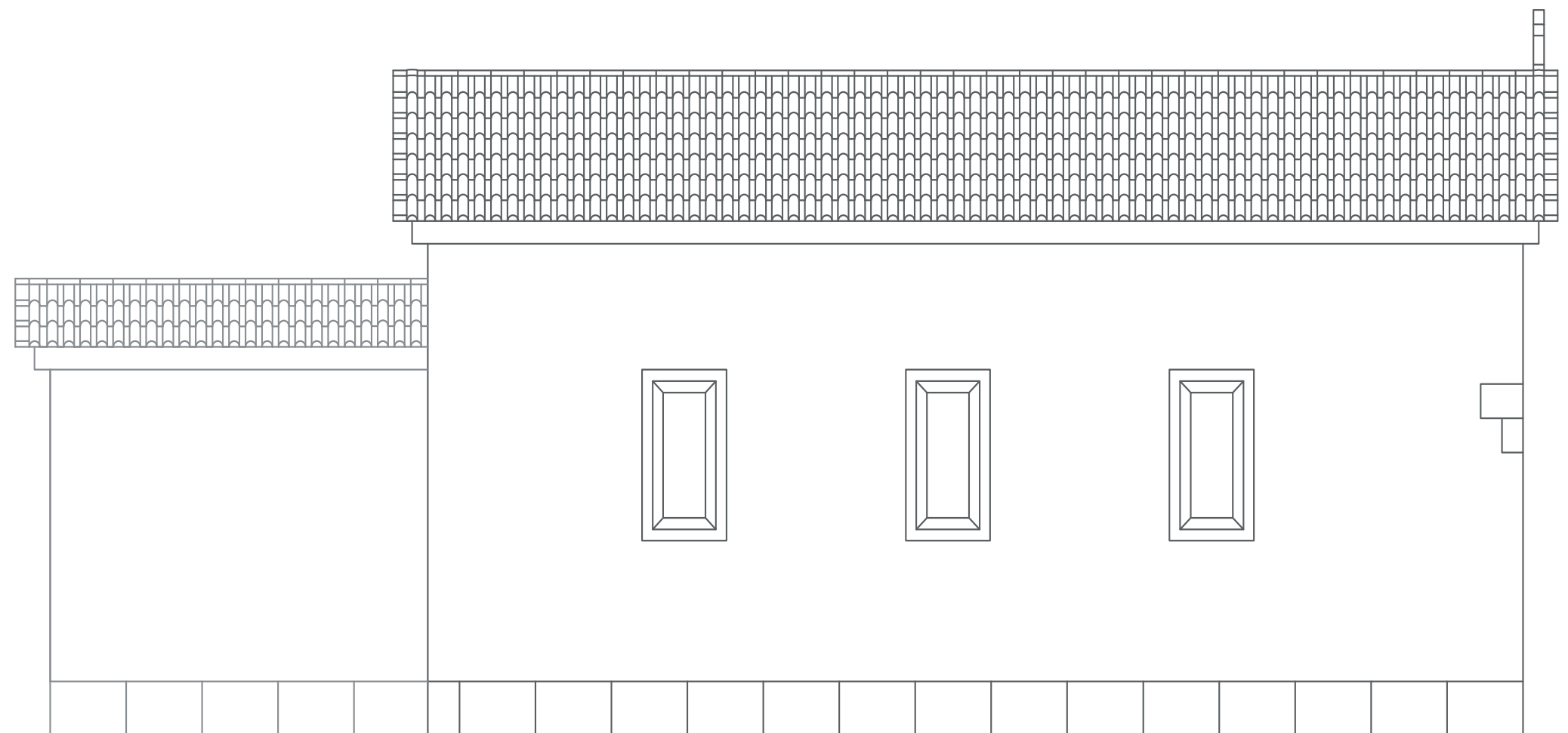
Img. 80-Fachada posterior e esquerda da Capela de Sto. António.



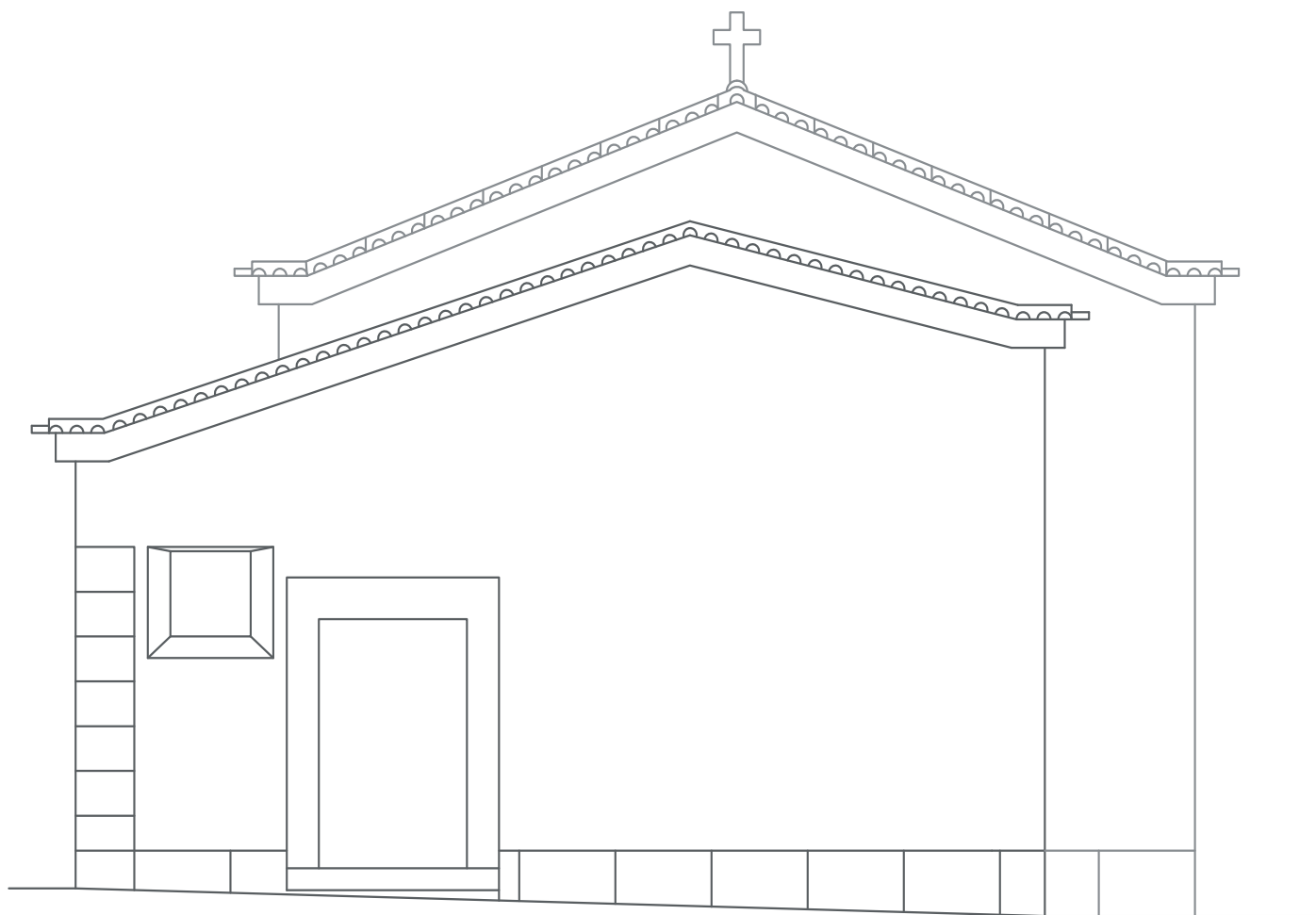
Des. 8 - Fachada principal da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.



Des. 9 - Fachada lateral direita da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.



Des. 10 - Fachada lateral esquerda da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.



Des. 11 - Fachada posterior da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.

5.2.2 - São Gregório

Junto à antiga calçada de São Gregório e respetiva fonte, fica a Capela quinhentista de planta octogonal centralizada, madeirada em 1535, que alberga a sepultura do dono da quinta, hoje conhecida como da Anunciada, que terá cedido terreno para a sua construção, onde terá existido uma outra anterior a D. Gualdim Pais.

Possui cobertura em cúpula revestida a cimento desde que na década de 80 do século passado se removeu o telhado de canudo que a revestia, é parcialmente emparedada pela ladeira da Estrada de Leiria, e ostenta portal manuelino retangular de verga ornamentada e moldura com rosetas, protegida por galilé em três dos seus lados.

Galilé esta que assenta em oito colunas toscanas e possui cobertura facetada, acede à nave encimada por varandim a Sul e Nascente e foi reconstruída em 1497 ao gosto da altura.

A nave mencionada é em cúpula de arco a meio ponto assente em pilstras, interiormente ostentando painéis de azulejos setecentistas provenientes do Convento das Trinas de Lisboa que apresentam cenas da vida de São Gregório.

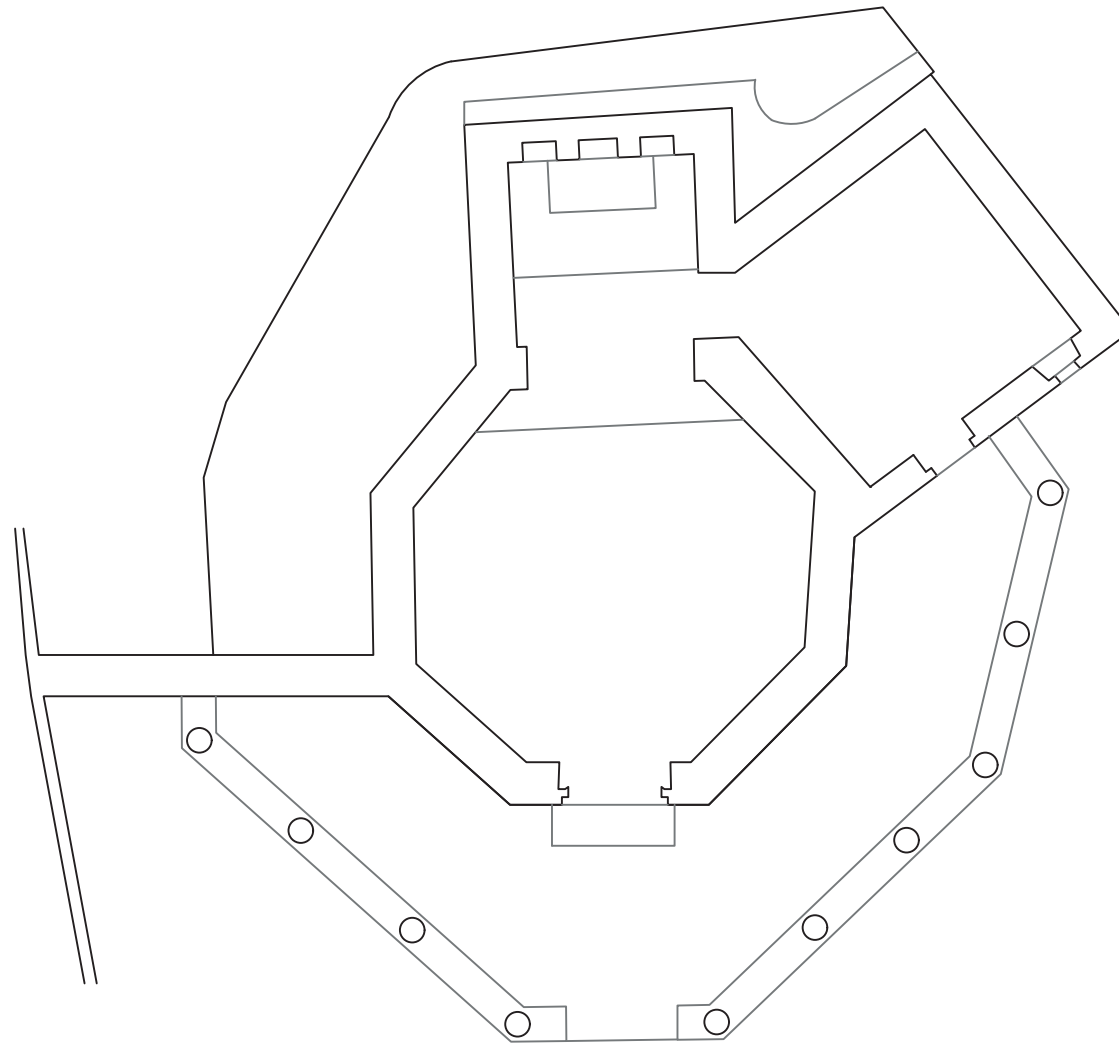
A Capela-mor retangular, à qual se adoça uma sacristia quadrangular de cobertura prismática, de cobertura em barrete de clérigo, com azulejos axadrezados.



Img. 81-Capela de S. Gregório.



Img. 82-Enquadramento do Portal da Capela de S. Gregório.



Des. 12 - Planta da Capela de S. Gregório- Feito pela autora com base em planta do SIPA.

5.2.3 - São Lourenço

A 10 de agosto de 1385, dia do mártir São Lourenço, as hostes de D. João I juntaram-se às do Condestável D. Nuno Álvares Pereira no local onde hoje se encontra esta Capela, rumo a Aljubarrota, marcando o Templo e o Padrão este mesmo encontro.

Esta obra da autoria de Aires de Quental, feitor-mor de D. Manuel, e reconstruída em 1925, trata-se de um pequeno Templo manuelino, classificado como Monumento Nacional em 1921 e marcado pelo seu alpendre assente em pilares quadrangulares apoiados num murete, num conjunto volumétrico de coberturas distintas de quatro, três e uma água sobre a nave, o alpendre e a sacristia, sendo o telhado da abside prismático, é acessível por portal manuelino de verga golpeada e ombreiras lisas.

Numa das fachadas laterais foi colocado em 1948 um painel de azulejos evocativo da presença das tropas do Condestável em Tomar, sendo também exteriormente marcada por coluna coríntia sobre base moderna e capitel com anjos de asas abertas.

Possui planta retangular, sacristia retangular, e abside semicircular de cobertura em quarto de esfera, e interiormente ostenta teto de madeira, azulejos de xadrez azul e branco do século XVI nas paredes, e altar de frontal revestido a azulejos mudéjares.



Img. 83-Fachada principal da Capela de S. Lourenço.



Img. 84-Fachada lateral esquerda da Capela de S. Lourenço.

5.3 - Igreja

O conceito de Igreja é um pouco abrangente pois tanto pode referir-se a um conjunto dos fiéis afetos a uma religião, a uma congregação católica subordinada do seu clero, à própria autoridade eclesiástica, ou a um edifício dedicado ao culto Cristão.

Posto isto, apresentam-se em seguida alguns conceitos de Igrejas e respetiva explicação para um melhor conhecimento desta palavra tão abrangente, embora para este trabalho só importe a Igreja enquanto edifício religioso respeitante à religião Cristã.

Igreja militante: Grupo de fiéis afectos à fé católica;

Igreja ocidental: Cristandade com origem no Império Romano ocidental;

Igreja oriental: Igrejas de rito não latino no Império Romano oriental;

Igreja ortodoxa: diferentes igrejas orientais derivadas do cisma de 1054, que não reconhecem a autoridade papal;

Igreja matriz: Igreja principal de uma paróquia.



Img. 85-Fachada Sul e topo da torre da Igreja de Sta. Maria.



Img. 86-Interior visto da entrada lateral da Igreja de Sta. Maria.

5.3.1 - Misericórdia/ de Nossa Senhora da Graça

Em 1499 o rei mandou a população abandonar o perímetro muralhado, e a malha ortogonal que marcou a vila extramuros foi mesmo modelo para muitas cidades portuguesas da época, criando-se já em 1510 a Misericórdia que se implantou no Hospital de Nossa Senhora da Graça e a meados do século iniciou-se a construção da sua Igreja.

O Hospital de Santa Maria foi recuperado ainda no reinado de D. Manuel e a Misericórdia acoplada ao Convento em 1542, voltando depois à Irmandade, e sendo recuperada em 1672, construindo-se a Igreja no local do antigo Hospital.

Esta Igreja fazia, precisamente, parte do Hospital de Nossa Senhora da Graça datado de 1672, mandado erguer pelo fidalgo Manuel Nunes da Costa e originalmente denominado Albergaria de Nossa Senhora da Cadeia, por ser fechada durante a noite e albergar todos os hospícios e hospitais da vila, vindo a nascer aqui, no ano da sua fundação, a Santa Casa da Misericórdia, por mão do Infante D. Henrique.

Já na primeira metade do séc. XX o hospital sofreu uma campanha de obras, da autoria de Amílcar Pinto e impulsionadas por D. Aurora de Macedo, que o alteraram por completo.

A Igreja de Nossa Senhora da Graça ou de Nossa Senhora da Cadeia, mais conhecida como Igreja da Misericórdia, é um Templo Maneirista e Rococó na espacialidade e tratamento pétreo, datado de 1567 segundo lápide aí presente, revestido interiormente a azulejos de xadrez azul e branco datados de 1594-95 e painel sobre madeira no altar lateral do lado da Epístola.



Img.87-Vista do Hospital e Igreja da Misericórdia.



Img. 88-Entrada da Igreja da Misericórdia.

Foi fundado por D. Manuel I em 1510 e a sua padroeira aparece num nicho que ultima o pórtico Quinhentista.

A fachada principal de quatro corpos é marcada por “cimalha moldurada e beirado”⁵³ para além de ostentar rodapé, e o pouco interesse geral deste Templo resulta de intervenções posteriores à sua fundação.

A sua nave única e longitudinal possui molduras pétreas retangulares de azulejos axadrezados, merecendo destaque o painel do séc. XVI onde se retrata o Milagre Eucarístico de Santo António e “falsa abóbada de caixões de madeira”⁵⁴.

Ostenta ainda dois altares colaterais e dois altares laterais, apresentando no altar colateral do lado da Epístola azulejos axadrezados seiscentistas em azul e branco, sendo ainda a nave, assim como o subcoro, altar-mor e respetivo frontal revestidos a azulejo azul e branco do séc. XVI, idênticos aos de Nossa Senhora da Piedade, embora os hoje apresentados sejam geralmente reproduções dos originais perdidos.

Possui ainda coro alto assente em colunas de cantaria na parede Poente e Capela-mor com falsa abóbada, as salas da Irmandade e o Hospital, para além da sacristia e alguns anexos.

53 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p.66

54 PINTO, Ricardo Santos. [et. al.] - cit. 1, p.66



Img. 89-Entrada da Sta. Casa da Misericórdia.

5.3.2 - São João Baptista

A Igreja de São João Batista, Matriz da cidade, originalmente denominada de São João da Praça ou Capela do Infante, é anterior a 1401 e era onde os “homens-bons” da cidade se encontravam., de menores dimensões e eixo no sentido Norte-Sul, como habitualmente ocorria nos Templos Templários.

Atualmente trata-se de um Templo Gótico, onde os Templários faziam as suas orações quando iam praticar para a Corredoura, ter-se-á baseado na Igreja de Santa Maria do Olival e datará da altura da fundação da vila.

Terá sido ampliado na altura em que se edificou o portal Sul, e é possível que nunca tenha sido terminado, pois para a fachada principal ser simétrica teria de possuir outra torre cujo espaço para ela existe, mas nunca chegou a ser edificada.

Foi D. Manuel I quem ordenou a sua construção, sobre uma Ermida, finalizada em 1510, sendo mesmo dos monumentos nacionais que melhor assinala as características e variáveis da arquitetura religiosa do país do final do reinado de D. João II ao início do de D. Manuel.

Nesta altura os Templos de planta retangular tinham entre uma e três naves de cinco tramos sem transepto e com cabeceira geralmente de planta quadrangular, possuindo os maiores Capelas laterais e pilares simplificados ou colunas circulares ou octogonais, e os arcos separadores das naves eram quebrados ou perfeitos.



Img. 90-Fachada frontal da Igreja de S. João.



Img. 91-Vista parcial da torre sineira da Igreja de S. João.

Trata-se de um típico exemplo das Igrejas do Gótico final, com ornamentação das colunas e arcadas renascentista, e estrutura ogival.

O Templo original remonta à época do Infante D. Henrique, e foi reconstruído e ampliado no séc. XVI por autor desconhecido.

Em 1467 D. Fernando continuou as obras de embelezamento iniciadas por D. Manuel, seguindo-se uma intervenção na estrutura da torre, mais tarde D. Manuel elevou-a à categoria de Colegiada, agregando-a aos Templos Reais, e em 1530 D. João III passou para aqui a Igreja de Santa Maria do castelo com os respetivos bens e da sua Confraria.

Esta Igreja manuelina possui planta retangular, de influências mendicantes, composta por três naves evidentes no exterior, de cinco tramos de arcos quebrados cruciformes, assentes em quatro feixes de colunas com capitéis vegetalista, à exceção do primeiro da esquerda que é historiado.

Apresenta cobertura de madeira, torre sineira rematada por coruchéu piramidal assente em vigas de madeira e rematado pela esfera armilar do lado esquerdo da fachada, portal principal manuelino flamejante com arco contracurvado circunscrito em alfiz coroado por um friso em flor-de-lis igual ao da platibanda e com ornamentação vegetalista, zoomórfica e heráldica nesta mesma fachada.

Ostenta ainda um portal lateral que lembra algumas intervenções coevas do reino de Castela.



Img. 92-Torre sineira da Igreja de S. João.

Apresenta cabeceira tripla abobadada com Capela-mor ladeada por Capelas que comunicam consigo, de cobertura de abóbada nervurada e com mísulas com as armas de D. Manuel.

É marcada pelo seu púlpito poligonal, de calcário branco, rendilhado, com ornamentação vegetalista, de 1513 e referências góticas francesas, ostentando os símbolos manuelinos, “cardos e floreados”⁵⁵, muito danificado, pelos altares laterais do séc. XVII em cantaria, altura na qual a cabeceira foi coberta a azulejo, retirado posteriormente para colocação do retábulo-mor em talha dourada.

Dentendo ainda uma secretaria no local da antiga sacristia, em abóbada de berço, revestida a azulejo azul e branco e acessível por porta Maneirista do lado do Evangelho, um Batistério, uma sacristia, anexos de planta retangular e um pátio interior em L, num conjunto volumétrico horizontal de coberturas distintas.

Sofreu a primeira ação de restauro entre 1875 e 1885, altura da qual se destaca a grande ampliação da abside, bem como restauros no portal e púlpito, no séc. XX sofreu vários melhoramentos estruturais, e restauro decorativo.



Img. 93-Pormenores das coberturas da Igreja de S. João.



Img. 94-Relógio de Sol na Igreja de S. João.

A fachada principal de linhas românicas, mas bases paleocristãs. é composta por três corpos dos quais os laterais são oblíquos e o central possui dois registos, ostentando no primeiro o portal gótico flamejante enquadrado por alfiz, ladeado “por pilastras prismáticas com nichos”⁵⁶ sobre baldaquinos, e arquivoltas ogivais lanceoladas com ornamentação vegetalista, bem como um “tímpano com grillhagem de cantaria e baldaquino rendilhado”⁵⁷ encimando o arco abatido da porta, e possuindo no tímpano flamejante a Esfera Armilar, a cruz de Cristo e as armas régias.

No segundo registo apresenta-se um óculo, rematado em empena reta sobrepujada por platibanda com flores-de-lis, flanqueada por pináculos e com estátua sobre nicho ao centro.

Os panos laterais são cegos, apresentando-se no lado esquerdo da fachada a torre sineira calcária, de características defensivas e de pano inferior de planta quadrada com frestas em arco, pequenos vãos, elemento pétreo esculpido, dois elementos provenientes de túmulos medievais, e rematado por três tabelas com as insígnias manuelinas.

No pano superior, de planta octogonal, esta torre exhibe um relógio proveniente das portas do Sol do castelo aqui incorporado em 1523, envolto de vãos em arco quebrado, e rematado por cornija sobrepujada por varandim, culminando num coruchéu piramidal cintado por dois cordões pétreos provenientes de um vão da torre.



Img. 95-Portal da Igreja de S. João.

56 monumentos.gov.pt

57 cit. 56

A fachada Sul corresponde a uma Nave lateral da Igreja e possui no primeiro registo um portal Gótico, possivelmente do Templo primitivo, de arco quebrado arquivoltado, assente em colunelos, dos quais os interiores possuem capitéis vegetalistas que suportam arquivoltas simples.

No segundo registo observam-se três frestas em arco e emolduradas, mas também a Secretaria acessível por portal em arco quebrado na fachada Poente, dois vãos de moldura quadrangular, quatro janelas de “molduras recortadas encimadas por cornijas borromínicas e 1 portal de moldura”⁵⁸ semelhante às janelas anteriormente descritas, que articula com o pátio interior onde se observa o pano contrafortado da abside.

Na fachada Nascente, rematada por beiral, observam-se duas janelas, no segundo registo, correspondente à nave, três janelas em arco da sala de reuniões, e a abside com duas janelas quadrangulares e um óculo, gradeadas, e rematadas por empena angular.

A fachada Norte é irregular pois ao pano da nave adoçam-se dois corpos articulados por um portão e limitados por cunhais em cantaria, dos quais o corpo da esquerda possui janelas gradeadas rematadas por cornija, e o outro apresenta uma porta e uma janela de moldura talhada e arco abatido.



Img. 96-Portal Sul e da Secretaria da Igreja de S. João.



Img. 97-Fachada Norte da Igreja de S. João.

Deste lado o pano reentrante da nave é marcado por um portal em arco trilobado, inscrito em alfiz retangular e ladeado por colunelos torsos com elementos vegetalistas, zoomórficos e heráldicos, além do pelicano característico de D. João II, nichos vazios, e a cruz de Cristo. Sobre este mesmo portal encontra-se ainda um bastão onde se pode ler “*IN HOC SIGNO VINCES*”.

Superiormente e à direita existe uma fresta parcialmente coberta pelo volume lateral, e no segundo registo do pano central da nave observam-se três frestas iguais à anterior e rematadas por cornija.

Interiormente a Igreja possui três naves de cinco tramos, cuja central ostenta registos correspondentes à arcada e ao clerestório, de arcos formeiros assentes “em meias-colunas e em pilares cruciformes, com 4 colunas embebidas”⁵⁹ nas extremidades, das quais as transversais são mais estreitas, com capitéis zoomórficos e elementos fitomórficos.

O primeiro arco do lado esquerdo ostenta torsal lavrado entre as colunas e elementos náuticos, máscaras e folhas na base, possuindo o primeiro pilar do lado oposto a pia oitavada, e o último pilar do lado esquerdo um púlpito poligonal acessível por escada em caracol de ornamentação heráldica de D. Manuel sob entrançados vegetalistas, e molduras ocas e lavradas.



Img. 98-Púlpito da Igreja de S. João.

A Poente encontra-se o guarda-vento que suporta o coro de madeira iluminado pelo óculo da fachada principal e acessível por uma porta em arco abatido alcançada pela escadaria que leva também ao sino.

Na parede Norte encontra-se o Batistério de vão amplo em arco abatido, iluminado por duas frestas e com um tríptico do séc. XVI, apresentando uma pia batismal simples, e uma lápide brasonada no pavimento.

Observa-se aa porta de acesso à torre, o vão de moldura talhada da sacristia sob cornija de arco abatido, a porta de arco igual e de moldura também talhada que acede ao vestiário dos padres.

Além da Capela do Santíssimo Sacramento, do séc. XVIII, com moldura em arco pleno envolta de quatro nichos e flanqueado por volutas e fogaréus, revestida a talha e de cobertura em abóbada de berço ornamentada.

A parede Sul possui uma porta em arco abatido e outra de arco reto que acede à secretaria e sala de reuniões, para além de ser marcada pela Capela de Nossa Senhora de Fátima semelhante à do lado Norte, com retábulo de talha igual a envolver a tela das Almas.

A cobertura em madeira da Igreja possui “3 abas na nave central e uma nas laterais”⁶⁰, e a Nascente podem observar-se três “arcos quebrados com capitéis vegetalistas e antropomórficos”⁶¹, antecedendo a Capela-mor e os absidíolos, com abóbadas nervuradas.

60 cit. 56

61 cit. 56



Img. 99-Vista da Igreja de S. João.



Img. 100-Vista da cúpula da torre sineira da Igreja de S. João.

Sobre o arco triunfal encontra-se um óculo, e a Capela-mor poligonal com abóbada artesonada e bocetes manuelinos é revestida a azulejos enxaquetados do séc. XVI contendo, superiormente, painéis e molduras em talha, e sendo ladeada por Capelas de planta quadrangular.

A parede de fundo do retábulo é em talha dourada e branca e as paredes laterais possuem duas frestas.

No absidiolo Norte existe um altar com retábulo em talha, revestido a azulejo com padrão de camélias e uma lápide epigrafada referente ao seu fundador à esquerda, e possui o acesso em arco redondo à Capela-mor.

No absidiolo Sul, revestido a azulejo de ponta de diamante do séc. XVII, apresenta-se um retábulo em talha, e uma fresta bem como a porta para a secretaria e para o pátio à direita.

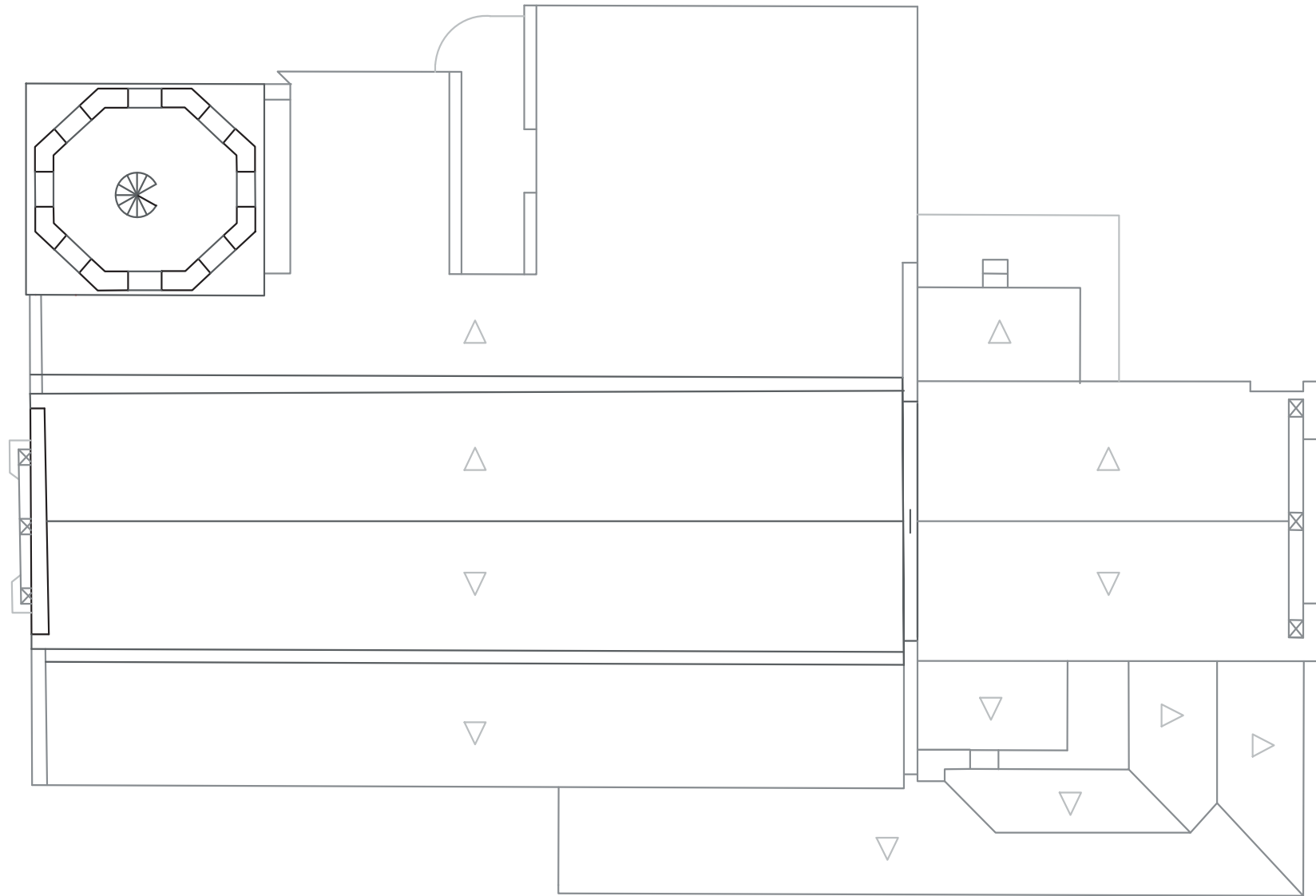
Para além de à entrada se encontrar a “campa brasonada de D. Maria Justa da Cunha e Vasconcelos.”⁶².

A iluminação do Templo consegue-se por meio da rosácea presente na fachada principal, e pelos vãos que ladeiam a nave central e as laterais.

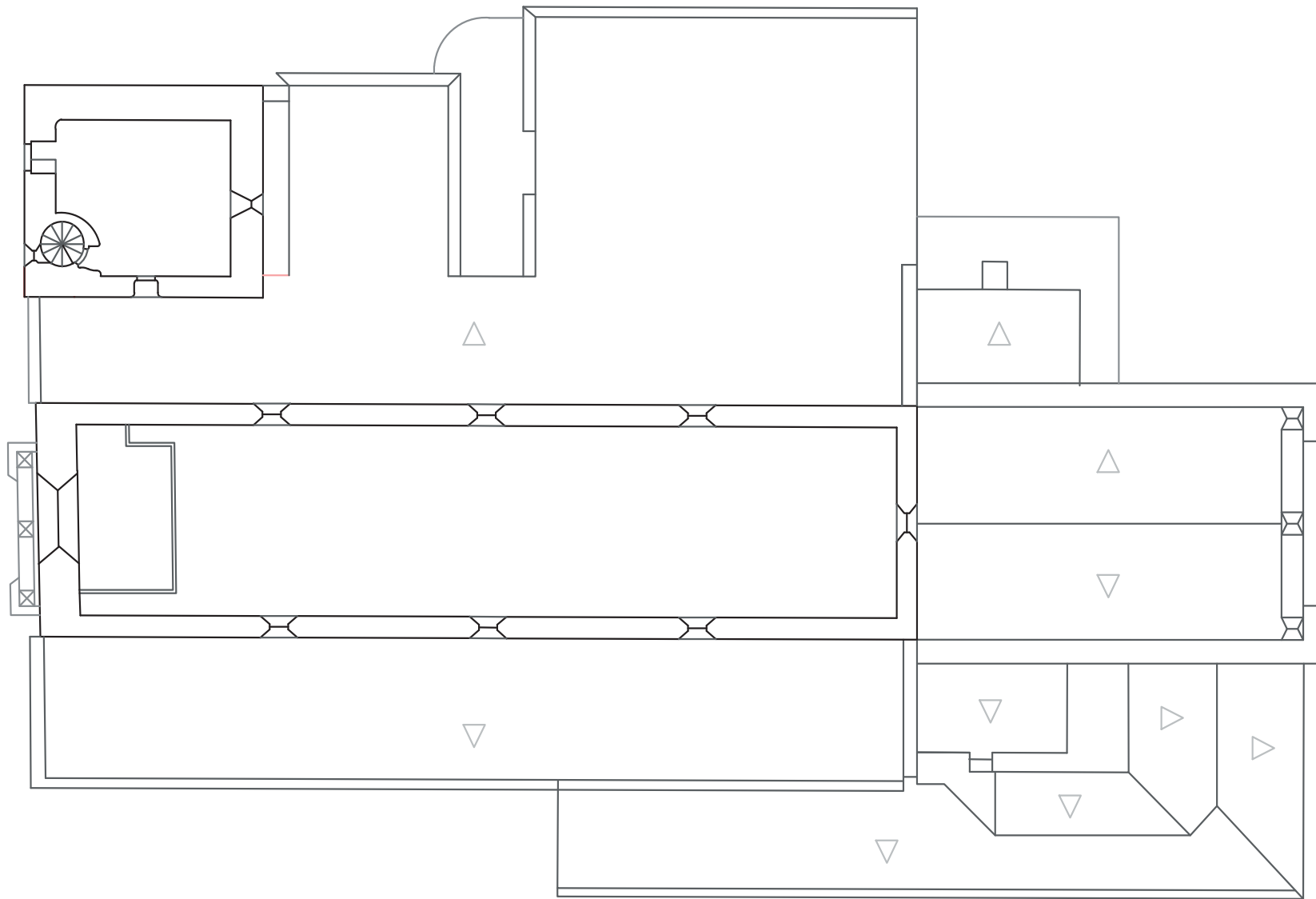
Por fim, na intervenção de reabilitação da fachada principal realizada em 2014, na qual se excluiu a torre sineira, substituíram-se as argamassas existentes por baseadas em cal aérea com areias, recuperaram-se as canterias estruturais e decorativas bem como as caixilharias dos vãos deste alçado, e aplicaram-se pinturas com base em silicatos.



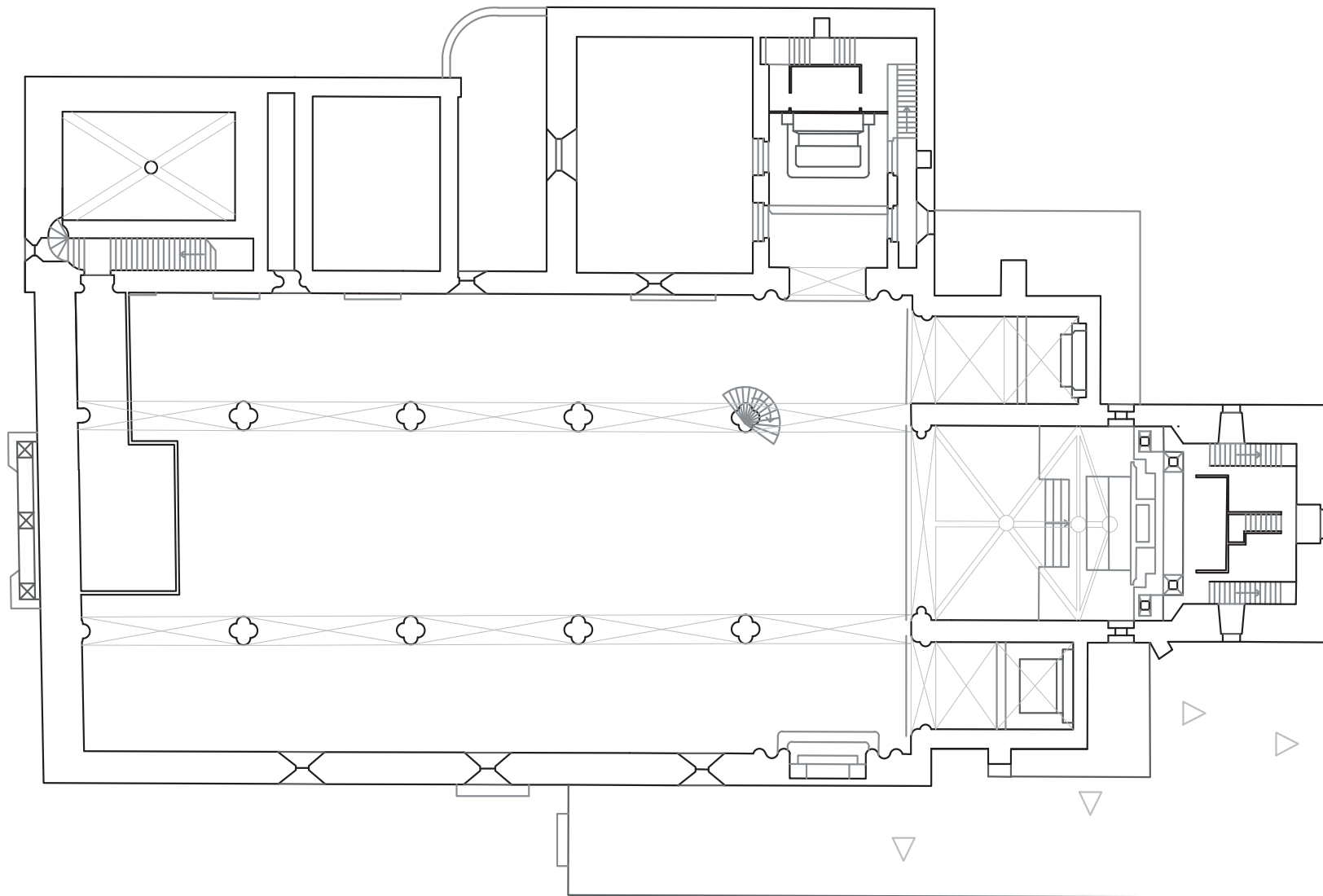
Img. 101-Portal Norte da Igreja de S. João.



Des. 13 - Planta da Igreja de S. João à cota das coberturas- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

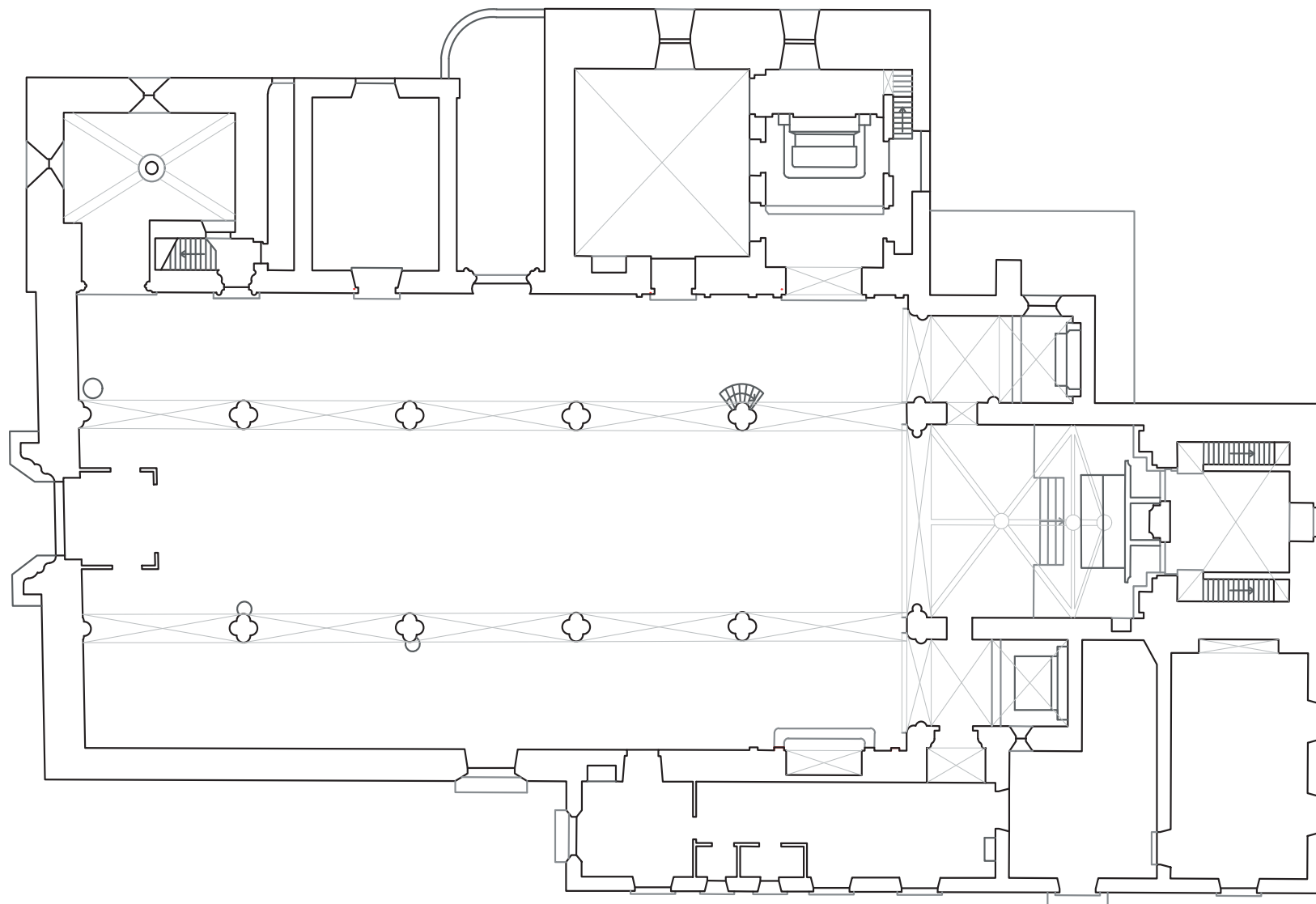


Des. 14 - Planta da Igreja de S. João à cota das frestas- Feito pela autora com base na planta do SIPA.



0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 15 - Planta da Igreja de S. João à cota do coro-alto- Feito pela autora com base na planta do SIPA.



Des. 16 - Planta da Igreja de S. João à cota da entrada- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

5.3.3 - Santa Maria do Olival

As regiões Centro e Sul de Portugal permitem estudar o progresso da arquitetura gótica religiosa marcada por fachadas de três corpos e empenas pontiagudas, com rosáceas e portais de arquivoltas pouco ornamentados, sendo o corpo central amparado por finos contrafortes e os laterais cegos ou rasgados por frestas, para além da aparente horizontalidade exterior contrastar com a verticalidade interior, como acontece na Igreja de Santa Maria do Olival.

Localizada no que seria um dos extremos da cidade romana devastada pelos bárbaros e onde, em tempos, existiu um dos dois Mosteiros de Nabância, destruído nas Invasões Árabes, aproveitando Gualdim Pais algumas das suas pedras para edificar a muralha do castelo e a Igreja de linhas românicas, há altura de Santa Maria de Sellho, embora também ostente elementos ogivais da segunda metade do século XII.

Foi construída para ser Igreja pública acabando por tomar honras de Diocese, ser sede Paroquial da Vila de Baixo, e se converter em panteão da Ordem do Templo.

Considerada Monumento Nacional desde 1910 e cuja data de construção original é desconhecida, serviu de abrigo da Ordem do Templo enquanto não se instalou no Convento de Cristo.



Img. 102-Vista exterior da rosácea da Igreja de Sta. Maria.

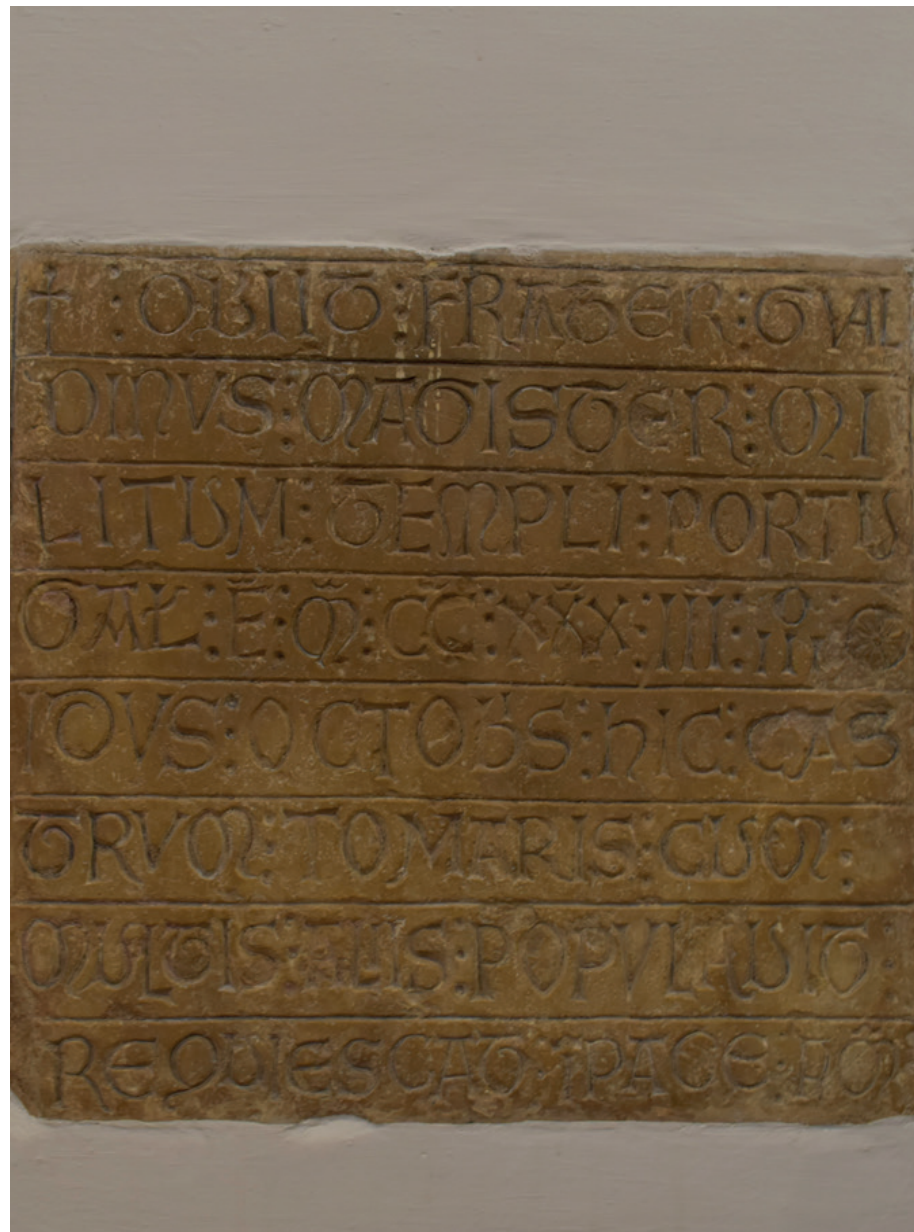


Img. 103-Vista exterior esquerda da Igreja de Sta. Maria.

Foi reconstruída no séc. XIII, com linhas góticas e características paleocristãs na volumetria tripartida e destaque da nave central, teve honras de Sé no séc. XV, e foi edificada por D. Gualdim Pais para Panteão da Ordem do Templo e de Cristo sobre um Mosteiro Beneditino masculino do qual ainda restariam, pelo menos, as Capelas em abóbada e os panos do volume interior, e era rodeado de terrenos pertencentes à Ordem, para além de ter servido de necrópole, restando do Templo dos Templários a lápide de D. Gualdim Pais aqui sepultado em 1195 e alguns elementos românicos.

A primeira das Capelas atrás mencionadas, a de São Pedro Fins que foi paróquia de Nabância e foi derrubada em 1840, à qual se seguia a de São Pedro Apóstolo com confraria e reconstruída em 1529, e mais a Poente ficava a de São Miguel posteriormente reduzida, modificada e derrubada para se ligar o mercado à estrada “de Marmelais”.

Havia ainda a Igreja de Santa Maria Madalena, junto à de Santa Maria, frente à qual se encontra a torre sineira, e no canto Sudoeste desta última existiu uma Capela dedicada ao Santo Ildefonso que ruiu, mas marcou a expansão do gótico nacional sendo um dos seus primeiros, senão mesmo o primeiro exemplar de linhas ogivais e manuelinas.



Img. 104-Lápide de D. Gualdim Pais.

Esta teria algumas referências à Charola do Convento de Cristo e localizava-se onde se veio a erguer a Igreja Templária de Santa Maria do Olival, que dependia da Santa Sé, não fazendo parte de Diocese alguma, *nullius diocesis* privilégio que fazia dela “sede apostólica das terras descobertas e suas igrejas”⁶³ até que se formassem as suas Dioceses, e sofreu várias alterações, até à extinção da Ordem, que acrescentou elementos góticos ao românico que a caracterizava.

Esta não ostenta torre sineira acoplada porque só no séc. VII d.C. se começaram a usar sinos e o Templo original era bem anterior, não se sabendo o que mais ordenou D. Gualdim Pais pois foi já muito modificada, devendo apenas restar da Igreja Templária a cantaria da fachada principal e pequeno óculo, e as frestas de parte superior arredondada que iluminam as naves laterais.

Atualmente apresenta pilares cruciformes despojados de capitéis e articulados pelos arcos ogivais que dividem as naves, apresentando o primeiro “um lançamento deficiente”⁶⁴ por ter-se edificado mais tarde um coro alto.



Img. 105-Vista posterior da Igreja de Sta. Maria.



Img. 106-Vista interior da entrada da Igreja de Sta. Maria.

63 COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto. [et. al.] - cit. 9, p.5

64 SARAIVA, José Hermano. [et. al.] - cit. 28, p.294

Da reconstrução e restauro da época de D. João III evidenciam-se a galeria a Sul, intervenções na sacristia, e “o lançamento dos arcos do primeiro tramo”⁶⁵ junto à entrada desta Igreja de três naves de 29,35x15,5m cuja nave central tem maior cota, divididas em cinco tramos separados por dez arcos ogivais sobre oito colunas prismáticas com mísulas, e de cobertura de madeira apainelada, sem transepto e ostentando na cabeceira, tripartida e escalonada, absidiolos quadrangulares com frestas semelhante às da fachada Sul, além de abside poligonal de abobada artesonada, com cinco faces e frestas góticas cujo arco de acesso é sobrepujado por um óculo com o signo-saimão.

O que hoje observamos datará do séc. XIII, tratando-se de um edifício com um interior de 450m², que em 1510 ostentava oito altares laterais, nos quais se incluíam o altar de Jesus e o de São Brás e que deixou de lado a ornamentação desnecessária e os “arcos-diafragmas” característicos do românico.

A sacristia quadrada presente a Sul, anexa ao absidiolo deste lado e acessível por porta renascentista, ostenta janela manuelina de verga cortada com a data de 1543, possivelmente referente à intervenção onde se alterou a fachada Sul, e abóbada de florões.

Como esta Igreja serviu de Templo funerário, após o séc. XIII, ostentava já no séc. XVI várias Capelas Maneiristas privadas neste flanco.



65 PEREIRA, Paulo – Arte Portuguesa. HISTÓRIA ESSENCIAL, Círculo de Leitores, 2011, ISBN:978-989-644-153-1, p.294

Img. 107-Nave lateral Sul e Capelas laterais da Igreja de Sta. Maria. 93

As coberturas são de uma água nas naves laterais, de duas águas na nave central, de três na sacristia e de quatro no pequeno torreão adossado a esta.

Este Templo, outrora de Nossa Senhora da Assunção, possuía um coro de madeira sobre o portal, um alpendre de quatro águas, assente em dois arcos péticos e com cobertura de madeira, e mais à frente outros dois arcos sem cobertura.

Até ao séc. XIX foram sendo acrescentados vários volumes à Igreja e em torno dela e nos anos 40 do séc. XX a DGEMN demoliu os volumes desnecessários e rebaixou o pavimento, colocaram-se os frontais em alvenaria dos altares, entre outras intervenções de grande importância.

Exteriormente evidenciam-se a rosácea de doze pétalas da fachada principal, a galeria do séc. XVI, e a torre quadrangular de três pisos em frente ao Templo, originalmente defensiva, dos quais o piso inferior é Gótico e os superiores renascentistas, que possuía uma galilé para festas e julgamentos e que esteve, teoricamente, articulada à torre da Rainha do castelo por um túnel.

Se a sua atual porta da torre sineira era uma janela, como aparenta, as fundações da mesma poderão encontrar-se ao nível da Igreja sendo, portanto, de ascendência romana.



Img. 108-Galeria Sul da Igreja de Sta. Maria.



Img. 109-Vista da fachada Sul da Igreja de Sta. Maria.

Esta terá sido ainda, antes de ser torre sineira, jazida dos pais de vários monges do Convento, para ficarem perto dos filhos necessariamente sepultados no Convento.

A fachada principal em cantaria possui três planos, correspondentes às três naves, divididos por contrafortes e dos quais o central possui dois pisos e é marcado pelo portal em arco de três arquivoltas ogivais assentes em seis colunelos de fuste e capitel, inscrito num gablete, e pela rosácea de doze folhas e grelha pétrea sobre o signo-saimão inscrito numa flor de cinco pétalas.

Os panos laterais desta fachada formam com o central uma “fachada *ad triangulum*”, e são rasgados por vãos bipartidos de mainel em arco trilobado.

A fachada Sul é marcada pela galeria de colunas toscanas com cinco vãos retangulares e uma porta falsa, encontrando-se sob si seis frestas retangulares e à cota do clerestório quatro frestas em arco perfeito, tendo sido destruída a habitação do vigário que dispunha de “duas lojas, duplamente sobradas”⁶⁶ para edificação desta galeria e Capelas presentes sob si.

Enquanto a fachada oposta possui “uma porta em arco pleno”⁶⁷ aproximadamente ao centro, cinco frestas à cota das naves e quatro à do clerestório.



Img. 110-Torre sineira vista da entrada da Igreja de Sta. Maria.

66 CONDE, Manuel Sílvia Alves. [et. al.] - cit. 5, p.136

67 cit. 56

O pavimento desta Igreja encontra-se abaixo da cota da rua, sendo alcançado por intermédio de oito degraus quando se entra pelo portal principal e constituído por diversas lápides.

O desnível mencionado acentua a verticalidade ainda intensificada pela luminosidade do espaço.

Esta possui “Janelas rasgadas no eixo dos arcos internos”⁶⁸, sendo a nave central iluminada por meio de frestas presentes no clerestório.

No último pilar à esquerda encontra-se um púlpito pétreo Joanino, de balaústres, rematando uma coluna Coríntia apoiada em elemento esférico com ornamentação renascentista sobre pedestal, e atingido por escada em caracol.

A parede Norte dispõe de um banco pétreo interrompido pela escada para o portal lateral, ladeado por duas lápides sepulcrais, já a Sul possui uma porta com moldura em verga arquitravada e cinco arcos perfeitos do séc. XVI para as Capelas laterais comunicantes entre si, assentes em pilastras, com entablamento e encimados por vãos retangulares com “pilastras com capitéis jónicos”⁶⁹.



Img. 111-Interior da Igreja de Sta. Maria.



Img. 112-Enquadramento interior do Portal Norte da Igreja de Sta. Maria. 96

68 cit. 56

69 cit. 56

Estas Capelas são iluminadas por frestas e cobertas por abóbadas nervuradas com fechos ornamentados, além de possuírem altares de alvenaria revestidos a azulejos polícromos seiscentistas, à exceção da terceira Capela que possui um altar em talha dourada.

A quinta Capela, ao princípio da nave lateral, é coberta de azulejo branco com duplo friso azul, e o pavimento ostenta uma lápide sepulcral, a quarta possui três lápides na parede direita e um nicho na parede esquerda, a terceira exhibe na parede esquerda um nicho.

A segunda apresenta na parede esquerda uma caveira envidraçada e a lápide de D. Gualdim Pais com inscrição em latim na parede oposta, e a primeira possui na parede esquerda o vão para a sacristia, e na do fundo a imagem de São Brás ladeando o altar e a porta para a galeria já mencionada.

Já a parede Nascente ostenta a Capela-mor gótica, com abóbadas nervuradas de meio canhão à frente e de meia-calote atrás, acessível por arco triunfal e iluminada por sete frestas ogivais presentes nas sete faces posteriores de ângulos exteriormente amparados por contrafortes de três esbarros, para além de possuir um altar de madeira e amovível e o altar-mor calcário ao centro e recuado de mesa sobre quatro colunas octogonais com bases e capitéis, e na parede do lado do Evangelho o túmulo de D. Diogo Pinheiro, 1º Bispo do Funchal.



Img. 113-Enquadramento exterior do Portal Norte da Igreja de Sta. Maria.

A Capela colateral do lado do Epístola, possui cobertura em abóbada nervurada azulejada, na parede lateral direita uma cartela com epitáfio e na lateral esquerda uma porta retangular com moldura em verga arquitravada sobre duas mísulas, além de duas sepulturas no pavimento.

Já a Capela do lado do Evangelho apresenta cobertura em abóbada de berço quebrada e azulejada.

No que à azulejaria diz respeito, esta Igreja apresenta painéis datados dos séculos XVI e XVII nas Capelas colaterais e laterais, tendo estes últimos sido aplicados nos anos quarenta do século passado, numa intervenção com vista a reduzi-la ao essencial, demolindo-se volumes acessórios, recuperando-se a galeria Sul o pórtico principal, desentapando-se a fachada Norte, e suprimindo-se o coro e alguns altares, além de se intervencionar a Capela-mor e as naves.



Img. 114-Altar de azulejo presente em Capela lateral da Igreja de Sta. Maria.

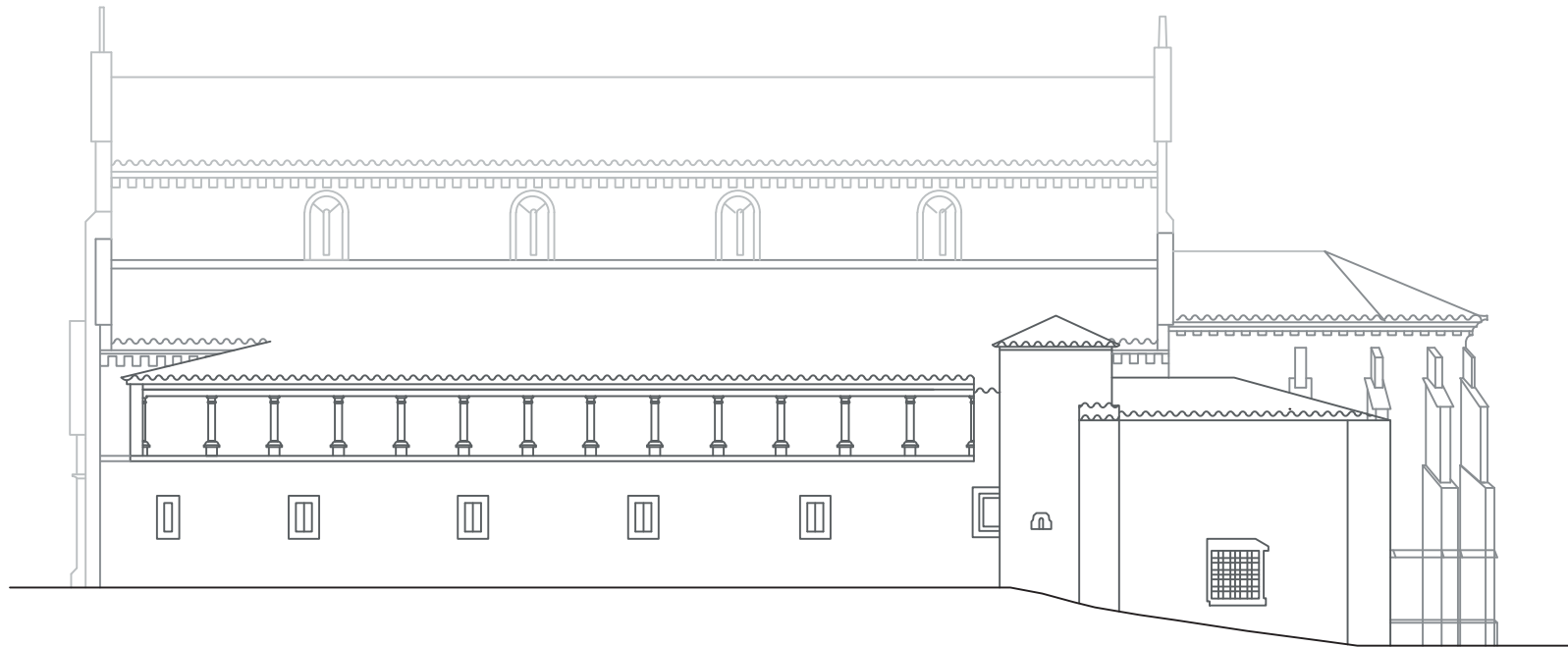


Img. 115-Pormenor do teto azulejar da Capela Colateral do lado do Evangelho da Igreja de Sta. Maria.



0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 17 - Alçado principal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



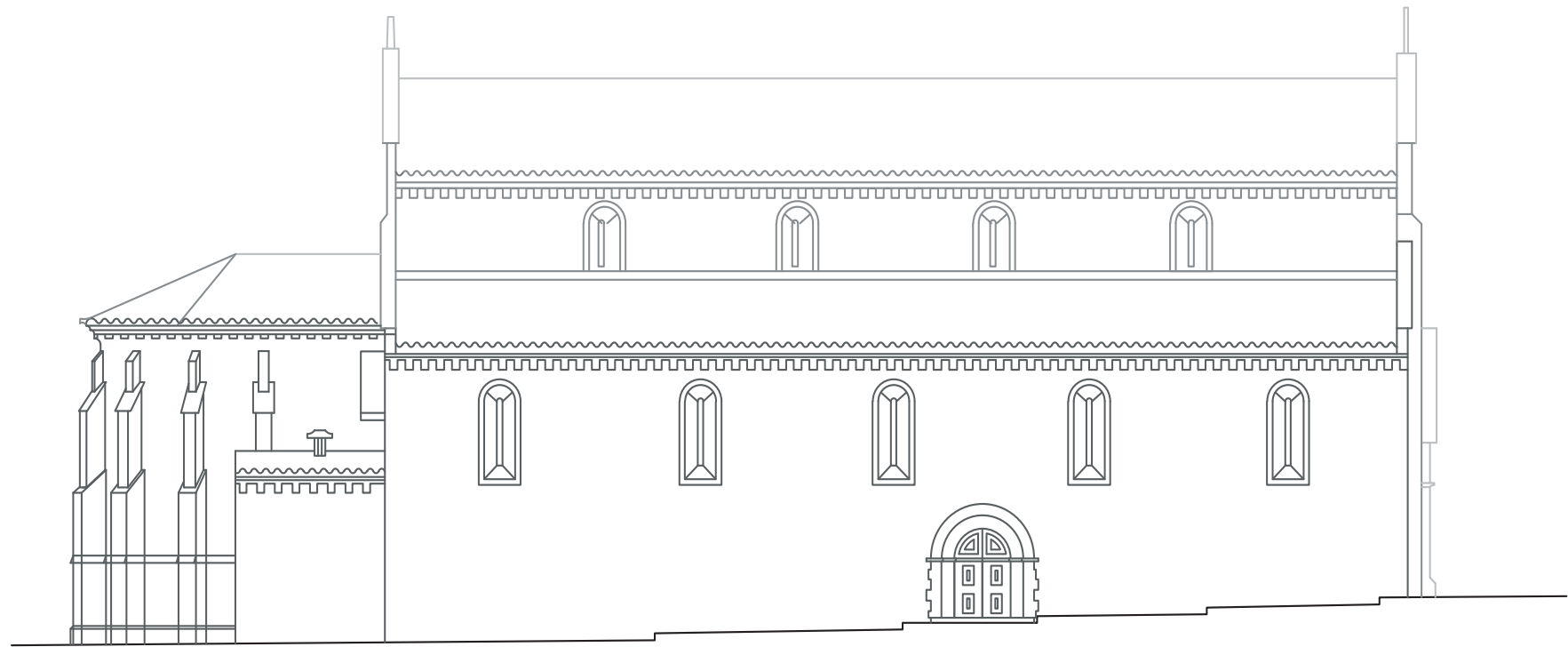
0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 18- Alçado Sul da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 19 - Alçado posterior da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



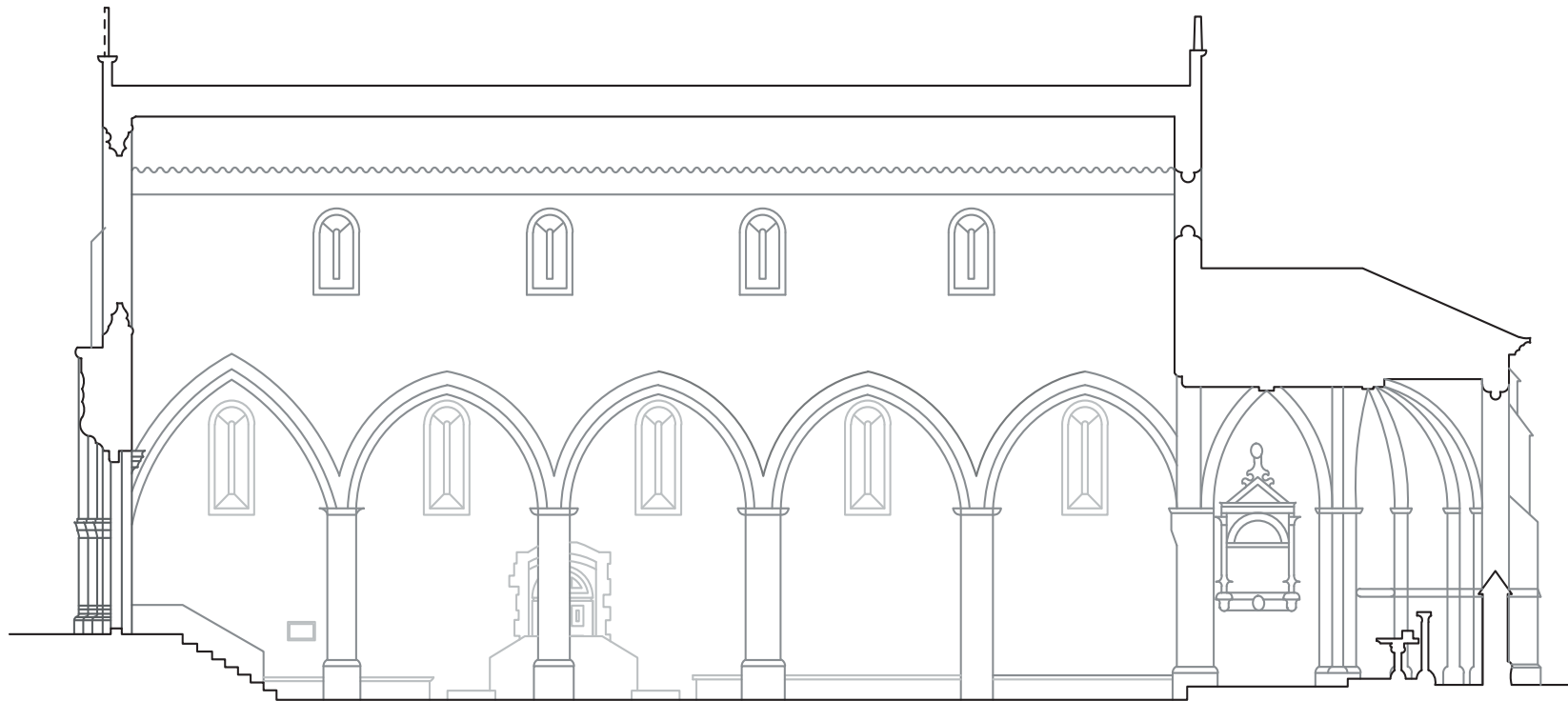
0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 20 - Alçado Norte da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



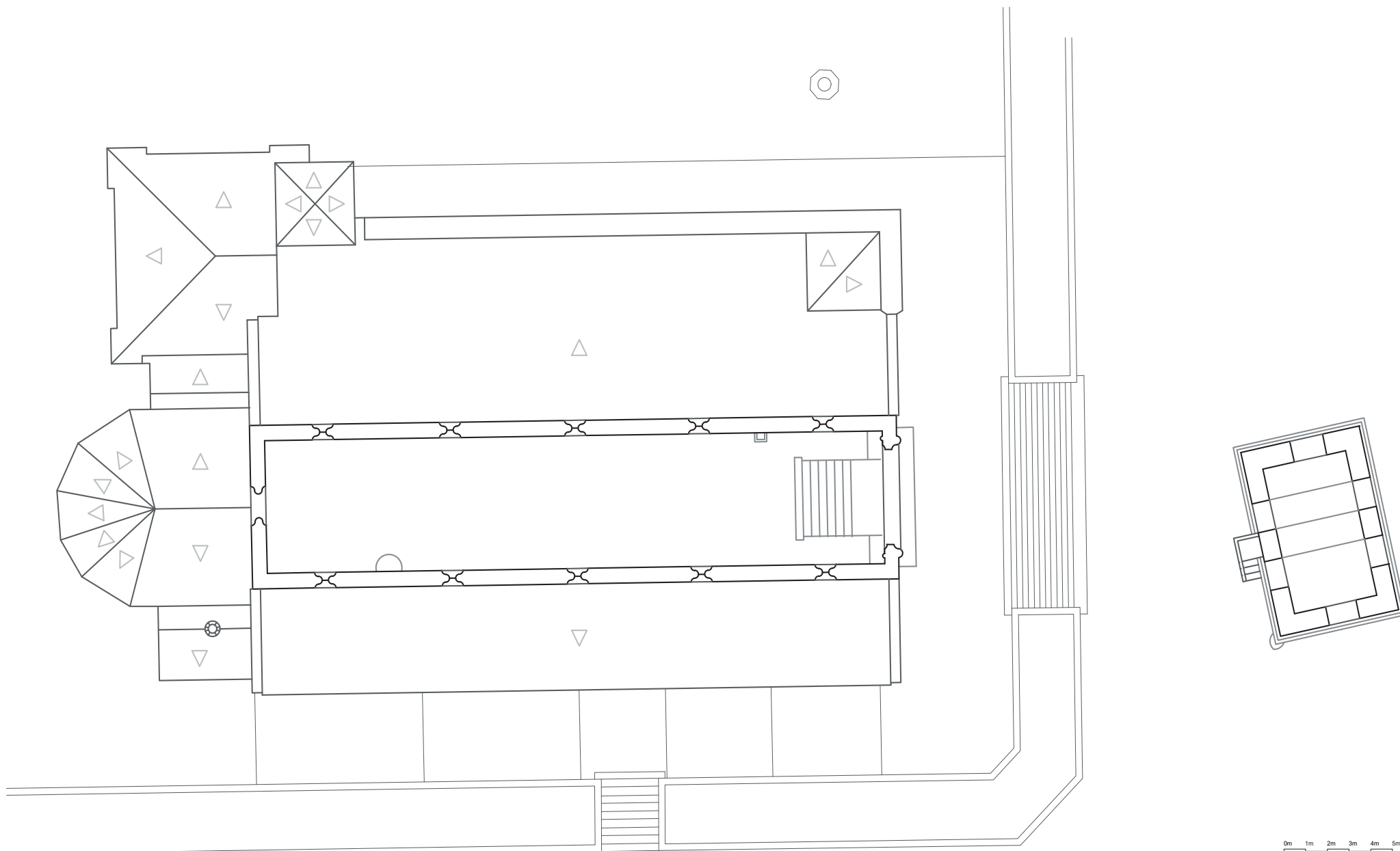
0m 1m 2m 3m 4m 5m

Des. 21 - Corte transversal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

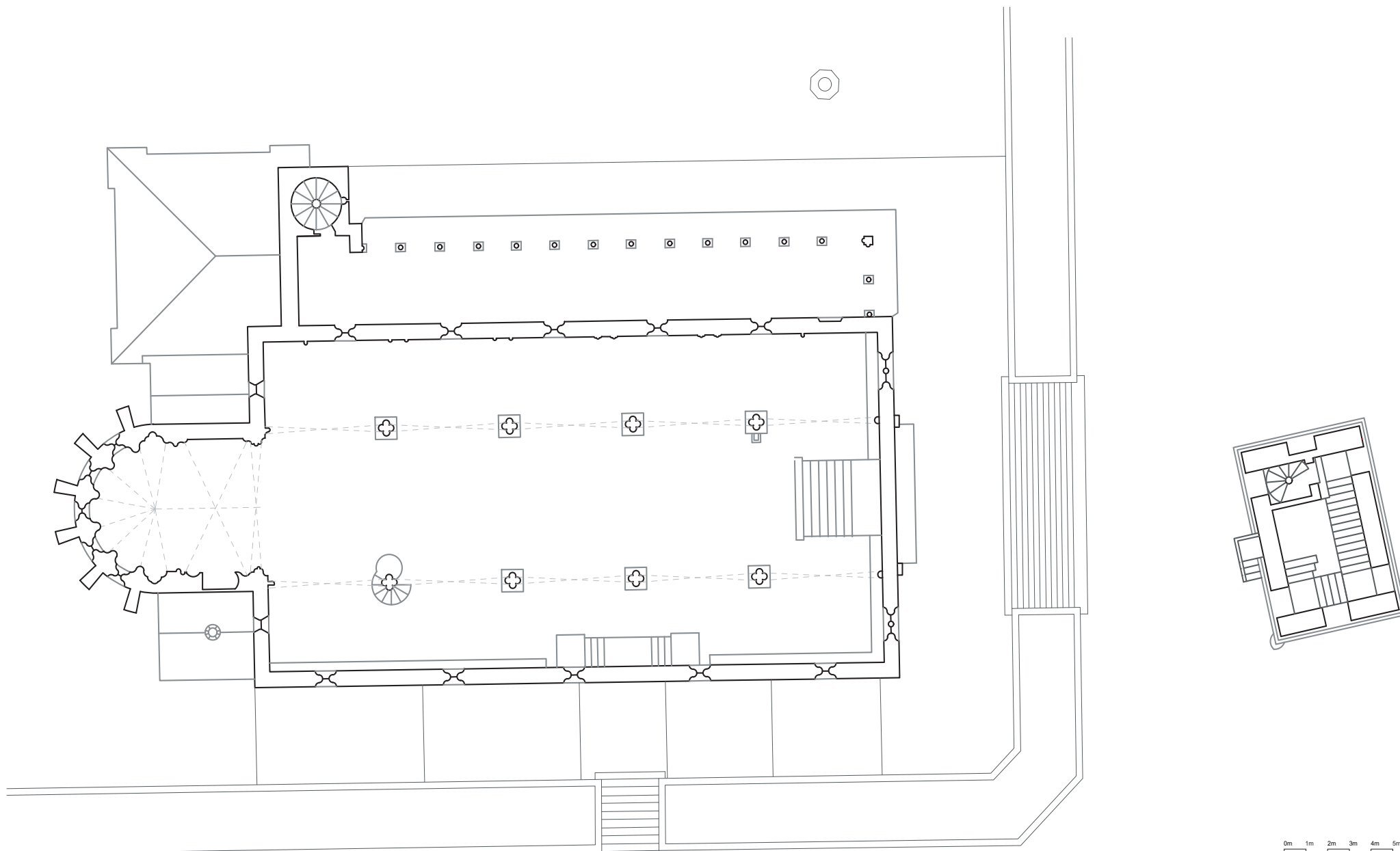


0m 1m 2m 3m 4m 5m

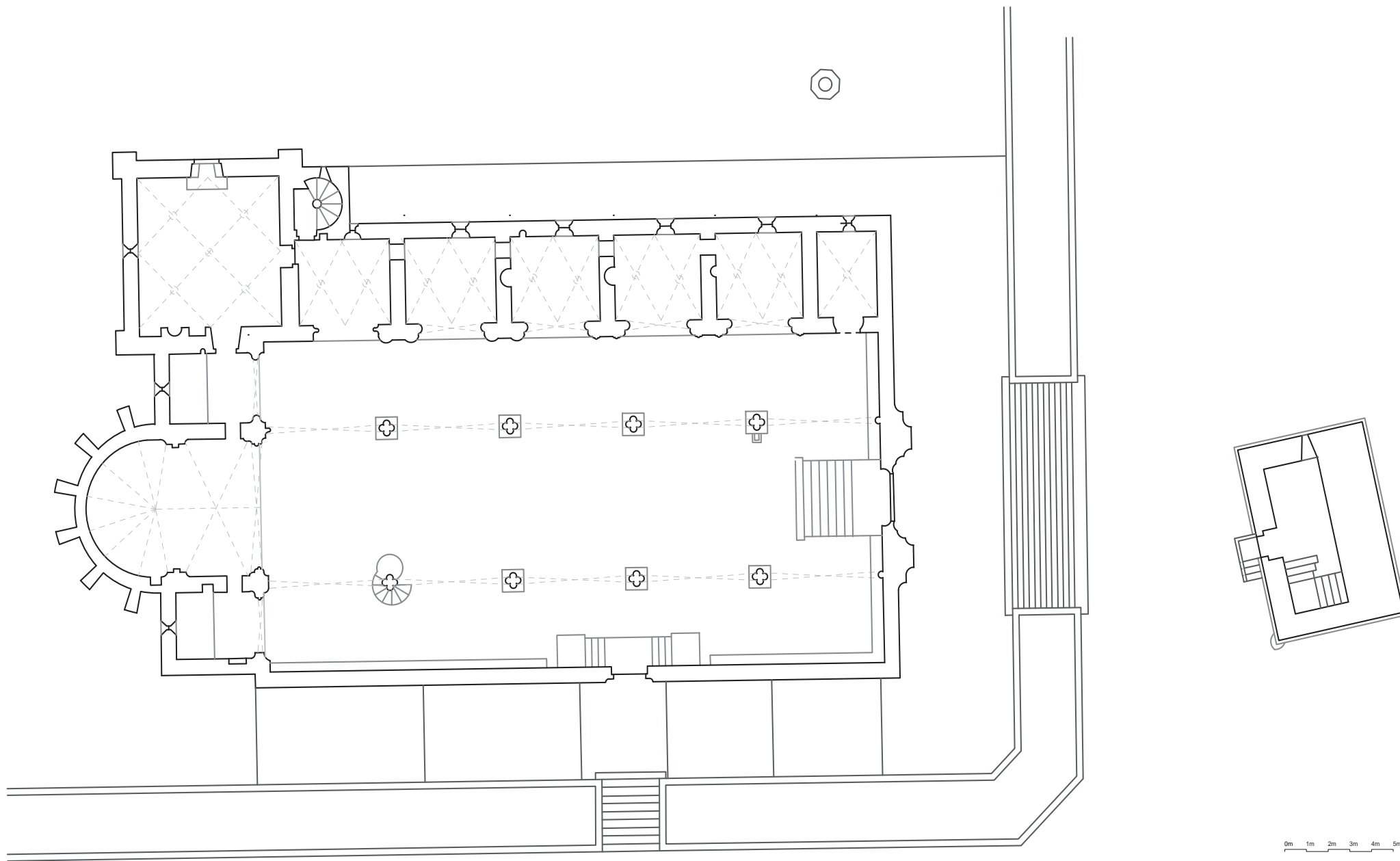
Des. 22 - Corte longitudinal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



Des. 23 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota das frestas- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



Des. 24 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota da galeria Sul- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



Des. 25 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota das Capelas- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

5.4 - Convento

Convento, assim como Igreja, pode referir-se a uma divisão judicial do Império Romano, a um conjunto de religiosos que vivem em comunidade, ou ao local onde estes habitam, tratando-se de edifícios construídos de base, podendo, no entanto, resultar de alterações em pré-existências residenciais ou defensivas, consolidando sempre a sua envolvente, seja esta urbana ou periférica, e anexando-se muitas vezes às muralhas das cidades.



Img. 116-Vista sobre a entrada do Convento de Cristo.



Img. 117-Vista do Claustro principal do Convento de Cristo.

5.4.1 - São Francisco

O Convento de Santa Cita, originalmente designado de Vale Bom por se localizar no vale com este nome, albergava uma comunidade Franciscana, que quando tentou implementar-se na Várzea Grande viu esse intento recusado por D. Henrique que defendeu tratar-se de terrenos da Ordem de Cristo.

Detinha uma Mãe de Água com cobertura piramidal parcial em alvenaria, uma fonte, uma Mãe de Água circular com as portas entaipadas, sacristia e Capela-mor do tempo de D. Manuel, tendo o restante sido feito ou refeito por D. João III.

Mais tarde, os seus monges vieram a ocupar o Convento de São Francisco, junto à Várzea Grande da cidade e fundado por Fr. Manuel da Esperança. Uma construção Maneirista de 1625, com coberturas de duas águas à exceção das Capelas laterais de uma só, sendo o único Templo Barroco de Tomar.

A sua fachada principal Maneirista voltada a Nascente possui três panos, dos quais o central tem três pisos em que o térreo é marcado pelo portal principal de pilastras toscanas sobre pedestais e com entablamento liso e frontão curvo, flanqueado por duas janelas quadrangulares, o primeiro ostenta três janelas retangulares agrupadas como se fosse um grande celeiro, e o último possui um frontão com um óculo, uma cornija correspondente às Capelas laterais, vãos nos extremos rematados por aletas, e atrás da aleta direita a torre sineira.



Img. 118-Vista do Convento de S. Francisco e do Castelo.



Img. 119-Vãos ritmados do Convento de S. Francisco.

Interiormente, a sua Igreja Barroca de planta longitudinal, finalizada em 1636, segundo a lápide presente na Capela-mor, pouco destacada e de cobertura em abóbada de berço com caixotões pétreos, é composta por nave de abóbada de berço em alvenaria caiada, sem transepto, iluminada pelos vãos da fachada principal e do clerestório, e possui quatro Capelas de cada lado, comunicantes entre si e articuladas com a nave por arcos abatidos nas Capelas que antecedem o coro e de volta perfeita nas restantes.

A primeira Capela do lado da Epístola detém um pequeno retábulo Rococó em talha dourada e a primeira do lado do Evangelho é revestida a azulejo polícromo de ponta de diamante, havendo entre estas e as segundas dois púlpitos de bases pétreas quadrangulares e peitoris de madeira, sendo um deles acessível por uma escadaria rasgada no pilar.

As terceiras Capelas possuem arcos sobrepujados por sanefas Rococó que complementam os seus retábulos com nicho ao centro.

O coro-alto apoia-se em três arcos abatidos, abrindo-se um arco triunfal para a nave, rasgado sobre o segundo registo cuja arquivolta se aproxima da cimalha de onde parte a abóbada da nave.



Img. 120-Capela lateral da Igreja de S. Francisco.

A antiga Capela dos Terceiros de planta retangular e cobertura em abóbada de berço de alvenaria e de caixotões desenhados, junto à Capela-mor, “no alinhamento da Capela lateral de São Francisco”⁷⁰ pela qual se acede, possui um vão retangular e o que seria um altar pétreo convertido em armário, e articula-se com a sacristia por meio de um túnel dos anos 60 ou 70 do séc. passado.

A sacristia adossada ao lado Sul da Capela-mor, e precedida de um “espaço equivalente à antiga Capela dos Terceiros”⁷¹ a Norte, possui planta retangular de “cobertura em abóbada de berço abatido”⁷² e ostenta um “lavabo setecentista” e um vão pétreo entaipado que ligava ao claustro na parede Sul.

A torre do lado direito da fachada terá sido concluída no ano de 1660, pelo facto dos Franciscanos viverem de esmolas.

A fachada Sul corresponde a um dos lados do pátio e possui apenas algumas janelas, correspondendo a fachada Norte a uma lateral da Igreja, que ostenta um portal entaipado, de verga reta saliente, para além das fachadas Norte e Sul da Igreja serem marcadas por contrafortes que suportam a abóbada.

70 cit. 56

71 cit. 56

72 cit. 56



Img. 121-Vista do coro-alto da Igreja de S. Francisco.



Img. 122-Enquadramento do portal da Igreja de S. Francisco.

O claustro de planta quadrada à esquerda do Templo, apresenta dois registos e sete tramos em cada ala, de arcos sobre pilares toscanos no piso inferior de cobertura em abóbadas de aresta, e de arcadas hoje encerradas com vãos rasgados ao centro e uma varanda de balaústres entaipada nos intercolúnios com o dobro dos pilares a suportar um entablamento no piso superior, além de galerias em abóbada de berço abatida de alvenaria caiada.

Já o pátio ajardinado também de planta quadrada e dois pisos, com vãos retangulares de moldura pétrea, no piso térreo janelas e três portas e no piso superior apenas janelas de peito, articula-se com o exterior por um vestíbulo em abóbada de berço com lambris azulejares do séc. XVII, ao centro da ala Poente.

O átrio que acede ao claustro Sul é parcialmente coberto por tapete de maçaroca polícromo mais recente e o “átrio da entrada principal”⁷³ por tapete azulejar azul e branco, sendo as salas a ele anexas marcadas por painéis Joaninos a azul e branco do séc. XVIII.



Img. 123-Acesso ao pátio ajardinado do Convento de S. Francisco. 112

Após a extinção das Ordens religiosas, o Convento foi cedido ao Ministério da Guerra, que aqui alojou um batalhão e em 1978, após abandono do Exército por 14 anos, este foi parcialmente entregue à Ordem Franciscana, e em 1981 a câmara de Tomar adquiriu a parcela não classificada do Convento, do antigo quartel muito degradado e parcialmente arruinado, a fim de neste implantar serviços culturais.

Nesta intervenção terminada em 1986 modularam-se os pavimentos em função dos tetos de caixotões, substituiu-se a estrutura de madeira do segundo piso por betão aramado com reforço de varões entre membros formando tirantes, e colocou-se um lintel na cobertura travado transversalmente.

Devido a limitações orçamentais aplicou-se tijoleira de cerâmica e pedra no pavimento, reboco e massa de areia, cal e cimento com acabamento a tinta de água branca nas paredes interiores, e caiaram-se as exteriores, já os tetos de caixotões em madeira de pinho foram tratados e pintados.



Img. 124-Pátio ajardinado do Convento de S. Francisco.



Img. 125-Vista do Convento de S. Francisco.

Já segundo o relatório de visita de 1994 o claustro quadrangular de dois pisos possuía galerias abertas para o pátio por meio de arcadas, tendo o Ministério do Exército compartimentado os claustros para albergar a prisão, as casernas, e outras valências, fechado os espaços entre as colunas com alvenaria de tijolo, e edificado uma escadaria de betão para articular com o piso superior da ala Poente no claustro com cisterna.

O piso inferior era marcado por colunas quadradas de tambor, arcos de intradorso semicilíndrico, abóbadas de aresta em tijolo e pavimento em lajedo calcário, sendo as paredes de alvenaria rebocada e caiada estrategicamente revestidas a lambril azulejar.

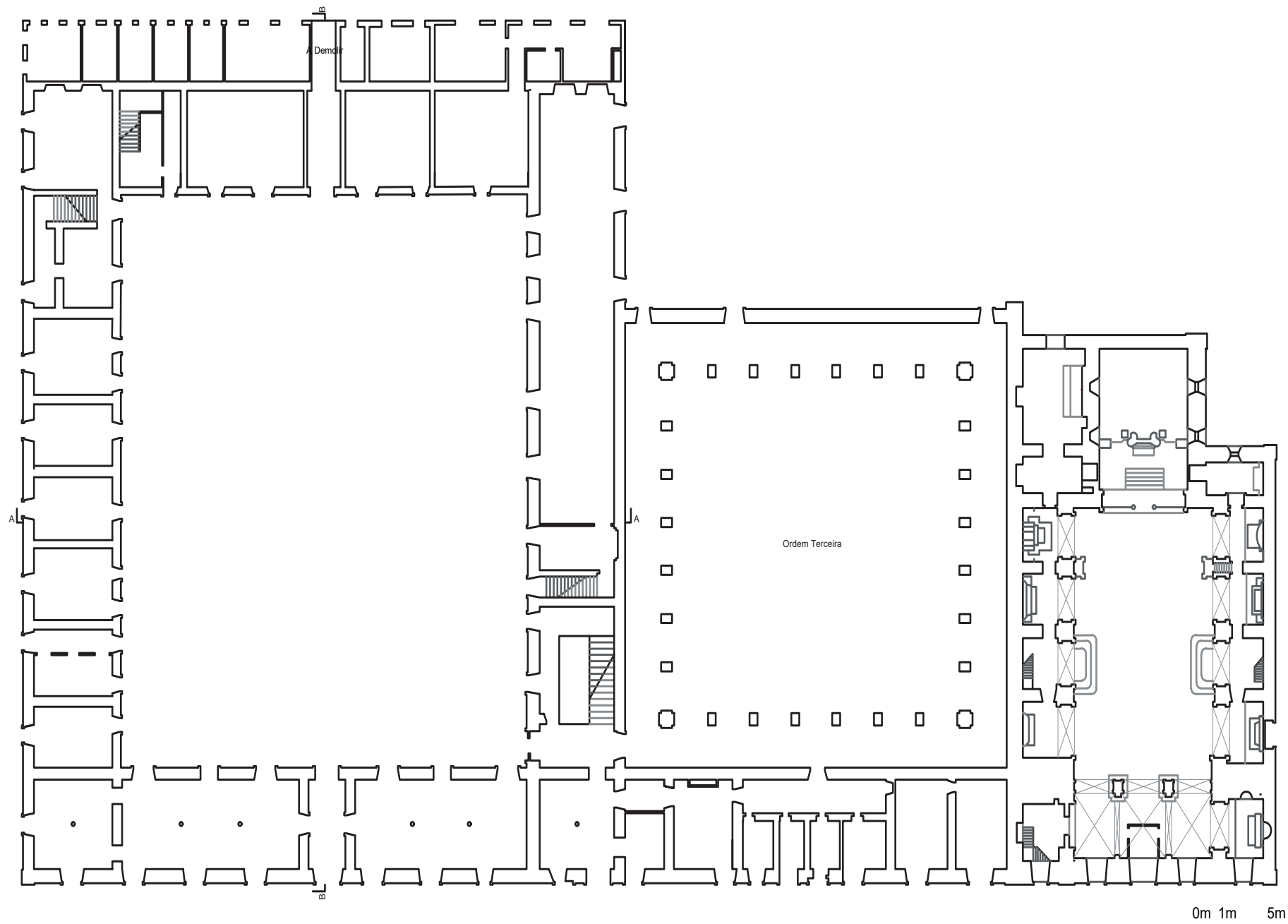
Já o piso superior era composto por colunas iguais às anteriormente mencionadas com entablamento clássico, com cornija e arquitrave calcária, e parapeitos com balaústres e corrimões entre cada coluna.

O teto era em abóbada abatida em tijolo, as paredes em abóbada de pedra rebocada e caiada, e o pavimento em argamassa de cimento com areia.

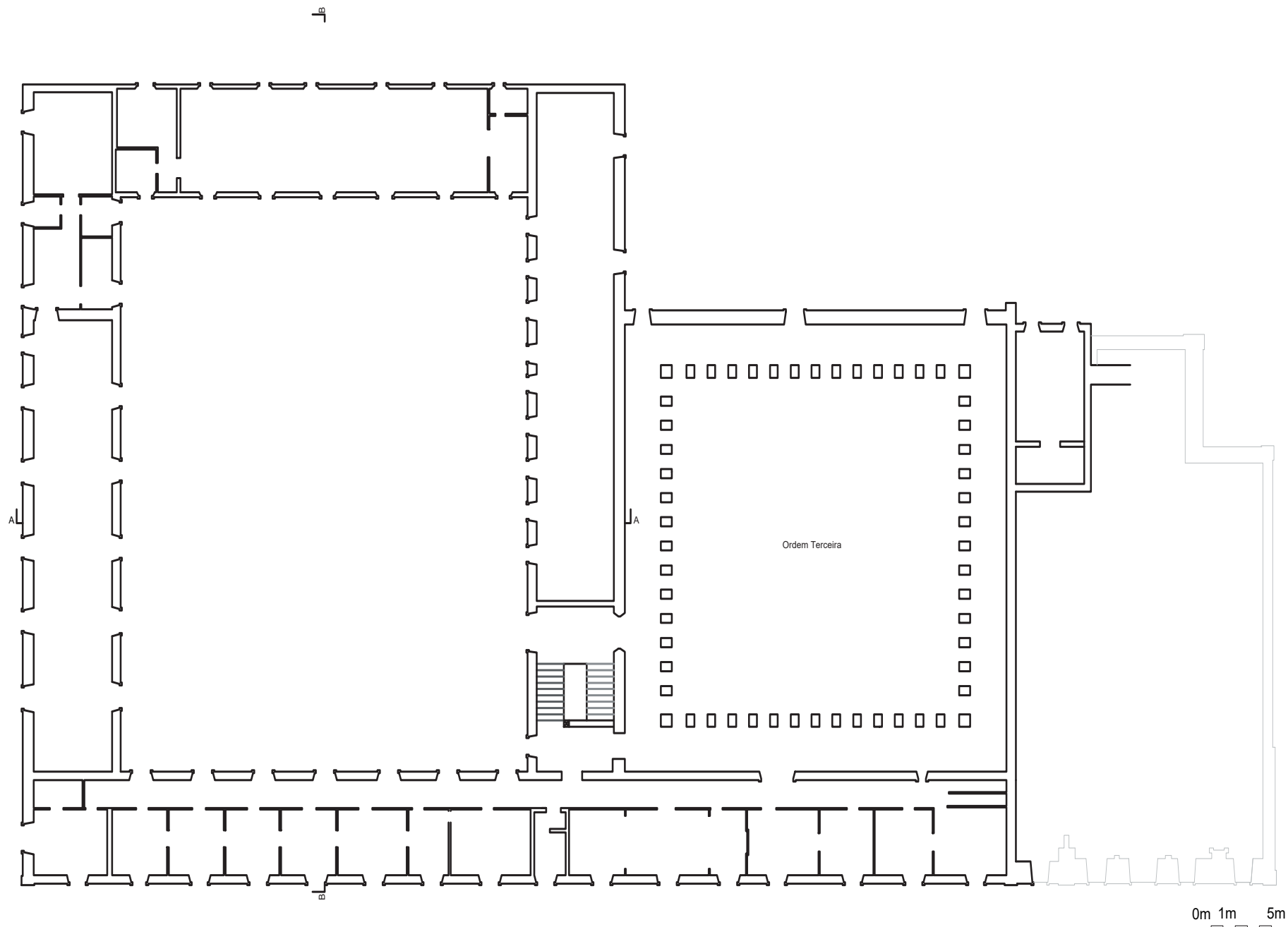
O alçado principal exibia janelas retangulares ritmadas no piso superior, e janelas retangulares e dois óculos no inferior, sendo as paredes de alvenaria de pedra rebocada e pintada e a cobertura em telha de marselha assente em estrutura de madeira.



Img. 126-Pormenor da fachada principal do Convento de S. Francisco.



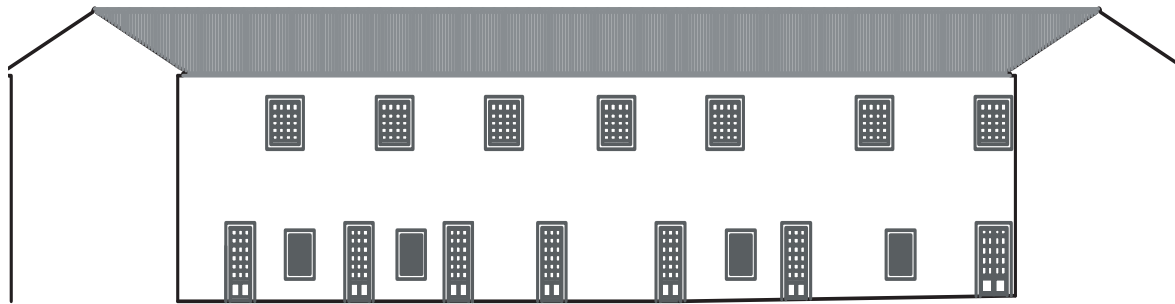
Des. 26 - Planta inferior do Convento de S. Francisco- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



Des. 27 - Planta superior do Convento de S. Francisco- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



Corte AA'



Corte BB'

0m 1m 5m

Des. 28 e 29 - Corte AA' e BB' do Convento de S. Francisco (em cima e em baixo respetivamente) - Feitos pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

5.4.2 - Santa Iria

A igreja de Santa Iria, padroeira da cidade, data de 1536 e incorporava o Convento do mesmo nome fundado em 1467 sobre as ruínas do que inicialmente seria um Recolhimento de devotas.

Este foi adquirido por D. Mécia Vaz Queiroz, que aqui se instalou com suas três filhas tendo uma destas, após morte da mãe, sido autorizada a convertê-lo num Convento fundado a 2 de fevereiro de 1523, e cujas obras da Igreja terão começado sob liderança de Castilho e pela mão de Pedro Moniz da Silva, contando com a participação de João de Ruão no portal, na janela da fachada principal e na Capela dos Vales cujo acesso é enquadramento por “colunas-balaústres, com frontão triangular armoriado e medalhões nas cantoneiras”⁷⁴ bem como o retábulo em arco, apoiado em colunas e em pilastras ornamentadas que acolhe o Calvário.



Img. 127-Entrada da Igreja e acesso ao Convento de Sta. Iria.



Img. 128-Arco e Frontão da Capela dos Vales- Igreja de Sta. Iria.

74 BORGES, Nelson Correia - João de Ruão: escultor da Renascença Coimbrã, Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1980, p.49

A Igreja de planta longitudinal com nave de cobertura em caixotões pintados e decorados, e vestígios de talha e azulejo de cinco padrões diferentes, datados do século XVII.

É ainda composta por sacristia acedida por portal manuelino, e Capela renascentista denominada Capela dos Vales fundada por Miguel do Vale em 1520, de planta quadrada, cobertura em abóbada nervurada, ornamentada e artesonada, e paredes com painéis de azulejo policromos semelhantes aos da nave, abrindo para esta por meio de um arco perfeito flanqueado por balaustres e encimado por frontão triangular com as armas da família a que se dedica, e com retábulo pétreo renascentista ladeado por pilastras e rematado por frontão em concha.

Para além de possuir uma Capela em abóbada artesonada do lado da Epístola que apresenta um altar pétreo e um retábulo com arcaria renascentista medalhada.

Da reforma arquitetónica de Castilho, esta Igreja revela alguns ensaios sobre as teorias do Renascimento Coimbrão no portal e Capelas laterais, bem como nas ornamentados em pedra, no azulejo em ponta de diamante e na talha dourada.

Este Convento é constituído por várias dependências em torno do claustro, num conjunto espacial e volumétrico que incluía zonas habitacionais, adega, cocheira, celeiro e armazém, de coberturas distintas de uma água na dependência posterior, marquise e parte da galeria Poente do claustro, de duas na trapeira, cocheira e Igreja, de três na zona habitacional, adega e armazém e de quatro nos torreões sobre a zona habitacional.



Img. 129-Portal da Igreja de Sta. Iria.

A fachada Norte, volta-se para a R. Marquês de Pombal e é constituída por três corpos, dos quais o primeiro possui um portão em arco perfeito que articula com um pátio alpendrado com um portal de arco igual que acede ao antigo espaço Conventual, duas janelas retangulares, emolduradas, de obreiras talhadas, e verga arquitravada ligeiramente destacada no piso superior

O segundo corpo com base de cantaria delimitado por cunhais e encimado por cornija moldurada, possui cinco portas retangulares com moldura em cantaria e ombreiras recortadas, das quais a central acede à habitação e tem sobre si uma janela de sacada retangular de moldura de cantaria superiormente talhada e balcão com guardas de ferro, flanqueada por quatro vãos de peitoril com molduras iguais à anterior.

Já o terceiro corpo inclui dois torreões recuados, dos quais o Nascente é limitado por cunhais, capitéis e entablamento e platibanda de ornamentação geométrica, e é aberto a eixo por uma janela, e o outro é menor e encimado por beirado proeminente e com janela retangular a meio.

Na fachada Norte, anexa ao pego, observam-se dois vãos de peito retangulares com gradeamento.

Ao cunhal anexa-se um nicho com uma escultura de Santa Iria. Inferiormente, no canto em que toca o corpo adjacente, encontra-se a cisterna onde se apresenta o Pego de Santa Iria e cujas paredes são revestidas a azulejo axadrezado azul e branco.



Img. 130-Fachada Norte do Convento de Sta. Iria, junto à ponte de origem romana.



Img. 131-Fachada Norte do Convento de Sta. Iria.

Possui ainda um pórtico renascentista em arco redondo enquadrado por alfiz de 1536, altura na qual o conjunto original sofreu reconstruções e acrescentos, inscrito em pilastras pinaculadas apoiadas em pedestais que suportam uma arquitrave sobrepujada por duas urnas da autoria de Nicolau Chaterrene, e encimado por frontão rematado por concha, possuindo também à sua direita e ligeiramente acima uma janela que terá pertencido a um coro desaparecido.

Detém também calvário pétreo e ornamentação “no apainelado da Capela-Mor”⁷⁵ reconstruída e revestida a talha em 1610, de abóbada artesoadada, com medalhões renascentistas nos fechamentos e silhar de azulejo de diamante seiscentista, um retábulo de Cristo na cruz rodeado de dezasseis figuras, e arco ladeado por dois altares em talha.



Img. 132-Enquadramento da Janela do antigo coro alto da Igreja de Sta. Iria.

A fachada Poente, que dá para o rio, possui dois pisos e três corpos dos quais o primeiro e o segundo são circunscritos por cunhais de cantaria, ultimados por beirados proeminentes, possuindo o primeiro um duplo beirado com cornija emoldurada no primeiro terço, simples no segundo, e sem qualquer beirado no terceiro terço, e ostentando o segundo corpo um beirado com cornija emoldurada.

O terceiro corpo também não possui beirado algum.

No primeiro corpo encontra-se uma trapeira triangular recuada de cobertura de duas águas, com vão quádruplo inscrito num arco abaulado, e sete vãos retangulares de moldura em cantaria, dos quais um é de sacada e possui um balcão ligeiramente destacado e com guarda de ferro no segundo piso.

No piso térreo deste corpo podem observar-se duas janelas retangulares com moldura em cantaria, um vão menor e um muro que separa o terraço do peço à beira-rio.

O segundo corpo, de dois pisos com cobertura de quatro águas, que diz respeito ao Pego, possui um vão axial retangular no piso superior e três de moldura em cantaria no inferior, cujos laterais possuem gradeamento de ferro.



Img. 133-Fachada Poente do Convento de Sta. Iria.



Img. 134-Fachada Poente do Convento de Sta. Iria.

A fachada Nascente possui quatro corpos dos quais os dois primeiros se voltam para a travessa com o nome do Convento e são separados pelo Arco das Freiras, tendo-se localizado no primeiro corpo alguns armazéns e encontrando-se no segundo o café Santa Iria.

Os terceiro e quarto corpos pertenciam ao Convento e voltam-se para a R. Marquês de Pombal, sendo o terceiro formado por dois panos separados por pilastras com entablamento e platibanda de decoração geométrica, dos quais o pano à esquerda possui duas portas com moldura de cantaria e uma janela de sacada retangular de ombreiras talhadas, e verga arquitravada ligeiramente destacada.

O outro pano corresponde à torre maior, de três pisos, e é revestido a azulejos de arte nova, possuindo o piso térreo duas portas de moldura em cantaria, o segundo dois vãos de sacada embandeirados e de “arco pleno com alfiz moldurado e pedra de fecho saliente”⁷⁸ com molduras iguais às anteriores e um balcão articulado com o varandim do portal de acesso e com o vão de sacada do outro pano, e o terceiro piso um vão de peitoril em arco abaulado, e vãos de cantaria moldurada, pedra de fecho, e ombreiras talhadas.



O quarto corpo ostenta uma janela de peitoril com moldura de cantaria no segundo piso e uma porta de moldura em cantaria no piso inferior.

Apresenta ainda, esta fachada, base e cunhais de cantaria, e uma escadaria de dois lanços “com guarda em alvenaria e placas de cantaria”⁷⁹ que leva ao piso superior, rasgado por duas janelas de guilhotina de moldura em cantaria.

A fachada Sul, encontra-se encoberta pela vegetação.

O acesso às dependências habitacionais faz-se pelas portas à direita do átrio alpendrado, e pelo portal em arco em frente, que articula com um claustro retangular de dois pisos com cinco arcos perfeitos sobre capitéis toscanos no piso inferior e pilastras quadrangulares jónicas com arqui-trave no piso superior, que liga à área da antiga cocheira, adega, celeiros e outras dependências.

À esquerda do átrio alpendrado existe o acesso ao pátio anexo às paredes da sacristia e da Capela dos Vales.

No piso térreo a galeria Nascente comunica, a Sul com corredor de acesso à adega em arco, com o celeiro, e outras dependências que se ligam ao jardim, e tem na parede Nascente uma janela retangular com moldura de “cantaria e ombreiras com arestas chanfradas até meia altura, que dá para a cocheira”⁸⁰.

79 cit. 56

80 cit. 56



Img. 136-Arco de Sta. Iria.



Img. 137-Entrada do Café Sta. Iria pela fachada Nascente do Convento.

A parede da galeria Poente possui duas portas retangulares de molduras também em cantaria, acedendo a primeira, manuelina e de arco pleno, de menores dimensões e verga superior e ombreira esquerda chanfradas, ao terraço da cisterna com um nicho com o busto de Santa Iria, e bancos adossados às paredes revestidas de azulejo axadrezado.

A segunda porta, articula com uma dependência que ostenta um óculo para o Pego.

Na parede Poente, junto ao rio, observam-se três janelas, cujas laterais possuem moldura de cantaria e gradeamento e a central, de maior dimensão, é ladeada por pilastras de capitéis jónicos, fustes com decoração floral e ultimada por verga arquivada com uma cartela ao centro onde se pode ler “S. P. O. R.”.

A Norte esta galeria articula-se com o acesso à zona habitacional da qual se destaca a base do torreão menor de teto de madeira e três janelas retangulares com conversadeiras a Norte, Sul e Poente, e mais abaixo apresenta um poço com vestígios arqueológicos dos primórdios do Convento.



Img. 138-Vista parcial das Fachadas Norte e Nascente do Convento de Sta. Iria. 125

Possui dois vãos com portões de ferro e um meio vão entaipado, ostentando o segundo piso coberturas de madeira e telha, pavimento de madeira nas galerias Sul e Nascente, e encontrando-se encerrada no início da Poente, com porta tripla com vitrais, que acede à marquise voltada para o rio que comunica com a galeria Poente de piso de mosaico, articulando ainda com o interior do sector habitacional, e apresentando no extremo Poente dois vãos entaipados aproveitados para cozinha.

A restante parede apresenta portas para a habitação.

A comunicação com o andar nobre de tetos em estuque do séc. XIX maioritariamente com padrões florais em baixo-relevo e com folhas de acanto nos cantos, é feito pela porta principal da fachada frontal e pela do alçado Nascente, possuindo o interior várias salas intercomunicantes.

O torreão maior e a trapeira alcançam-se por meio de uma escadaria curvilínea, que inicia no piso nobre e no terceiro piso possui um pequeno hall que tem à direita o acesso à trapeira de cobertura em ripas de madeira e à esquerda a ligação ao torreão.

Revelando todo o interior consequências das sucessivas alterações por que passou a zona habitacional a fim de se adaptar às diversas funções, embora igualmente habitacionais, que desempenhou.



Img. 139-Perspetiva do Convento de Sta. Iria.



Img. 140-Trapeira triangular do Convento de Sta. Iria.

A Igreja encontra-se ligeiramente abaixo da cota da rua e a nave tem pavimento em lajedo de pedra com a lápide brasonada do pintor Domingos Serrão, entre outros túmulos, apresentando teto de masseira com caixotões que exibiriam representações da vida de Santa Iria nos medalhões.

As paredes são revestidas a azulejo de ponta de diamante do séc. XVII e talha, à exceção da zona superior junto ao arco triunfal que ostenta ainda trechos da pintura mural do Calvário.

Na parede Norte, para além das janelas e do portal de entrada, encontra-se um púlpito renascentista com bacia, corrimão e balaustrada acessível por escadaria, um altar sobrepujado por um arco de volta perfeita, ladeado por pilastras e sobrepujado por um frontão triangular com uma pintura de São Francisco, para além de uma pia de água benta.

Na parede Sul pode observar-se a Capela dos Vales de cobertura em abóbada oitavada e nervurada, assente em mísulas nos cantos, com retábulo renascentista Coimbrão alusivo ao Calvário e esculturas, ladeado por colunas coríntias e rematado em frontão semicircular.

À esquerda desta encontra-se o vão para a sacristia de verga talhada e ombreiras encordoadas.



Img. 141-Altar da Capela dos Vales – Igreja de Sta. Iria.

Um arco triunfal sobre pilastras toscanas com pinturas murais, abre para a Capela-mor de abóbada nervurada e artesonada, com pinturas de uma balaustrada em “trompe l’oeil”, sendo as paredes revestidas a azulejo e encimadas pelo “tímpano dos arcos quebrados”⁸¹ dos panos laterais, duas janelas retangulares e vitrais, além de inscrições referentes ao seu fundador, Pedro Moniz da Silva, e à sua reconstrução.

Lápides encimam as pedras “de armas dos Monizes, Silvas, Henriques e Sosas”⁸² sendo a da Epístola policromada.

O altar-mor é em talha dourada e possui colunas salomónicas, encontrando-se sobre plataforma ligeiramente elevada, e possuindo uma Imagem da Santa a que se dedica a Igreja.

O arco triunfal é ladeado por dois “altares em cantaria com retábulos em talha dourada”⁸³, encontrando-se o atual café Santa Iria, anexo ao Templo a Poente, bem como uma habitação e parte de um armazém do antigo Convento a Sul.

Este café é acessível pela R. de Santa Iria e pela Marquês de Pombal, encontrando-se ligeiramente abaixo da cota da rua e possuindo duas colunas toscanas ao centro e um arco cego, em pedra, de volta perfeita e com “fecho saliente em forma de mísula”⁸⁴ apoiado em pilastras e que teria decoração policromada e dourada, e flores representadas no seu fundo.

81 cit. 56

82 cit. 56

83 cit. 56

84 cit. 56



Img. 142-Altar-mor da Igreja de Sta. Iria.



Img. 143-Teto da Capela-mor da Igreja de Sta. Iria.

O piso térreo apresenta duas portas com moldura em cantaria e uma janela gradeada, tendo a Nascente um rodapé em tons de castanho onde se abre uma porta de moldura igual às anteriormente mencionadas e uma janela em capialço gradeada.

No piso superior observam-se três vãos, diferentes entre si, novamente com moldura em cantaria, sendo dois deles de avental.

Com as Invasões Francesas os vários Templos da cidade foram saqueados, e vandalizados, contribuindo para a extinção das Ordens e venda dos bens restantes e alguns dos Templos “em hasta pública”⁸⁵, onde se incluiu o Convento de Santa Iria.

Este foi ocupado por habitações e por “uma fábrica de tecidos de lã”⁸⁶, junto à sua Igreja encontra-se o arco que ligava o Convento a uma construção posterior.

O seu portal e Capela lateral foram considerados Monumento Nacional em 1920 e o resto do complexo classificado Imóvel de Interesse Público vinte e seis anos depois.

Mais recentemente desapareceu o coro-alto e procedeu-se a uma estabilização construtiva e recuperação da cobertura, revestindo-se ainda o edifício em 1995, altura em que este se encontrava visivelmente degradado.

85 COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto. [et. al.] - cit. 9, p.100

86 SOUSA, J. M. - Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar. Tipografia Silva Magalhães. Tomar: Reedição Fábrica Mendes Godinho S.A., 1903, p.14



Img. 144-Capela-mor e altares laterais da Igreja de Sta. Iria.



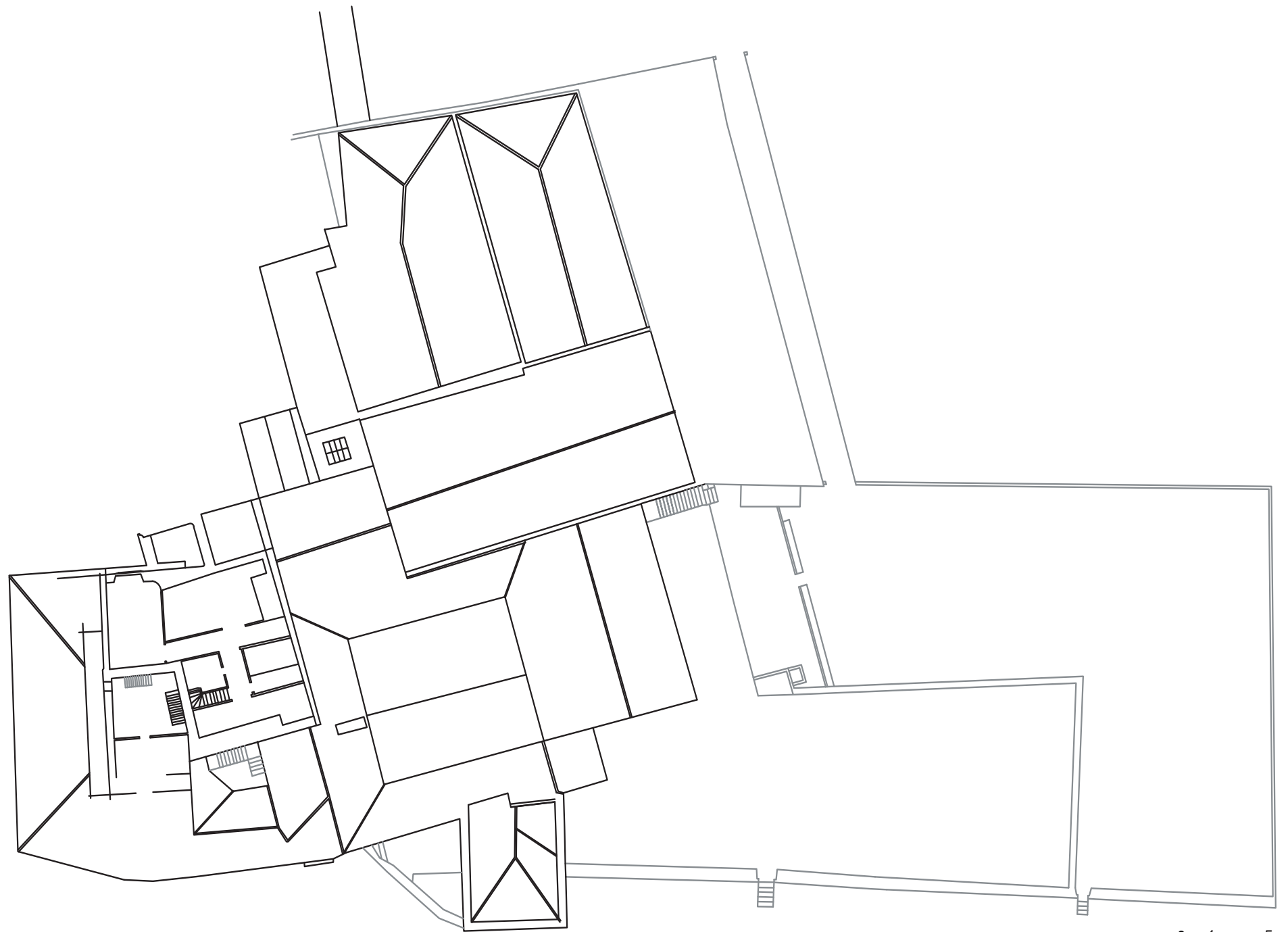
0m 1m 5m

Des. 30 - Planta do piso 0 do Contento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



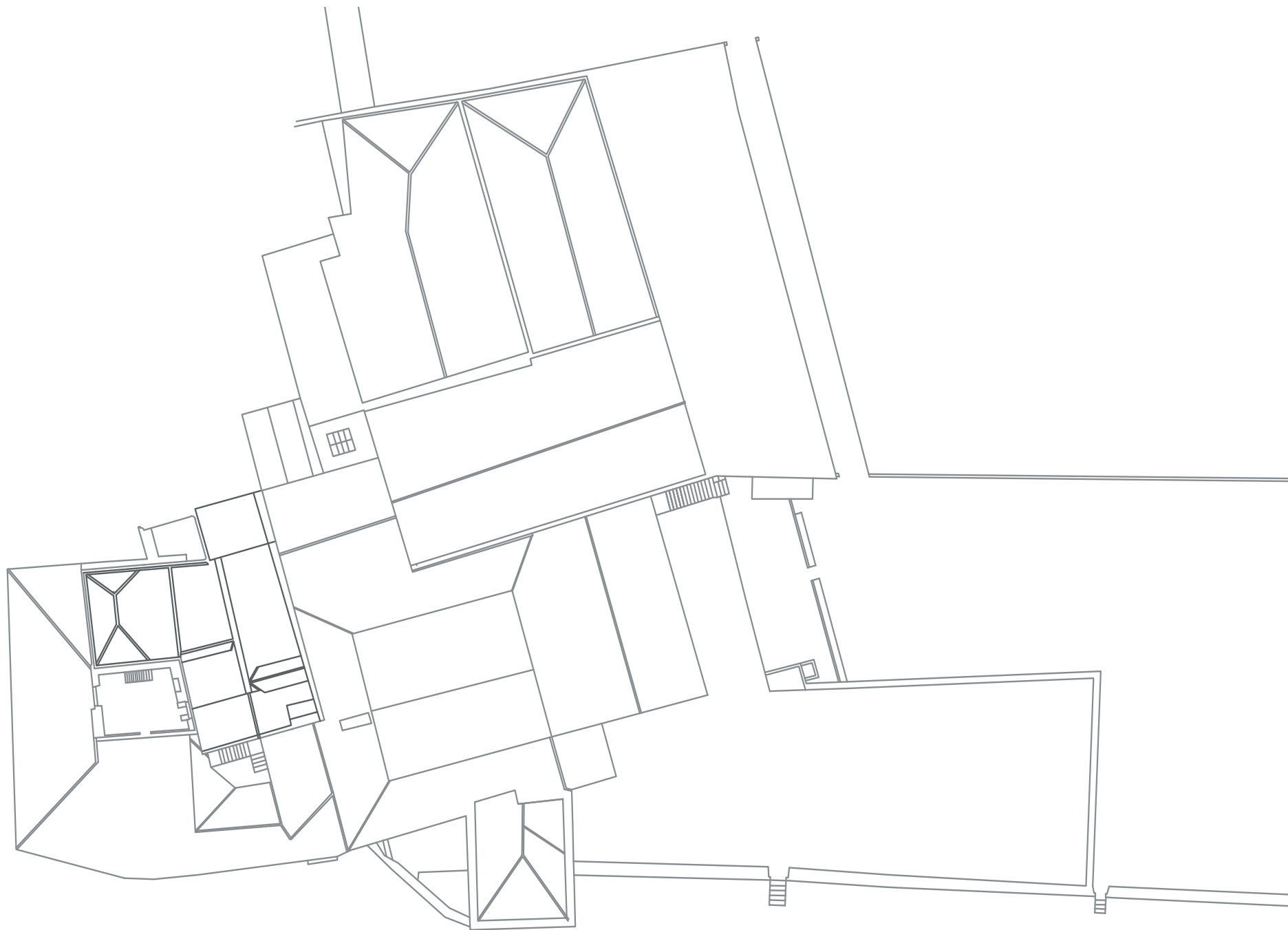
0m 1m 5m

Des. 31 - Planta do piso 1 do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



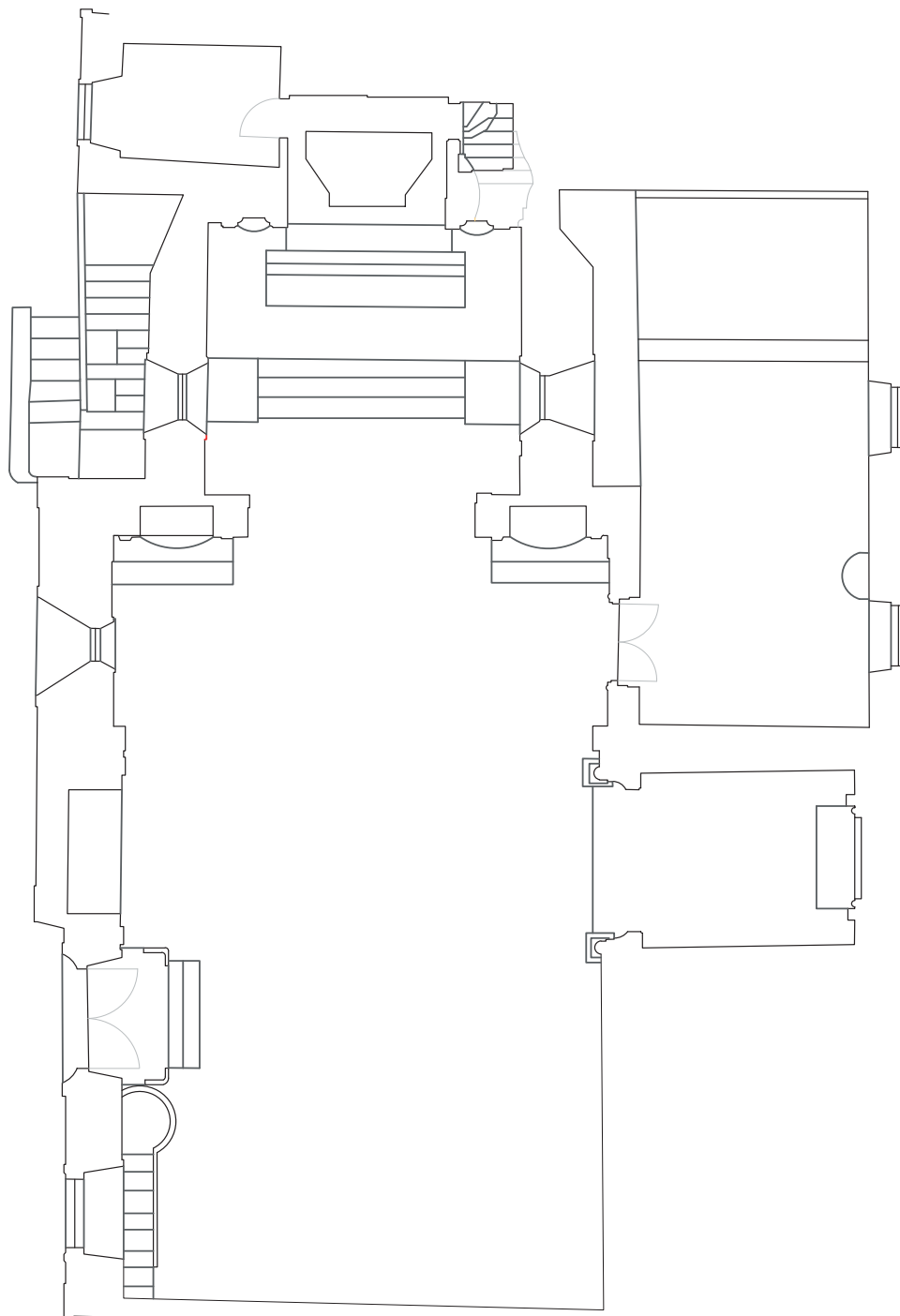
0m_1m_5m

Des. 32 - Planta do piso 2 do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



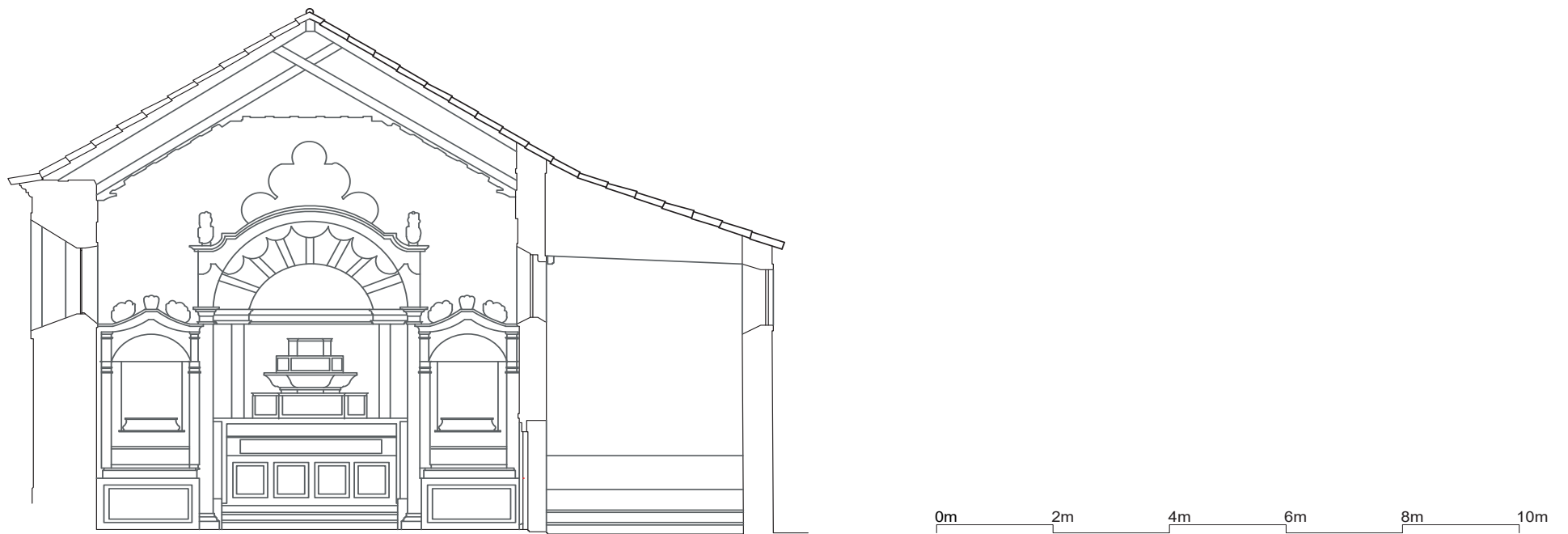
0m_1m_5m

Des. 33 - Planta das coberturas do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



0m 2m 4m 6m 8m 10m

Des. 34 - Planta da Igreja de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.



Des. 35 - Corte transversal da Igreja de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

6 - Outras tipologias religiosas

6.1 - Sinagoga

A comunidade judaica em Portugal, embora obedecesse ao rei, tinha tradições, leis, formas de culto e magistrados próprios, e destacava-se no artesanato e comércio, ganhando poder económico e cultural que veio a suscitar rivalidades com os cristãos e potenciou a sua expulsão em 1497.

Esta, se por um lado podia reger-se pelas suas próprias leis, tendo de certo modo alguma liberdade, comparativamente aos cristãos não era assim pois tinham horários para circular fora do seu bairro, eram impedidos de adquirir ouro, prata e moedas sem autorização do rei, não podiam ter criados cristãos ou ter qualquer tipo de contacto com mulheres cristãs sem a presença de um homem cristão e muito menos casar com elas, tinham de andar identificados pelo símbolo judaico, e pagavam impostos extra.

Inicialmente viviam nas ruas comerciais, ou perto destas, passando mais tarde para bairros que abriam ao nascer-do-Sol e fechavam “ao toque das ave-marias”⁸⁷.



Img. 145- *Menorah* judaico.



Img. 146- *Hamsá* judaico.

87 SARAIVA, José Hermano. [et. al.] - cit. 28, p.659

A Sinagoga, para além de local de culto, servia de tribunal e Câmara, entre outras funções.

O magistrado-mor da comunidade era denominado Rabi-mor e eleito pelo soberano, cabendo a este ser intermediário entre a sua comunidade e o rei, comunidade esta que pagava “o serviço real ou velho”⁸⁸ anualmente ao rei, um imposto que alternava consoante o sexo e idade dos envolvidos, para além de outros impostos.

A sua importância em Tomar terá sido grande, uma vez que se destacavam no comércio e na banca.



6.1.-Sinagoga Tomarense

Desde os massacres para com os judeus ocorridos noutros reinos no século XIV à expulsão dos mesmos de Aragão e Castela no século seguinte que se notou um grande crescimento desta comunidade no país principalmente em Belmonte, Castelo de Vide, Covilhã ou Lamego.

Este crescimento populacional, e consequentemente urbano, levou à construção de Sinagogas de raiz, ampliação das existentes ou adaptação de espaços habitacionais a espaços de culto como em Bragança.

E como a maioria da comunidade que chegou a Portugal, proveniente de Aragão e Castela, descendia de comunidades alemãs, francesas e inglesas, a simplicidade e limpeza dos documentos e edificações muito diferem da elaboração e ornamentação da cultura judaica do *Al-Andalus* ou do Magrebe.

Mas os comerciantes judeus da Idade Média cruzavam o país, e conviviam pacificamente com as outras comunidades, contribuindo fortemente para a evolução da cidade do séc. XIV ao XVI, e remontando a referência mais remota a 1315.



Img. 148-Vãos superiores na Sinagoga tomarense.



Img. 149-Enquadramento de vão da Sinagoga tomarense.

Tomar era uma das suas passagens, datando a primeira menção à comuna judaica Tomarense de 1384, e tendo esta crescido vastamente em número e importância até à sua expulsão ou conversão à qual parte da comuna local se resignou, e como estes viviam nas ruas comerciais, ou perto destas, passando mais tarde para bairros, o Infante D. Henrique promoveu a sua fixação na Rua da Judiaria, posteriormente Rua Nova e hoje Rua Joaquim Jacinto, devendo ter existido portas, ou correntes, nas suas extremidades, que seriam fechadas durante a noite.

Socialmente destacavam-se os mercadores ricos, rendeiros e físicos, a que se seguiam os tecelões, alfaiates, sapateiros, ferreiros e outros, havendo provavelmente também alguns que se dedicariam à agricultura.

Em 1609 a Câmara de Lisboa solicitou apoio financeiro à Câmara Tomarense, para a receção de Filipe II em Lisboa a que a Câmara de Tomar informou a sua impossibilidade de atender ao pedido dada a pobreza dos tomarenses, muitos vítimas da Inquisição, e ausência de alguns ricos, numa clara alusão às perseguições aos judeus.

Até 1910 apenas existiam dezasseis edifícios considerados Monumentos Nacionais, sendo só mais tarde considerado como tal o espaço da Sinagoga tomarense, que para além de local de culto servia de tribunal, câmara, entre outras funções.



Img. 150-Sistema acústico da Sinagoga tomarense.

Trata-se de uma construção do séc. XV, mais concretamente de 1430-1460, com sistema acústico composto por “vasos vitruvianos”⁸⁹ que é a única edificação da Rua cujas características podem associar-se a um Templo Hebraico, incluindo uns ladrilhos descobertos sob o reboco que fariam parte do armário dos livros sagrados. Trata-se do único Templo hebraico proto-renascentista no país pois na altura da perseguição judaica fez-se de tudo para eliminar o que a esta religião se referia, desde documentos a Templos que foram destruídos ou convertidos em locais de culto cristãos ou outros, e fortemente alterados, tendo esta sido transformada em prisão em 1516.

No final do séc. XVI e início do seguinte terá sido a Ermida de São Bartolomeu pois este Templo terá existido nesta rua e mais nenhum edifício poderia ter desempenhado tal função, e dois séculos depois foi palheiro, armazém de mercearias, arrecadação, adega e celeiro, para o qual se ampliou a porta de acesso.

Até 29 de julho de 1921 se levantar a possibilidade de reaver a sua dignidade com a classificação como Monumento Nacional e aquisição, dois anos depois, por parte do judeu e investigador da Cultura Hebraica Samuel Schwarz, que financiou a sua limpeza e desaterro e doou ao Estado em 1939 para instalação do Museu Luso-Hebraico de Abraão Zacuto.



Img. 151-Altar enquadrado com entrada atual da Sinagoga tomarense.



Img. 152-Altar da Sinagoga tomarense.

No ano de 1985 umas escavações desvendaram estruturas de aquecimento de águas e talhas, comprovando a existência de uma sala para banhos purificadores, e no primeiro exemplar do Programa de Valorização-Sinagoga de Tomar a entregar na UNESCO explicitava-se a necessidade de remover os apoios das lajes e picar rebocos, abrir roços para passagem da rede elétrica, pintar as abóbadas e as paredes de branco, assentar os apoios das lajes, substituir o degrau da porta lateral em cimento por um de cantaria de calcário, decapar, imunizar, reparar e pintar os tetos do anexo Poente, bem como picar rebocos, impermeabilizar e aplicar novos rebocos e pinturas neste mesmo anexo, onde também se inseriu uma nova rede elétrica.

Necessitava-se ainda de rever a estrutura da cobertura, recuperar os beirados e chaminés, entre outras ações de recuperação do edifício.

Esta possuía algumas salas ligadas ao culto judaico, anexas a si, como a sala do mikveh/banho de purificação, descoberta nas escavações começadas em 1985 que deram a conhecer também o que seria o forno de aquecimento de águas e algumas canalizações relacionados com este ritual, e permitiram a confirmação da sua data de construção através de moedas e cerâmica aqui encontradas.

Descobriram-se ainda materiais do quotidiano, elementos construtivos distintos, e estruturas medievais.



Img. 153-Vestígios do *mikveh*.

Seria acessível por “uma porta em arco conopial”⁹⁰ presente na fachada Nascente que ostentava o *heikkal* onde se guardava a Tora, e possui um telhado em telhas mouriscas cobrindo uma planta quase quadrangular (9,50x8,25m) correspondendo este bloco da Sinagoga a dois lotes de casas, adossadas e ligadas por galerias, das quais a do lado esquerdo correspondente ao Templo, e a do lado direito a uma habitação de volumes articulados e coberturas em telhados de duas águas, sendo a sua fachada principal rebocada, pintada, e rasgada por vãos retos e emoldurados, e sendo a fachada do Templo propriamente dito marcada pelo portal em verga, com frisos e subcornija de tijolo, e flanqueado por duas janelas, estes três elementos já posteriores à construção original.

Possui também duas outras janelas sobrepostas na parede oposta a esta das quais a superior é marcada interiormente, por moldura renascentista e entaipada exteriormente, que teriam como objetivo a ventilação do espaço.

O seu interior é iluminado por meio de frestas presentes nas fachadas Norte e Sul, e a fachada da zona habitacional revela dois pisos dos quais o inferior é aberto por duas portas de dimensões distintas e por uma pequena janela, e o superior é marcado por uma janela de peitoril.



Img. 154-Vestígios do *mikveh*.



Img. 155-Vestígios do *mikveh*.

Apresenta o seu pavimento rebaixado, relativamente à cota da rua, é interiormente composta por três naveas separadas por quatro colunas cilíndricas de cantaria e segmentadas, com bases quadradas e chanfradas, capitéis de linhas árabes e ornamentação geométrica e góticos de decoração vegetalista, suportando a cobertura em abóbadas ogivais de tijolo caiado assente ainda em doze mísulas incrustadas nas paredes, para além de possuir em cada ângulo, dois orifícios que comunicam com o bocal de bilhas de barro invertidas embutidas nas paredes para melhoria acústica, das quais uma está parcialmente visível, para além de fustes cilíndricos assentes em bases góticas.

As quatro colunas centrais simbolizam “as quatro matriarcas”⁹¹, das quais duas eram gémeas, sendo duas das colunas iguais, e as doze mísulas das paredes “as doze tribos de Israel”⁹².

Oito das suas doze mísulas jónicas possuem base cónica com goteiras e emolduramento côncavo onde se apoia a segunda parte da mísula e volutas envoltas na ponta desta.

Outro elemento relevante é o vão em arco contracurvado, do séc. XV, que articula a sala das orações com o vestíbulo a Nascente e de frente ao qual se encontrava a sala feminina, encontrando-se sobre estes dois últimos espaços o que seria uma sala de estudo e “de apoio à comunidade”⁹³.

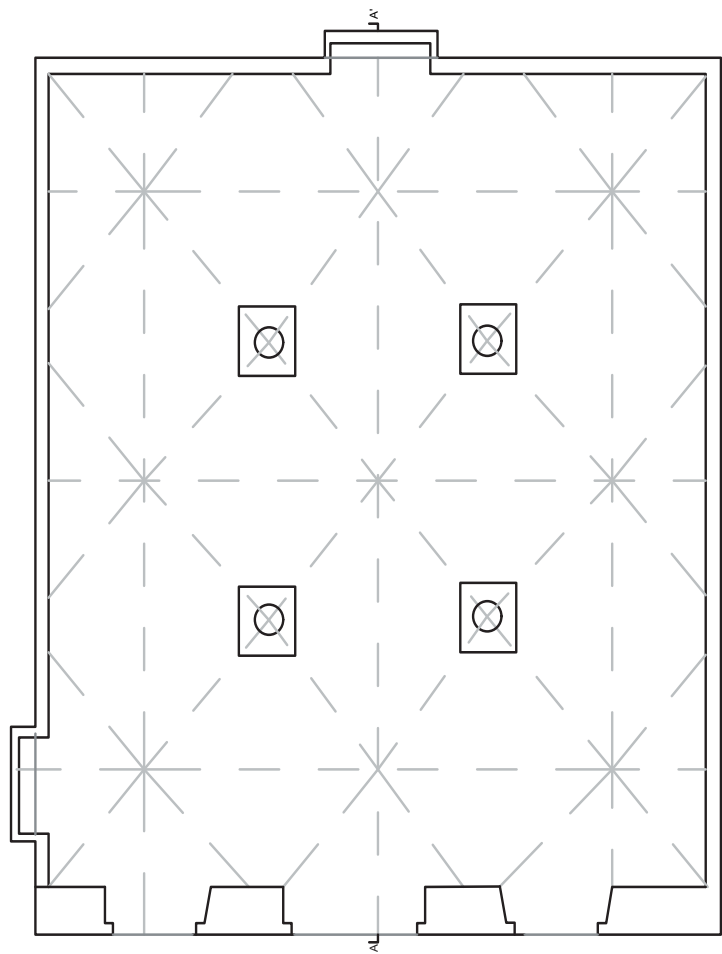
91 TRINCÃO, Carlos. De Ser, Razão - TOMAR, Terra Templária. Gabinete de Publicações C.M.T., D.L 215793/04, p.13

92 TRINCÃO, Carlos, [et. al.] -cit. 91, p.13

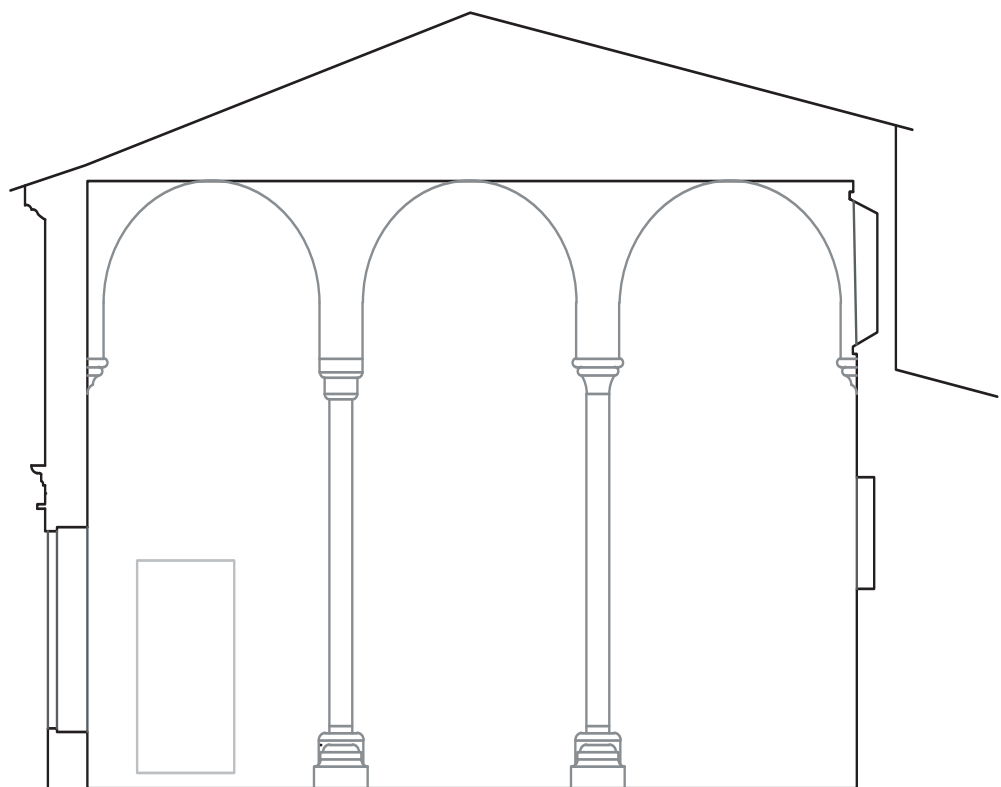
93 AFONSO, Luís Urbano - As sinagogas portuguesas e o tardo-gótico. ARTIS – Instituto de História da Arte, FLUL, p.123



Img. 156-Acesso original da Sinagoga tomarense.



Des. 36 - Planta da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



Corte AA'



Des. 37 - Corte da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.



0m 1m 5m

Des. 38 - Alçado frontal da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

7- Proposta de percurso pelo património religioso de Tomar

A fim de revitalizar a cidade em estudo através do património religioso tão vasto e marcante na malha história da mesma, e também fora desta, são propostos dois percursos.

Um de menores dimensões e mais fácil execução para se realizar a pé, cujo início proposto é o Convento (Igreja) de São Francisco. pela sua proximidade com a central de camionagem e ferroviária, e cujo complexo alberga o Museu dos fósforos Aquiles da Mota Lima que apresenta mais de 80000 caixas, rótulos e elementos relacionados com o tema a que se dedica, e termina na Igreja de Santa Maria do Olival, que teve honras de Catedral foi Panteão da Ordem do Templo e ainda apresenta a lápide sepulcral de D. Gualdim Pais, cavaleiro Templário e fundador da cidade.

E outro mais longo e complexo, aconselhado a ser realizado de automóvel, que pode facilitar a circulação de quem tem mobilidade mais reduzida, não podendo por isso percorrer grandes distâncias a pé, mas também permite visitar Templos mais dispersos, como é o caso da Ermida de Nossa Senhora da Piedade que se encontra num monte marcado pela enorme escadaria que a articula com a cidade, a Capela de São Lourenço que se encontra junto da estrada para Lisboa, ou a Ermida de Nossa Senhora da Conceição que também se encontra elevada relativamente à cidade proporcionando uma vista privilegiada sobre a mesma.

Qualquer um destes percursos passa por locais de interesse de outras tipologias, como é o caso do Museu da Levada, da Casa dos Cubos, ou da Mata Nacional dos Sete Montes, e possibilita um crescimento do comércio e turismo local, mas para que este tenha efectivo interesse e efeitos práticos em todas estas áreas propõe-se a abertura efetiva da Ermida de Nossa Senhora da Conceição, das Capelas de Santo António, São Gregório, e São Lourenço, bem como da Igreja da Misericórdia, a ainda a ampliação dos horários de visita das Igrejas do Convento de Santa Iria e do Convento de São Francisco, bem como da Sinagoga, promovendo assim um conhecimento e maior interesse por estes Templos, criando postos de trabalho e auxiliando até o comércio local através da movimentação turística que destas ações poderá resultar.

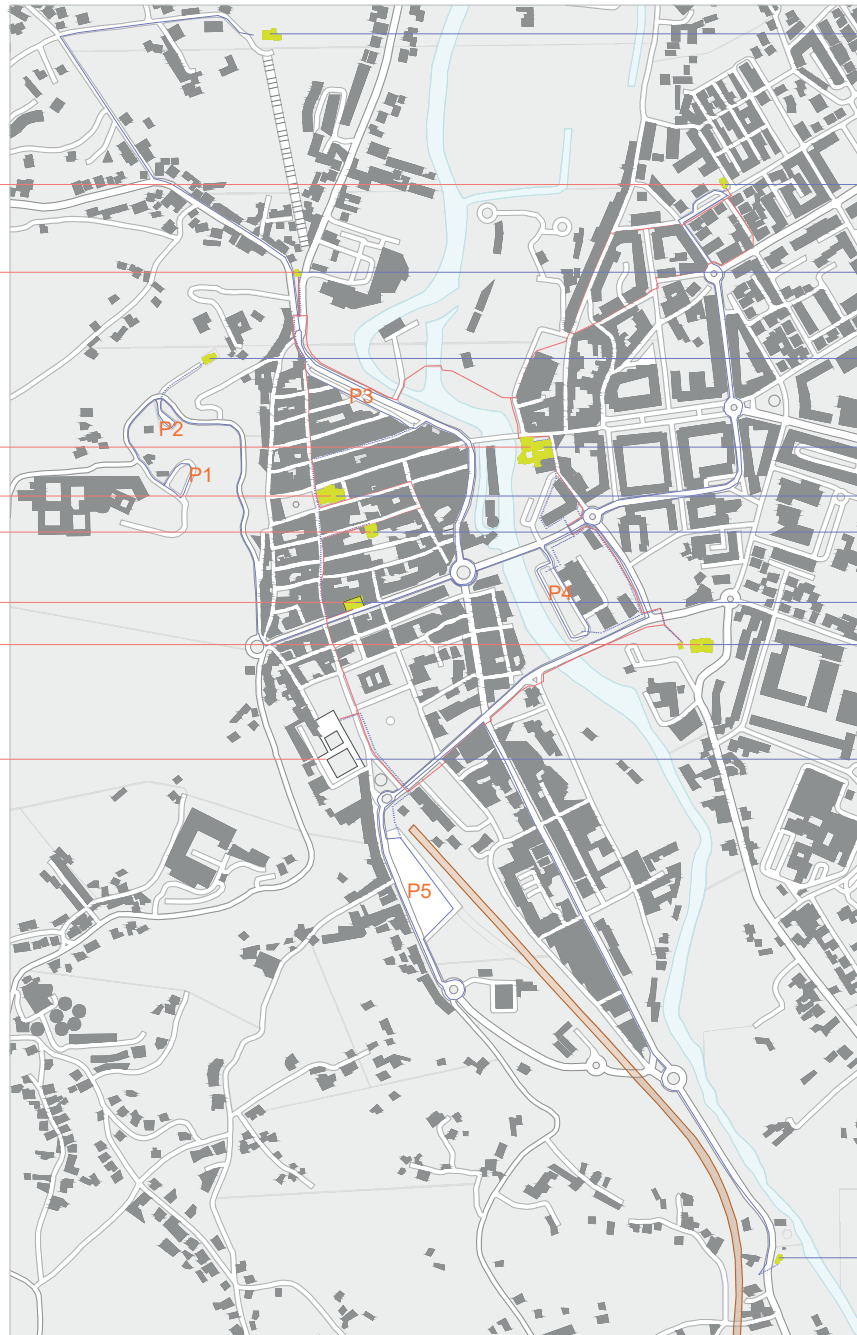
— Percurso a pé com início e fim junto às estações de autocarros e comboios:

-Estação

- 1 São Francisco
- 2 Misericórdia
- 3 Sinagoga
- 4 São João
- 5 São Gregório
- (Centro Interpretativo do percurso)
- 6 Santo António
- 7 Santa Iria
- 8 Santa Maria

-Estação

- 6
- 5
- 7
- 4
- 3
- 2
- 8
- 1



— Percurso de carro com início no Convento de Cristo e fim na Capela de São Lourenço:

-Parque 1 (P1)*
-Convento de Cristo

-Parque 2 (P2)*
1 Senhora da Conceição

-Parque 3 (P3)*
2 São João

3 Sinagoga

4 Misericórdia

5 São Gregório
(Centro Interpretativo do percurso)

6 Senhora da Piedade

-Parque 4 (P4)
7 Santa Maria

8 Santa Iria

9 Santo António

-Parque 5 (P5)
10 São Francisco

11 São Lourenço

*Parque pago

- 6
- 9
- 5
- 1
- 8
- 2
- 3
- 4
- 7
- 10
- 11

Planta da cidade
0m 50m 250m

- Espaços religiosos mencionados no trabalho
- Rio Nabão
- Caminho-de-ferro

Percurso a pé

Com o percurso seguidamente apresentado pretende-se dar a conhecer algum do património religioso da cidade, já conhecida pelo Convento de Cristo, sem ser necessário qualquer tipo de meio de transporte, permitindo-se assim o usufruto das paisagens ribeirinhas, uma observação cuidada da zona histórica, paragem pelos estabelecimentos comerciais, auxiliando assim o comércio local, e a descoberta ou melhor conhecimento das Capelas aos Conventos que marcaram a história de Tomar, e refletem também a história da arquitetura nacional.

No que a Tomar diz respeito, a sua origem toponímica pode vir da devoção do seu fundador a São Tomás, da palavra Tamarma numa menção ao rio Nabão, ou da palavra árabe Thymus, à qual se anexou o prefixo “ar”, datando de 1135 a primeira menção de Tomar já com este nome.

Outro ponto que não reúne consenso é a origem da cidade, que pode ter nascido de uma povoação romano-visigótica de bases lusitanas, ou de uma *villa* romana denominada *Sellium*.

Em 1147 D. Afonso Henriques, doou estas terras aos Templários, 1160 D. Gualdim Pais inicia a construção do castelo, funda a vila, e edifica a Igreja de Nossa Senhora do Olival.

Mais tarde a vila é estruturada a partir da Corredora, que possuía já em 1178 uma Capela de São João, que veio a dar lugar à Igreja de São João da Praça hoje denominada de São João Baptista.

A ocupação do outro do rio fez-se a partir da Igreja de Santa Maria do Olival, Santa Maria de Tomar, ou de Santa Maria de Selho,

E se geralmente as cidades medievais organizavam-se por zonas habitacionais definidas pelas profissões de quem aí vivia, em Tomar as divisões baseavam-se em questões “morais”, havendo uma mancebia, um bairro eclesiástico, e uma Judiaria do séc. XIV.

Neste percurso inclui-se um conhecimento *in loco* dos Templos mencionados, e de outros, que contribuíram igualmente, para a história da cidade.

Fotografia 1 - Estátua do militar desconhecido.



1 - Convento de São Francisco

Originalmente designado de Convento de Vale Bom por se localizar no vale com este nome, passando a ser de São Francisco quando se implantou onde hoje se encontra, trata-se de uma construção Maneirista de 1625, sendo o único Templo Barroco de Tomar.

Apresenta fachada principal de três panos, com o portal principal de pilastras toscanas sobre pedestais, frontão com um óculo, vãos rematados por aletas, e atrás da aleta direita a torre sineira.

Interiormente, a sua Igreja Barroca de planta longitudinal, possui Capela-mor pouco destacada e de cobertura em abóbada de berço, nave sem transepto, quatro Capelas de cada lado, comunicantes entre si e articuladas com a nave, coro-alto sobre três arcos abatidos, a antiga Capela dos Terceiros de planta retangular e abóbada de berço, e a sacristia de planta retangular e cobertura em abóbada de berço rebaixado.

Fotografia 2 - Convento de S. Francisco.

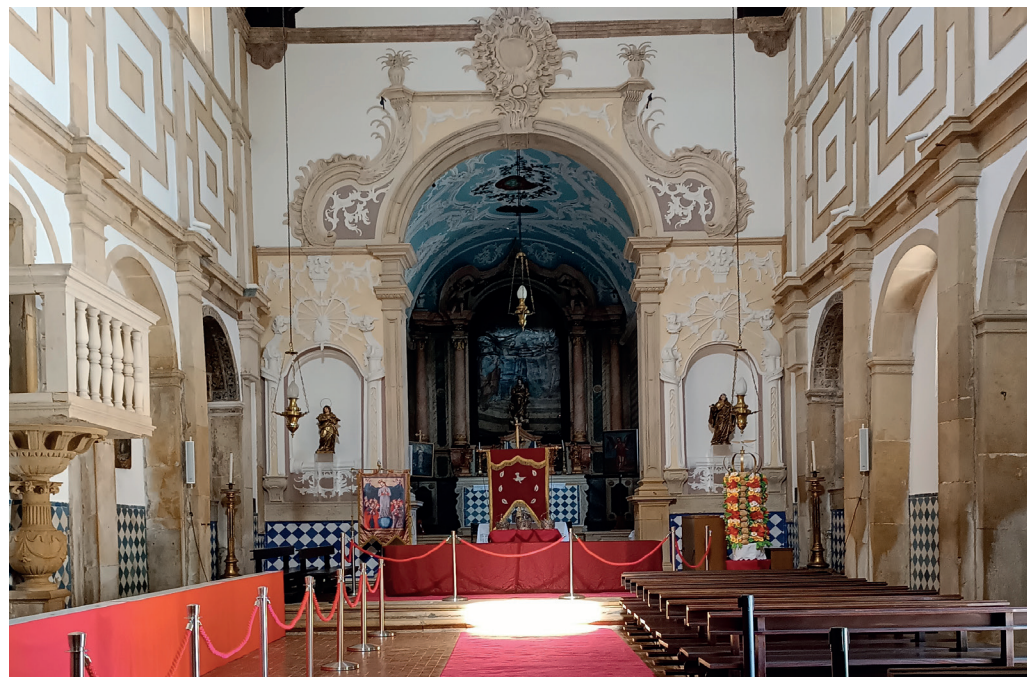


2 - Igreja da Misericórdia

Pertencente ao Hospital de Nossa Senhora da Graça datado de 1672, e originalmente denominada Albergaria de Nossa Senhora da Cadeia, por ser fechada durante a noite e albergar todos os hospícios e hospitais da vila,.

É um Templo Maneirista e Rococó na espacialidade e tratamento pétreo, datado de 1567 segundo lápide nele presente, revestido interiormente a azulejos de xadrez azul e branco, e painel sobre madeira no altar lateral do lado da Epístola. Ostenta fachada principal de quatro corpos, nave única e longitudinal com molduras pétreas retangulares de azulejos axadrezados, dois altares colaterais e dois laterais, coro alto assente em colunas de cantaria na parede Poente e Capela-mor com falsa abóbada, as salas da Irmandade e o Hospital, para além da sacristia e alguns anexos.

Fotografia 3 - Interior da Igreja da Misericórdia.



3 - Sinagoga

Construção do séc. XV, mais concretamente de 1430-1460, sendo o único Templo hebraico proto-renascentista no país, transformado em prisão em 1516, e mais tarde em Ermida, palheiro, armazém, arrecadação, adega e celeiro.

Foi adquirida por Samuel Schwarz em 1923, que financiou a sua limpeza e desaterro e doou ao Estado em 1939 para instalação do Museu Luso-Hebraico de Abraão Zacuto.

Em 1985 descobriram-se estruturas de aquecimento de águas e talhas associadas aos banhos purificadores, neste Templo que era acessível por vão conopial, e possui telhado em telhas mouriscas cobrindo uma planta de 9,50x8,25m, de fachada principal rebocada, pintada

Interiormente é composta por três naves separadas por quatro colunas de cantaria, suportando a cobertura em abóbadas ogivais de tijolo caiado apoiado ainda em doze mísulas, e apresenta atmbém um vão contracurvado do séc. XV.



Fotografia 4 - Interior da Sinagoga.

4 - Igreja de São João Baptista

Igreja Matriz, originalmente de São João da Praça, é anterior a 1401, e atualmente trata-se de um Templo Gótico possivelmente inacabado, pois para a fachada principal ser simétrica teria de ter outra torre.

De planta retangular, três naves, e cinco tramos de arcos quebrados cruciformes, sobre quatro feixes de colunas, cobertura de madeira, torre sineira rematada por coruchéu piramidal, portal principal manuelino flamejante.

Interiormente apresenta Capela-mor ladeada por Capelas que comunicam consigo, de cobertura de abóbada nervurada, púlpito poligonal de calcário branco, rendilhado, altares laterais do séc. XVII em cantaria, uma secretaria no local da antiga sacristia, um Batistério, uma sacristia, e um pátio interior em L, num conjunto volumétrico horizontal de coberturas distintas.



Fotografia 5 - Igreja de S. João Baptista.

5 - Capela de São Gregório

Capela quinhentista de planta octogonal, madeirada em 1535, edificada onde terá existido uma outra anterior a D. Gualdim Pais.

Apresenta cobertura em cúpula revestida a cimento, ostenta portal manuelino retangular de verga, é protegida por galilé assente em oito colunas toscanas em três dos seus lados, e possui cobertura facetada.

Detém nave em cúpula de arco sobre pilastras e revestida a azulejos setecentistas, e foi reconstruída em 1497, adoçando-se à sua Capela-mor retangular, uma sacristia quadrangular de cobertura prismática em barrete de clérigo, com azulejos axadrezados.

Fotografia 6 - Capela de S. Gregório.



6 - Capela de Santo António

Construída entre 1953 e 1955, mas com elementos de uma Ermida renascentista, com portal e a Capela-mor nervurada provenientes desta última, sendo a ousia em arco Gótico datado do século XV e ostentando abóbada de artesões. Mais tarde recebeu de edificações demolidas a rosácea, as vergas das portas, as cantarias renascentistas da porta de serviço e os azulejos hispano-árabes do altar que proveem da chaminé de um antigo imóvel da Praça da República.

Fotografia 7 - Interior da Capela de Santo António.



7 - Igreja de Santa Maria do Olival

Em tempos designada de Nossa Senhora da Assunção, ou de Santa Maria de Selho, e cuja data de construção original é desconhecida, foi reconstruída no séc. XIII, com linhas góticas e características paleocristãs na volumetria tripartida e destaque da nave central, não ostenta torre sineira acoplada porque o Templo original é muito anterior à utilização de sinos, devendo apenas restar da Igreja Templária a cantaria da fachada principal o pequeno óculo, e as frestas de parte superior arredondada que iluminam as naves laterais.

Esta Igreja de três naves e cinco tramos, apresenta pilares cruciformes sem capitéis e articulados pelos doze arcos ogivais que dividem as naves, galeria a Sul, cobertura de madeira apainelada, cabeceira tripartida e escalonada, além de abside poligonal de abóbada artesonada, sacristia quadrada acessível por porta renascentista, e Capelas Maneiristas a Sul.

Fotografia 8 - Igreja de Sta. Maria do Olival.



8 - (Convento) Igreja de Santa Iria

A igreja de Santa Iria, padroeira da cidade, data de 1536 e incorporava o Convento do mesmo nome fundado em 1467 sobre as ruínas do que inicialmente seria um Recolhimento de devotas.

Possui planta longitudinal com nave de cobertura em caixotões pintados, sacristia acedida por portal manuelino, e Capela renascentista de planta quadrada com cobertura em abóbada nervurada, uma Capela em abóbada artesonada do lado da Epístola, Capela-Mor revestida a talha, artesonada e cujo arco é ladeado por dois altares em talha.

Ostenta ainda um pórtico renascentista em arco redondo enquadrado por alfiz, e à sua direita e ligeiramente acima uma janela que terá pertencido a um coro desaparecido.

Fotografia 9 - Convento de Sta. Iria.



Percurso de automóvel

O percurso de automóvel seguidamente proposto, permite um conhecimento mais vasto do património religioso da cidade, uma vez que possibilita uma abrangência territorial maior e também a deslocação mais facilitada de pessoas com mobilidade condicionada

Além disso, promove a passagem por outros locais como a Mata Nacional dos 7 Montes, em tempos propriedade Templária e onde merece destaque a Charolinha e a Porta da Almedina, o Complexo Cultural da Levada, implantado nos antigos Lagares, central elétrica e moage, ou até o Convento mais conhecido da cidade, o Convento de Cristo.

Havendo, neste caso maior liberdade na organização do percurso, sendo o seguidamente apresentado apenas uma proposta, que inicia no Convento de Cristo, numa ponta da cidade, e termina na Capela de São Lourenço, na estrada que leva à auto-estrada para Lisboa, podendo logo começar por este último ponto, por exemplo, seguindo depois para o interior da cidade.

O pretendido é o conhecimento facilitado e usufruto dos espaços verdes, comércio local, e património religioso, histórico e industrial patente na cidade de Tomar.

Fotografia 1a - Mata Nacional dos 7 Montes.



1 - Ermida de Nossa Senhora da Conceição

Maioritariamente coríntia, construída entre 1530 e 1540 por João de Castilho, e outros que lhe sucederam, implanta-se no morro do castelo, destacando-se da cidade, numa construção calcária que exteriormente aparenta ser de uma nave, mas possui três, e estilisticamente é um exemplar de aparência clássica já com elementos maneiristas.

Trata-se de um pequeno Templo basilical de planta retangular, com falso cruzeiro, e cabeceira em cruz grega, que é exteriormente marcado pelas formas geométricas, frontões lisos, e vãos com modilhões perspetivados.

É acessível por duas portas de linhas retas, e apresenta doze vãos perspetivados e coroados por frontões, sendo todo o edifício em cantaria à exceção da parte superior da ousia que é parcialmente em alvenaria.

Possui um altar-mor de cobertura em abóbada de berço almofadada, ladeado por compartimentos também abobadados, e um falso transepto que cria uma diversidade de coberturas maioritariamente de linhas coríntias.

Fotografia 2a - Ermida de Nossa Sra. da Conceição.



2 - Igreja de São João Baptista

Igreja Matriz da cidade, originalmente de São João da Praça ou Capela do Infante, é anterior a 1401, e atualmente trata-se de um Templo Gótico que possivelmente nunca foi terminado, pois para a fachada principal ser simétrica teria de ter outra torre. É dos monumentos nacionais que melhor representa a arquitetura religiosa nacional do final do reinado de D. João II ao início do de D. Manuel.

De planta retangular, três naves, e cinco tramos de arcos quebrados cruciformes, assentes em quatro feixes de colunas, cobertura de madeira, torre sineira rematada por coruchéu pirâmida, portal principal manuelino flamejante.

Interiormente apresenta Capela-mor ladeada por Capelas que comunicam consigo, de cobertura de abóbada nervurada, púlpito poligonal de calcário branco, rendilhado, altares laterais do séc. XVII em cantaria, uma secretaria no local da antiga sacristia, um Batistério, uma sacristia, anexos, e um pátio interior em L, num conjunto volumétrico horizontal de coberturas distintas.

Fotografia 3a - Igreja de S. João Baptista.



3- Sinagoga

Construção do séc. XV, sendo o único Templo hebraico proto-renascentista no país, transformado em prisão em 1516, e mais tarde em Ermida, palheiro, armazém, arrecadação, adega e celeiro.

Foi adquirida por Samuel Schwarz, que financiou a sua limpeza e desaterro e doou ao Estado para instalação do Museu Luso-Hebraico de Abraão Zacuto.

Era acessível por vão conopial, e possui telhado em telhas mouriscas cobrindo uma planta de 9,50x8,25m, de fachada principal rebocada, pintada

Interiormente é composta por três nave separadas por quatro colunas de cantaria, suportando a cobertura em abóbadas ogivais de tijolo caiado apoiado ainda em doze mísulas, e apresenta atmbém um vão contracurvado do séc. XV.

Fotografia 4a - Interior da Sinagoga.



4 - Igreja da Misericórdia

Pertencente ao Hospital de Nossa Senhora da Graça, é um Templo Maneirista e Rococó datado de 1567, revestido interiormente a azulejos azuis e brancos, e painel sobre madeira no altar lateral do lado da Epístola

Ostenta fachada principal de quatro corpos, nave única e longitudinal com molduras pétreas retangulares de azulejos axadrezados, dois altares colaterais e dois laterais, coro alto assente em colunas de cantaria, e Capela-mor com falsa abóbada, as salas da Irmandade e o Hospital, para além da sacristia e alguns anexos.

5 - Capela de São Gregório

Capela quinhentista de planta octogonal, madeirada em 1535, edificada onde terá existido uma outra anterior a D. Gualdim Pais.

Apresenta cobertura em cúpula, ostenta portal manuelino retangular de verga, é protegida por galilé assente em oito colunas toscanas em três dos seus lados, e possui cobertura facetada.

Detém nave em cúpula, é revestida a azulejos setecentistas, e foi reconstruída em 1497, adoçando-se à Capela-mor retangular, uma sacristia quadrangular de cobertura prismática em barrete de clérigo, com azulejos axadrezados.

Fotografia 5a - Capela de S. Gregório.



6 - Ermida de Nossa Senhora da Piedade

A Ermida de Nossa Senhora da Piedade, ou de Nossa Senhora do Monte, foi mandada edificar no século XIV.

Possuía três portais dos quais o principal se voltava a Poente, um campanário com um sino e um alpendre a Poente e Sul assente em colunas pétreas, sendo o portal ogival antecedido por este mesmo alpendre. Foi reconstruída e restaurada no reinado de Filipe II e, novamente restaurada e modificada em 1613, tendo-se deslocado o campanário para o canto Nordeste e construído o alpendre Norte.

Possui planta longitudinal de nave única, e fachada frontal marcada por um óculo e pelo portal ogival ladeado por duas janelas de cantaria com frontões arquitravados, tendo-se mais tarde edificado muros de suporte, alargado o adro e construído a sua marcante escadaria. Apresenta teto de madeira e púlpito de cantaria, dois altares de madeira dourada e polícroma, e Capela-mor em abóbada de berço.

Fotografia 6a - Ermida de Nossa Sra. da Piedade.



7 - Igreja de Santa Maria do Olival

Em tempos designada de Nossa Senhora da Assunção, ou de Santa Maria de Selho, foi considerada Monumento Nacional desde 1910 e cuja data de construção original é desconhecida, foi reconstruída no séc. XIII, com linhas góticas e características paleocristãs na volumetria tripartida e destaque da nave central, não ostenta torre sineira acoplada porque só no séc. VII d.C. se começaram a usar sinos e o Templo original era bem anterior, devendo apenas restar da Igreja Templária a cantaria da fachada principal e pequeno óculo, e as frestas de parte superior arredondada que iluminam as naves laterais.

Esta Igreja de três naves e cinco tramos, apresenta pilares cruciformes sem capitéis e articulados pelos doze arcos ogivais que dividem as naves, galeria a Sul, cobertura de madeira apainelada, cabeceira, tripartida e escalonada, além de abside poligonal de abóbada artesonada, sacristia quadrada acessível por porta renascentista, e Capelas Maneiristas a Sul.

Fotografia 7a - Igreja de Sta. Maria do Olival.



8 - (Convento) Igreja de Santa Iria

A igreja de Santa Iria, padroeira da cidade, data de 1536 e incorporava o Convento do mesmo nome fundado em 1467 sobre as ruínas do que inicialmente seria um Recolhimento de devotas.

De planta longitudinal com nave de cobertura em caixotões pintados, sacristia acedida por portal manuelino, e Capela renascentista de planta quadrada com cobertura em abóbada nervurada, uma Capela abóbada do lado da Epístola, Capela-Mor revestida a talha, de arco ladeado por dois altares em talha.

Ostenta ainda um pórtico renascentista em arco redondo enquadrado por alfiz, e à sua direita e ligeiramente acima uma janela que terá pertencido a um coro desaparecido.

Fotografia 8 - Arco do Convento de Sta. Iria.

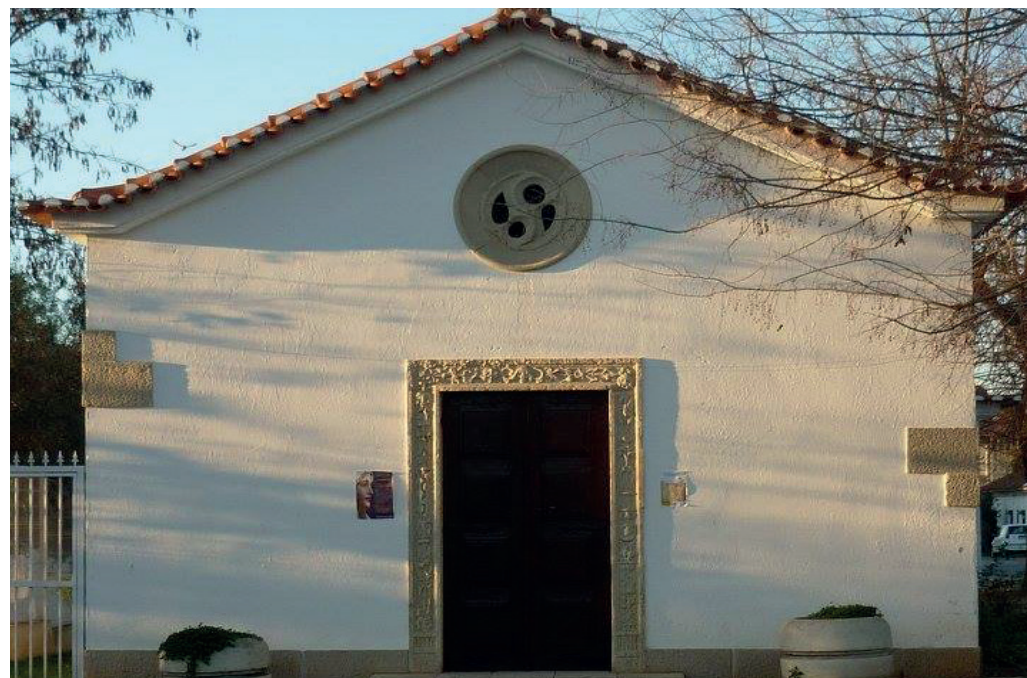


9 - Capela de Santo António

Foi construída entre 1953 e 1955, mas contém elementos arquitetónicos de uma Ermida renascentista cinco séculos mais antiga que se localizaria perto do Aqueduto dos Pegões. Em 1953 edificou-se o Templo atual com o portal principal renascentista e Capela-mor nervurada provenientes da original, ou seja em arco Gótico datado do século XV e abóbada de artesões.

Mais tarde incluíram-se alguns elementos de edificações demolidas, como a rosácea, as vergas das portas, as cantarias renascentistas da porta de serviço e os azulejos hispano-árabes do altar provenientes.

Fotografia 9 - Capela de Sto. António.



10 - Convento de São Francisco

Originalmente designado de Convento de Vale Bom por se localizar no vale com este nome, passando a ser de São Francisco quando se implantou onde hoje se encontra, trata-se de uma construção Maneirista de 1625, sendo o único Templo Barroco de Tomar.

Apresenta fachada principal de três panos, com o portal principal com frontão, vãos rematados por aletas, e atrás da aleta direita a torre sineira.

Interiormente, a sua Igreja Barroca de planta longitudinal, possui Capela-mor pouco de cobertura em abóbada de berço, nave sem transepto, quatro Capelas de cada lado, coro-alto sobre três arcos abatidos, a antiga Capela dos Terceiros em abóbada de berço, e a sacristia de cobertura em abóbada de berço rebaixado.

Fotografia 10 - Convento de S. Francisco.



11 - Capela de São Lourenço

A 10 de agosto de 1385, dia do mártir São Lourenço, as hostes de D. João I juntaram-se às do Condestável D. Nuno Álvares Pereira no local onde hoje se encontra esta Capela, rumo a Aljubarrota, marcando o Templo e o Padrão este mesmo encontro.

Esta obra da autoria de Aires de Quental e reconstruída em 1925, trata-se de um pequeno Templo manuelino, marcado pelo seu alpendre assente em pilares quadrangulares apoiados num murete, acessível por portal manuelino de verga golpeada e ombreiras lisas.

Numa das fachadas laterais foi colocado em 1948 um painel de azulejos evocativo da presença das tropas do Condestável em Tomar, possui planta retangular, sacristia retangular, e abside semicircular de cobertura em quarto de esfera, e interiormente ostenta teto de madeira, azulejos de xadrez azul e branco do século XVI nas paredes, e altar de frontal revestido a azulejos mudéjares.

Fotografia 11 - Padrão azulejar da Capela de S. Lourenço.



8 - Conclusão

Com este trabalho pode constatar-se que, muito do que hoje observamos não revela pelo que passou cada edifício que hoje visitamos, como o Convento de Santa Iria ou a Igreja de Santa Maria do Olival, ambas erigidas sobre Mosteiros Beneditinos mas que hoje são tão distintas, como se pode observar nas fotografias captadas pela autora, ou o Convento de S. Francisco, que serviu até de paiol e hoje alberga o Museu dos fósforos e instalações camarárias, só mantendo o carácter religioso, a Igreja de São Francisco.

As Igrejas dos dois Conventos em estudo são totalmente diferentes, sendo a do Convento de Santa Iria acessível por pórtico renascentista em arco redondo e de cobertura de caixotões pintados, possuindo Capela-mor de abóbada artesonada revestida a talha, e a de São Francisco acedida por portal de pilastras toscanas e entablamento liso possuindo cobertura de abóbada de berço em alvenaria caiada, e a Capela-mor Capela-mor em abóbada de berço com caixotões pétreos.

Como seria de prever, alguns dos edifícios em estudo já não apresentam a traça original, como é o caso da Igreja de Santa Maria do Olival que, embora seja de origem medieval, já pouquíssimo apresenta desta época, e que embora seja da mesma altura da Igreja de São João Baptista, difere da segunda na torre sineira destacada, na galeria Sul, na ausência de Batistério e coro-alto, ou na existência de Capelas laterais comunicantes entre si.

Alguns dos monumentos analisados cresceram conforme a importância, dimensão e população da vila, posteriormente elevada a cidade, o exigia, mesmo com as quebras económicas e Invasões que muito se fizeram sentir ao longo dos anos, como é o caso da Igreja de São João Baptista, que começou por ser uma pequena Capela, até ser necessária a demolição desta para construção de um Templo de outra envergadura.

Fica também clara a diversidade de edifícios patentes na cidade de Tomar, mesmo que nos foquemos numa só tipologia, como é o caso das Capelas, que neste trabalho são representadas pela de Santo António de planta e ousia rectangulares, pela de S. Lourenço de planta rectangular, ousia semi-circular e entrada antecedida de alpendre, e a de S. Gregório de planta octogonal, antecedida de uma galilé que a envolve parcialmente.

E que, mesmo que nos foquemos nas Ermidas, se a Ermida de Nossa Sra. da Conceição é um Templo basilical de planta retangular e três naves, que exteriormente aparentam ser de uma só, e é maioritariamente em cantaria, a de Nossa Sra. da Piedade apresenta nave única com teto de madeira e é exteriormente marcada por um alpendre que a envolve parcialmete a Norte, Sul e Poente e parcialmente revestida a azulejo no seu interior.

Não esquecendo a Sinagoga, que para além de ser um Templo de uma religião distinta da dos restantes casos de estudo, trata-se da única Sinagoga proto-renascentista de Portugal, e mesmo depois de toda a história que envolveu a comunidade Judaica e as várias utilizações que este espaço teve após a expulsão dos Judeus, não perdeu parte da sua traça original e voltou mesmo a ser local de culto.

Podendo concluir-se que, mesmo sem nos alargarmos muito no que ao património religioso da cidade de Tomar diz respeito, e ficando apenas pelos monumentos que se localizam mais próximos do centro urbano, o património histórico religioso observado é um espelho da história nacional, e arquitetonicamente de grande variedade e valor, sendo de todo o interesse a abertura ao público dos que se encontram encerrados, o alargamento dos horários mais restritos, e a divulgação informada da cidade Templária que não se restringe ao monumental Convento de Cristo.

Propondo-se então dois percursos pelo património estudado nesta Dissertação.

Um realizável a-pé, mais curto, para quem se desloque à cidade por transportes públicos ou simplesmente queira deixar o carro de lado e percorrer, calma e livermente cada recanto desta histórica a cidade, sem prejuizo de estradas sem circulação rodoviária ou do trânsito inerente à circulação automóvel.

E outro executável de automóvel para quem quiser conhecer melhor uma área mais vasta ou tenha mobilidade mais condicionada, que permite paragem em pontos mais distantes do centro como a Ermida de Nossa Senhora da Piedade ,ou a Capela de São Lourenço.

Possibilitando, qualquer um deles, um melhor conhecimento da variedade arquitetónica e patrimonial da cidade, que reflete também, de certo modo, a história do país, além da promoção do comércio e restauração locais.

Índice de Imagens:

- Imagens

- Img. 1- Torre do castelo Templário. - Fotografia da autora
Img. 2- Muralha do castelo Templário.- Fotografia da autora
Img. 3- Muralha do castelo Templário. - Fotografia da autora
Img. 4- Vista urbana do Castelo Templário. - Fotografia da autora
Img. 5- Pormenor da Charola. - Fotografia da autora
Img. 6- Claustro do Convento de Cristo e Charola. - Fotografia da autora
Img. 7- Açude do rio Nabão. - Fotografia da autora
Img. 8- Ponte de origem romana. - Fotografia da autora
Img. 9- Roda hidráulica do rio Nabão. - Fotografia da autora
Img. 10- Aqueduto dos Pegões Altos. - Fotografia da autora
Img. 11- Junção do Aqueduto ao Convento de Cristo. - Fotografia da autora
Img. 12- Antigo Hospital militar anexo ao Convento de Cristo. - Fotografia da autora
Img. 13- Calçada de Santiago para o Castelo. - Fotografia da autora
Img. 14- Antigo Hospital militar e topo da Charola (vista parcial). - Fotografia da autora
Img. 15- Praça com Igreja de S. João Baptista ao fundo. - Fotografia da autora
Img. 16- Capela de S. Gregório. - Fotografia da autora
Img. 17- Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autora
Img. 18- Aqueduto dos Pegões Altos. - Fotografia da autora
Img. 19- Vista sobre a cidade. - Fotografia da autora
Img. 20- Destaque da Igreja de São João na malha urbana. - Fotografia da autora
Img. 21- Vista sobre a cidade. - Fotografia da autora
Img. 22- Vista da muralha Templária. - Fotografia da autora
Img. 23- Vista urbana do castelo Templário. - Fotografia da autora
Img. 24- Início inferior da escadaria de Nossa Sra. da Piedade. - Fotografia da autora
Img. 25- Rua Serpa Pinto (Corredoura). - Fotografia da autora

Img. 26- Praça da República. - Fotografia da autora
Img. 27- Alameda 1 de Março. - Fotografia da autora
Img. 28- Eixo da “Ponte Velha”. - Fotografia da autora
Img. 29- Eixo da “Ponte Velha”. - Fotografia da autora
Img. 30- Levada que direcionava a água para as moagens, lagares, e central elétrica. - Fotografia da autora
Img. 31- Coreto presente num dos jardins da cidade. - Fotografia da autora
Img. 32- Aqueduto dos Pegões Altos. - Fotografia da autora
Img. 33- Palácio D. Manuel, atual Câmara Municipal. - Fotografia da autora
Img. 34- Vãos do edifício em que Castilho permaneceu na sua passagem pela cidade. - Fotografia da autora
Img. 35- Vista exterior do coro-alto do Convento de Cristo. - Fotografia da autora
Img. 36- Fonte do Claustro principal do Convento de Cristo. - Fotografia da autora
Img. 37- Igreja Românica do Convento de Cristo (Charola). - Fotografia da autora
Img. 38- Fachada principal da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival. - Fotografia da autora
Img. 39- Vista interior da rosácea da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival. - Fotografia da autora
Img. 40- Janela Manuelina do Capítulo. - Fotografia da autora
Img. 41- Rosácea da fachada principal da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival. - Fotografia da autora
Img. 42- Óculo na fachada posterior da Igreja Gótica de Sta. Maria do Olival. - Fotografia da autora
Img. 43- Interior da Ermida Renascentista de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autora
Img. 44- Letreiro na Ermida Renascentista de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autora
Img. 45- Frontão em fachada lateral da Ermida Renascentista de Nossa Senhora da Conceição. - Fotografia da autora

Img. 46- Interior da Igreja Barroca de S. Francisco. - Fotografia da autoria
Img. 47- Capela da Igreja Barroca de S. Francisco. - Fotografia da autoria
Img. 48- Ruínas do Castelo Templário. - Fotografia da autoria
Img. 49- Ruínas do Castelo Templário. - Fotografia da autoria
Img. 50- Entrada do Castelo Templário. - Fotografia da autoria
Img. 51- Igreja de Sta. Maria do Olival, construída sobre Mosteiro Beneditino. - Fotografia da autoria
Img. 52- Convento de Sta. Iria, construído sobre Mosteiro Beneditino. - Fotografia da autoria
Img. 53- Vista da Igreja de S. Francisco. - Fotografia da autoria
Img. 54- Vista da Igreja de S. Francisco. - Fotografia da autoria
Img. 55- Vista do Convento de S. Francisco. - Fotografia da autoria
Img. 56- Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 57- Ermida de N. Sra. da Piedade. - Fotografia da autoria
Img. 58- Fachada posterior da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 59- Fachada principal da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 60-Vista da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 61-Vista da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 62-Teto da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 63-Vista da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 64-Falso cruzeiro da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 65-Alçado direito da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 66-Alçado esquerdo da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 67-Interior da Ermida de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autoria
Img. 68-Destaque do terraço na cobertura. - Fotografia da autoria
Img. 69-Destaque da abóbada na cobertura. - Fotografia da autoria
Img. 70-Escadaria para o terraço. - Fotografia da autoria

Img. 71-Pormenor da entrada. - Fotografia da autora
Img. 72-Pormenor do frontão. - Fotografia da autora
Img. 73--Vista interior do portal principal de N. Sra. da Conceição. - Fotografia da autora
Img. 74-Fachada principal da Ermida de N. Sra. da Piedade. - Fotografia da autora
Img. 75-Entrada da Ermida de N. Sra. da Piedade. - Fotografia da autora
Img. 76-Púlpito da Ermida de N. Sra. da Piedade. - Fotografia da autora
Img. 77-Coberturas da Capela de S. Gregório. - Fotografia da autora
Img. 78-Vista da Capela de S. Lourenço. - Fotografia da autora
Img. 79-Fachada principal e esquerda da Capela de Sto. António. - Fotografia da autora
Img. 80-Fachada posterior e esquerda da Capela de Sto. António. - Fotografia da autora
Img. 81-Capela de S. Gregório. - Fotografia da autora
Img. 82-Enquadramento do Portal da Capela de S. Gregório. - Fotografia da autora
Img. 83-Fachada principal da Capela de S. Lourenço. - Fotografia da autora
Img. 84-Fachada lateral esquerda da Capela de S. Lourenço. - Fotografia da autora
Img. 85-Fachada Sul e topo da torre da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora
Img. 86-Interior visto da entrada lateral da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora
Img. 87-Vista do Hospital e Igreja da Misericórdia. - Fotografia da autora
Img. 88-Entrada da Igreja da Misericórdia. - Fotografia da autora
Img. 89-Entrada da Sta. Casa da Misericórdia. - Fotografia da autora
Img. 90-Fachada frontal da Igreja de S. João. - Fotografia da autora
Img. 91-Vista parcial da torre sineira da Igreja de S. João. - Fotografia da autora
Img. 92-Torre sineira da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 93-Pormenores das coberturas da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 94-Relógio de Sol na Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 95-Portal da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 96-Portal Sul e da Secretaria da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 97-Fachada Norte da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 98-Púlpito da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 99-Vista da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 100-Vista da cúpula da torre sineira da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 101-Portal Norte da Igreja de S. João. - Fotografia da autora

Img. 102-Vista exterior da rosácea da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 103-Vista exterior esquerda da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 104-Lápide de D. Gualdim Pais. - Fotografia da autora

Img. 105-Vista posterior da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 106-Vista interior da entrada da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 107-Nave lateral Sul e Capelas laterais da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 108-Galeria Sul da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 109-Vista da fachada Sul da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 110-Torre sineira vista da entrada da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 111-Interior da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 112-Enquadramento interior do Portal Norte da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 113-Enquadramento exterior do Portal Norte da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 114-Altar de azulejo presente em Capela lateral da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 115-Pormenor do teto azulejar da Capela Colateral do lado do Evangelho da Igreja de Sta. Maria. - Fotografia da autora

Img. 116-Vista sobre a entrada do Convento de Cristo. - Fotografia da autora

Img. 117-Vista do Claustro principal do Convento de Cristo. - Fotografia da autora

Img. 118-Vista do Convento de S. Francisco e do Castelo. - Fotografia da autora

Img. 119-Vãos ritmados do Convento de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 120-Capela lateral da Igreja de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 121-Vista do coro-alto da Igreja de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 122-Enquadramento do portal da Igreja de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 123-Acesso ao pátio ajardinado do Convento de S. Francisco.

Img. 124-Pátio ajardinado do Convento de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 125-Vista do Convento de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 126-Pormenor da fachada principal do Convento de S. Francisco. - Fotografia da autora

Img. 127-Entrada da Igreja e acesso ao Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora

Img. 128-Arco e Frontão da Capela dos Vales- Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora

Img. 129-Portal da Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora

Img. 130-Fachada Norte do Convento de Sta. Iria, junto à ponte de origem romana. - Fotografia da autora

Img. 131-Fachada Norte do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora

Img. 132-Enquadramento da Janela do antigo coro alto da Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora

Img. 133-Fachada Poente do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 134-Fachada Poente do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 135-Fachada Nascente do Convento e Arco de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 136-Arco de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 137-Entrada do Café Sta. Iria pela fachada Nascente do Convento. - Fotografia da autora
Img. 138-Vista parcial das Fachadas Norte e Nascente do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 139-Perspetiva do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 140-Trapeira triangular do Convento de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 141-Altar da Capela dos Vales – Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 142-Altar-mor da Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 143-Teto da Capela-mor da Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 144-Capela-mor e altares laterais da Igreja de Sta. Iria. - Fotografia da autora
Img. 145-Menorah judaico. - Fotografia da autora
Img. 146-Hamsá judaico. - Fotografia da autora
Img. 147-Interior da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 148-Vãos superiores na Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 149-Enquadramento de vão da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 150-Sistema acústico da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 151-Altar enquadrado com entrada atual da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 152-Altar da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora
Img. 153-Vestígios do mikveh. - Fotografia da autora
Img. 154-Vestígios do mikveh. - Fotografia da autora
Img. 155-Vestígios do mikveh. - Fotografia da autora
Img. 156-Acesso original da Sinagoga tomarense. - Fotografia da autora

- Esquema

Planta da cidade, realizada pela autora a partir de carta militar adquirida ao Instituto Geográfico do Exército

- Fotografias

Fotografia 1 - Estátua do militar desconhecido. - Da autora

Fotografia 2 - Convento de S. Francisco. - Da autora

Fotografia 3 - Interior da Igreja da Misericórdia - Da autora

Fotografia 4 - Interior da Sinagoga. - Da autora

Fotografia 5 - Igreja de S. João Baptista. - Da autora

Fotografia 6 - Capela de S. Gregório. - Da autora

Fotografia 7 - Interior da Capela de Santo António - Da autora

Fotografia 8 - Igreja de Sta. Maria do Olival. - Da autora

Fotografia 9 - Convento de Sta. Iria. - Da autora

Fotografia 1a - Mata Nacional dos 7 Montes. - Da autora

Fotografia 2a - Ermida de Nossa Sra. da Conceição. - Da autora

Fotografia 3a - Igreja de S. João Baptista. - Da autora

Fotografia 4a - Interior da Sinagoga. - Da autora

Fotografia 5a - Capela de S. Gregório. - Da autora

Fotografia 6a - Ermida de Nossa Sra. da Piedade. - Da autora

Fotografia 7a - Igreja de Sta. Maria do Olival. - Da autora

Fotografia 8 - Arco do Covento de Sta. Iria. - Da autora

Fotografia 9 - Capela de Sto. António. - Da autora

Fotografia 10 - Convento de S. Francisco. - Da autora

Fotografia 11 - Padrão azulejar da Capela de S. Lourenço. - Da autora

- Desenhos

Des. 1 - Axonometria da Ermida de N. Sra. da Conceição- Feito pela autora com base em axonometria do SIPA.

Des. 2 - Alçado frontal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

Des. 3 - Alçado lateral direito da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

Des. 4 - Corte transversal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

Des. 5 - Planta principal da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

Des. 6 e 7 - Planta inferior e superior da Ermida de N. Sra. da Piedade- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

Des. 8 - Fachada principal da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.

Des. 9 - Fachada lateral direita da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.

Des. 10 - Fachada lateral esquerda da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.

Des. 11 - Fachada posterior da Capela de Sto. António- Levantamento e desenho realizado pela autora.

Des. 12 - Planta da Capela de S. Gregório- Feito pela autora com base em planta do SIPA.

Des. 13 - Planta da Igreja de S. João à cota das coberturas- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

Des. 14 - Planta da Igreja de S. João à cota das frestas- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

Des. 15 - Planta da Igreja de S. João à cota do coro-alto- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

Des. 16 - Planta da Igreja de S. João à cota da entrada- Feito pela autora com base na planta do SIPA.

Des. 17 - Alçado principal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 18- Alçado Sul da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 19 - Alçado posterior da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 20 - Alçado Norte da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 21 - Corte transversal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 22 - Corte longitudinal da Igreja de Sta. Maria- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 23 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota das frestas- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 24 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota da galeria Sul- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 25 - Planta da Igreja de Sta. Maria à cota das Capelas- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 26 - Planta inferior do Convento de S. Francisco- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 27 - Planta superior do Convento de S. Francisco- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 28 e 29 - Corte AA' e BB' do Convento de S. Francisco (em cima e em baixo respetivamente) - Feitos pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 30 - Planta do piso 0 do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 31 - Planta do piso 1 do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 32 - Planta do piso 2 do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 33 - Planta das coberturas do Convento de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 34 - Planta da Igreja de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 35 - Corte transversal da Igreja de Sta. Iria- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Des. 36 - Planta da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 37 - Corte da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos do SIPA.

Des. 38 - Alçado frontal da Sinagoga Tomarense- Feito pela autora com base nos desenhos fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar.

Bibliografia e bibliotecas consultadas

- Livros

AFONSO, Luís Urbano - As sinagogas portuguesas e o tardo-gótico. AR-TIS – Instituto de História da Arte, FLUL, p.123

ALMEIDA, José António Ferreira - Tesouros Artísticos de Portugal. Lisboa, 1976

AZEVEDO, José Correia de - Portugal Monumental, Inventário Ilustrado. Tomo VI, Ribatejo. Algés, 1993

BORGES, Nelson Correia - João de Ruão: escultor da Renascença Coimbrã, Faculdade de Letra da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1980

CHICÓ, Mário - A Arquitectura Gótica em Portugal, Livros Horizonte, Lisboa, 1981

COELHO, Maria de Conceição Pires - A Igreja de Conceição e o Claustro de D. João III do Convento de Cristo de Tomar, Santarém, 1987. D.L. nº 14375/86

Comissão de Iniciativa de Turismo do concelho de Tomar, Ermida da Conceição = Chapelle de l'Immaculée Conception = Chapel of the Conception, Tomar

Comissão de Iniciativa de Turismo do Concelho de Tomar, Igreja de S. João Baptista. Église de St. Jean Baptiste. Church of St John the Baptist., Tipografia de "O CARLITOS", Lisboa

CONDE, Manuel Sílvio Alves - TOMAR MEDIEVAL, o espaço e os Homens (séculos XIV-XV). Lisboa, 1988

CORREIA, José Eduardo Horta - Arquitectura portuguesa : Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão. Lisboa, Editorial Presença, 2002. ISBN 972-23-1442-4

COUTO, José Jorge, ROSA, João Alberto -TOMAR- Perspectivas. Tomar, 1991. D.L. nº49084/91

DA PONTE, Salete - Inserção do Forum de Sellium no Tecido Urbano de Tomar

DA PONTE, Salete - INTERFACES CULTURAIS EM TOMARCIDADE, Imp. Tipografia Central do Entroncamento, 2012

DA PONTE, Salete - SELLIIUM, Tomar romana. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da E. S. T. T. Imp. A Gráfica de Tomar, 1989. D.L. nº 27379/89

DIAS, Pedro - A arquitectura gótica portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. ISBN:972-33-0984-X

DIAS, Pedro - A arquitectura manuelina. Vila Nova de Gaia, 2009

DIAS, Pedro - História da Arte em Portugal: O Manuelino, vol5. Lisboa, Publicações Alfa, 1986. Depósito Legal: B.10.516-1986

DIAS, Pedro - Manuelino, À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I, Lisboa: Electa (Grupo Editorial Random House Mondadori, S. L.), 2002. ISBN:972-26-2098-3

DIAS, Pedro, Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510 - Aspectos Artísticos, Coimbra, 1979;

DIONÍSIO, Sant'Anna - Guia de Portugal: Estremadura, Alentejo e Algarve. Lisboa, 1927

FERNANDES, José Manuel - Arquitectura portuguesa : uma síntese. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006

FRANCO, José Eduardo - Dicionário Histórico das Ordens: Institutos Religiosos e outras formas de vida Consagrada Católica em Portugal

Gabinete de Educação e Cultura da C. M. T.. Tomar: A gráfica de Tomar, 1982. D. L. 203/82

Gabinete de Educação e Cultura da C.M.T., TOMAR NA ARTE ANTIGA, 1983

GUERRA, Antónia - TOMAR LENDÁRIO, BERTRAND (IRMÃOS) LDA.. Lisboa, 1934

GUIMARÃES, Vieira - Monumentos de Portugal: Thomar. Associação dos Archeologos Portuguezes.Porto: Litografia Nacional-Edições, 1929

KUBLER, George - A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706. Lisboa, Veja LDA., 1988. Depósito Legal nº 22276/88

MARKL, Dagoberto - História da Arte em Portugal. O Renascimento vol6. Lisboa, Publicações Alfa, 1986. Depósito Legal: B.10.516-1986

PEREIRA, Paulo - Arte Portuguesa. HISTÓRIA ESSENCIAL, Círculo de Leitores, 2011, ISBN:978-989-644-153-1

PEREIRA, Sandra Isabel Carvalho – Ermidas do Litoral Algarvio: casos de estudo (Texto policopiado) Évora: (S.n.), 2016. Dissertação de Mestrado

PINTO, Ricardo Santos - Tomar- Na Terra dos Templários, Hestia editores, 2004. ISBN 972-8741-10-3

ROSA, Amorim - DE TOMAR. Casa Portuguesa, Lisboa, 1960

ROSA, Amorim - História de Tomar

SARAIVA, José Hermano - História de Portugal 1245-1640, vol. 2. Lisboa: Publicações Alfa, 1987

SCHWARZ, Samuel - PROJECTO DE ORGANIZAÇÃO DE UM MUSEU LUSO-HEBRAICO NA ANTIGA SINAGOGA DE TOMAR, Lisboa: Gráfica SANTELMO, 1939

SERRÃO, Vítor - História da Arte em Portugal. O Maneirismo, vol7. Lisboa, Publicações Alfa, 1986, Depósito Legal: B.10.516-1986

SIMÕES, J. M. Dos Santos - Azulejaria em Portugal no século XVII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997

SOUSA, J. M. - Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar. Tipografia Silva Magalhães. Tomar: Reedição Fábrica Mendes Godinho S.A., 1903

TEIXEIRA, F. A. Garcez - A antiga sinagoga de Tomar. Lisboa: Tip. do Comércio, 1925

TEIXEIRA, F. A. Garcez- PORTUGAL, A ARTE: OS MOVIMENTOS: A PAISAGEM: OS COSTUMES AS CURIOSIDADES-TOMAR, Agência Geral da Neogravura. Lisboa

TERENO, Maria do Céu - SALVAGUARDA DE MONUMENTOS ARQUITECTÓNICOS DE CARÁCTER RELIGIOSO – A SÉ DE ÉVORA TRINCÃO, Carlos. De Ser, Razão, TOMAR, Terra Templária, Gabinete de Publicações C.M.T., Agosto de 2004, D.L 215793/04

VELOSO, Carlos, Igreja de Santa Maria do Olival = Church of Sta. Maria do Olival; Razão de Ser, Tomar, Março de 2003; ISBN 972-8607-17-2

VELOSO, Carlos - Igreja de S. Joao Baptista = St. John's Church, Razão de Ser, Tomar, Junho de 2000, ISBN 972-8607-02-4

- websites

cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-n--a-s-a-da-conceição

cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-n--a-s-a-da-piedade

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-santo-antónio>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-são-gregório>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-são-lourenço>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#igreja-da-nossa-senhora-da-graça>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#igreja-de-são-joão-baptista>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#igreja-de-santa-maria-do-olival>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#igreja-e-convento-de-são-francisco>

<http://cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/patrimonio#capela-de-santa-iria>
cm-tomar.pt/index.php/pt/visitar-2/sinagoga dicionario.priberam.org/capela
dicionario.priberam.org/convento
dicionario.priberam.org/igreja
infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/convento
infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/igreja
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3354
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=7841
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=36163
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6537
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6288
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2029
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6420
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6538
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6537
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2074
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3997
<http://www.DeepL.com/Translator>

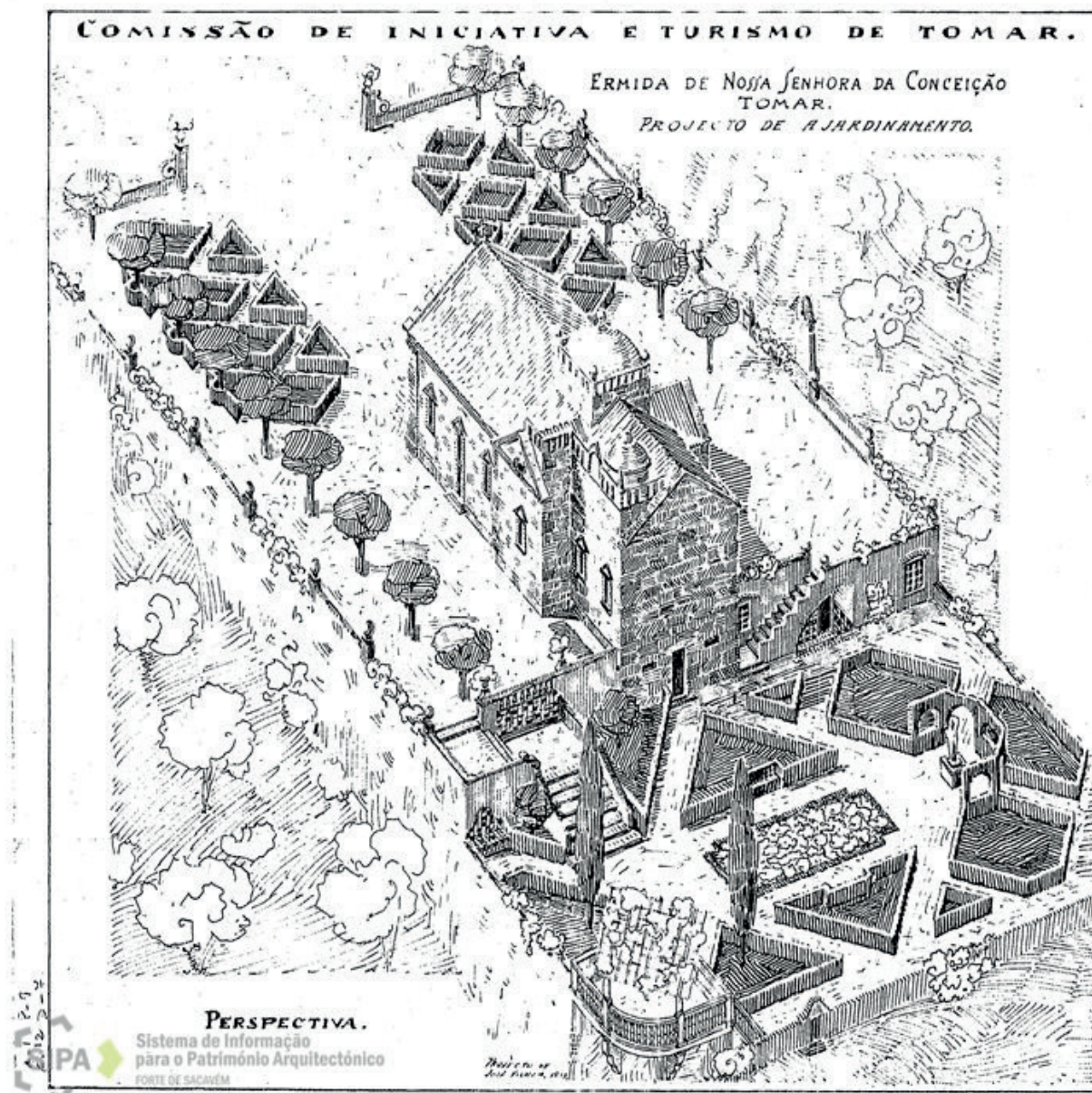


Figura 1 - Desenho que serviu de base para axonometria da Ermida de Nossa Sra da Conceição - retirado de: monumentos.gov.pt/site/app_page-user/SIPA.aspx?id=3354)

ALA NASCENTE



Serviços Técnicos
de Obras
Entrada N.º 6128
12 FFV 1987

ALA NORTE



Serviços Técnicos
de Obras
Entrada N.º 6128
12 FFV 1987

ALA NASCENTE



Figura 2,3 , 4 e 5 - Registos de intervenções realizadas no Convento de São Francisco nos anos 80 do século XX - Fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

ALA NORTE



Serviços Técnicos
de Obras
Entrada Nº 6128
12 FEV. 1978

ZONA DE ESCADA - ALA NORTE



Serviços Técnicos
de Obras
Entrada Nº 6128
12 FEV. 1978

ALA NASCENTE



Figura 6, 7, 8, e 9 - Registos de intervenções realizadas no Convento de São Francisco nos anos 80 do século XX- Fornecidos pelo Arquivo Municipal de Tomar

